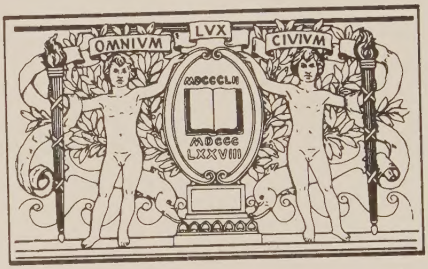
o livre

J.A.GAIARSA

FAMÍLIA E POLÍTICA

ícone editora



BOSTON
PUBLIC
LIBRARY

WITHDRAWN
No longer the property of the Boston Public Library.
Sale of this material benefits the Library

FAMÍLIA E POLITICA

Dados de Catalogação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gaiarsa, José Ângelo, 1920.
G131 Família e política / J. A. Gaiarsa.—
São Paulo : Ícone, 1988

ISBN 85–274–0054–5

1. Família 2. Família – Aspectos políticos 3. Família – Aspectos sociais I. Título.

88–1439 CCD–306.85

Índices para catálogo sistemático:

1. Família : Aspectos políticos : Sociologia 306.85
2. Família : Aspectos sociais : Sociologia 306.85
3. Família : Sociologia 306.85

j.a. gaiarsa

FAMÍLIA E POLITICA

ícone editora

©Copyright 1988, Ícone Editora Ltda

Coleção – Corpo Livre

Produção – *José Carlos Santa Luzia*

Capa - *Wagner Veneziani Costa*

Arte – *Anízio de Oliveira*

Revisão – *Rosa Maria Cury Cardoso*

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial desta obra.

ÍCONE EDITORA LTDA
Rua Anhangüera, 56/66 – Cep. 01135
Fones (011) 826-9625 / 826-7074
São Paulo – SP – Brasil

QUAL A INTENÇÃO DESTE PANFLETO RADICAL

Influir sobre a Constituinte e sobre a mentalidade coletiva, no sentido de que seja feita uma revisão a fundo da milenar e consagrada Instituição – A Família – que está, deveras, muito longe de ser O QUE SE DIZ dela em público. Ela está MUITO mais próxima das infindáveis queixas de todos, feitas em particular, ou apenas no íntimo; próxima, sobretudo, de uma soma infinita de sofrimento pessoal, fundo, fundo, de quase todos, pela vida toda. Nem na última campanha eleitoral (1986) nem na nova Constituinte ouço a menor alusão a qualquer espécie de discussão ou reforma das regras e leis relativas à família. Continuam todos no pressuposto – seriamente contestável – de que a família é uma instituição perfeita, e que tocar nela é abalar as bases da sociedade.

O que é verdade!

Se a sociedade fosse uma maravilha – a brasileira ou qualquer outra – eu não teria nada a dizer contra, e me juntaria ao coro cósmico. Mas sabemos, bem demais, que a atual aldeia global é uma soma espantosa de injustiças, opressões, explorações, violência, violência, violência e ameaças monstruosas de destruição planetária – consagração final de uma História da Humanidade que é uma vergonha e um horror. Se a família é o centro deste caos – *e eu acredito que ela seja* – então precisamos revê-la a fundo.

Concordo, sei e estou com todos quando dizem que a família é a primeira e a mais fundamental das instâncias formativas do ser humano. Mas – como se diz em todos os tons – se a família fosse tão boa, como poderia o mundo – como poderiam os homens, quase todos nascidos da Família – ser tão ruim?

No exame áspero e implacável que fazemos da família, neste livro, mostraremos suas deficiências – que são imensas. Compreenderemos porque o mundo dos homens é tão ruim, porque nos desentendemos tanto, nos maltratamos tanto – e porque somos tão estúpidos a ponto de estarmos tão próximos de uma auto-aniquilação.

Meu livro é sintético, radical e compacto. Parecerá um desabafo emocional – e irracional. Mas quem souber ler nas entrelinhas verá que minhas fontes, minhas estatísticas, meus estudos e experiências são extensos e profundos. Não pretendi fazer tese científica – o tema é quente e urgente demais para estas amenidades acadêmicas. Pretendi – pretendo – chocar, comover, impressionar – despertar.

Consideremos o Mito ou a Ideologia familiar.

Qualquer Amélia que se veja com um nenê no colo passa imediatamente a ser considerada Nossa Senhora, a Grande Mãe perfeita que tudo compreende, perdoa, nutre, ama, cuida, protege...

Mas a Amélia não é nada disso. É um ser humano, bem semelhante a todos os demais, com uma soma fantástica de ignorância, incertezas, angústias, mesquinhez, egoísmo, possessividade, ambição e mais ingredientes próprios de nossa raça. Papai São José, principalmente no Brasil, é de regra um alcoólatra crônico (50% dos pais brasileiros o são); mas, sabeis, Pai é Pai. Respeito pois! Mesmo bêbado ele é sábio, sabe o que faz e invariavelmente deseja e trabalha para o bem de seus filhos. O nível de inverdade, de exagero e de puerilidade desta ideologia – TÃO EVIDENTEMENTE CONTRÁRIA À MAIS COMEZINHA OBSERVAÇÃO DA REALIDADE – só pode significar uma coisa: estamos tapando um buraco gigantesco com um cenário de Hollywood. Exatamente como se fez na Alemanha Nazista: sob as roupagens e cenários monumentais das fanfarras e dos discursos inflamados crescia e atuava uma fantástica máquina de opressão e exploração cruel, implacável, falsa e sobretudo violenta.

A história é tão velha quanto a História. Para os homens, desde sempre, quanto maior a mentira, mais fácil acreditar nela – NA CONVERSA!

Este livro é extremamente exigente em relação ao leitor. A cada página se destrói um mito querido (muito falado) e em seu lugar surge um fantasma ameaçador. Quase todas as decantadas virtudes da família são viradas pelo avesso – e esse avesso é sombrio, precário, triste ou assustador.

Um a um os males de todos nós vão surgindo – do seio da Sagrada Família. Tente leitor. Mas não sei se você vai ter coragem de chegar ao alegre final. Alegre, sim. O último capítulo foi escrito para desanuviar o espírito, pesado de tanta evidência deprimente.

E, antes do final, há um capítulo a meu ver bastante animador – o das soluções. Se você tem alguma abertura de espírito, verá que as soluções propostas são viáveis e podem mudar radicalmente o cenário sombrio. É aí que se contêm as sugestões para a nova Constituinte.

Digitized by the Internet Archive
in 2026

https://archive.org/details/isbn_8527400545

DE QUE FORMA O PRECONCEITO RESPONDE PELA INSENSATEZ COLETIVA?

O preconceito funciona real e exatamente como o tapa-olho dos animais de tiro (de *carroça* meu jovem; senão você vai pensar que estou recomendando que se matem os cavalos...).

As pessoas só vêem *naquela* direção – e em MAIS NENHUMA.

O exemplo melhor está invariavelmente na Família. "Não te separes, pelo amor de Deus ! Que será de teus filhos!" Logo depois vêm os psicólogos e sociólogos com profundos estudos estatísticos mostrando, com toda a evidência dos números, que filhos de pais separados têm problemas seríssimos. NINGUÉM, NINGUÉM e mais uma vez NINGUÉM se pergunta sobre as desgraças DOS FILHOS DOS PAIS QUE PERMANECEM CASADOS.

Este livro ímpio que você tem em mãos não fala de outra coisa o tempo todo: o que acontece com A HUMANIDADE por causa da família "que permanece unida" – haja o que houver!

Desconte 70% do meu radicalismo e ainda sobra uma quantidade deveras espantosa de infelicidade e loucura humana POR CAUSA dos que permanecem em família (quase todos).

AS MÃES,
O MAIOR PARTIDO CONSERVADOR DO MUNDO

É isso mesmo, leitor: as mães constituem o maior partido conservador do mundo, *e jamais ouvi a menor alusão a este fato* em todas as leituras, discussões, declarações e entrevistas sobre política de que tive notícia até hoje. A "maioria silenciosa" – falada por poucos – é a única referência próxima do tema que vamos desenvolver.

Mas diga, leitor, será preciso desenvolver o tema? Você já não teve uma primeira impressão intuitiva ao ler o título do capítulo?

A verdade é que todos nós já *experimentamos* este fato na própria pele, assim como o vemos acontecendo a toda hora, em torno de nós, com vizinhos, parentes e amigos. Chamar as mães de poder silencioso chega a ser engraçado, notórias que são pela sua loquacidade inexaurível, e pela sua capacidade de repetir os mesmos conselhos e as mesmas admoestações, milhares e milhares de vezes... E esta é, certamente, uma das principais fontes do seu poder: repetir, repetir, repetir sempre as mesmas falas pelos séculos dos séculos... Falam o quê? Falam tudo o que nós – os filhos – deveríamos ser e fazer. Os desejos das mães podem ser chamados, sob certo ângulo, de bem-intencionados e idealistas. De outro lado, são obviamente impossíveis – jamais alguém conseguirá fazer o que lhe está sendo dito –, porque envolvem, quatro em cinco vezes, um "mude de jeito", "não faça assim", "o certo é assim".

O reparo é feito no *pressuposto* de que as pessoas podem mudar FACILMENTE de modos – "basta dizer para ela!". Isto não é verdade. Não se muda de modos só porque alguém diz. Enfim, os conselhos maternos são incongruentes ou contraditórios; num momento, mamãe diz que eu deveria obedecer, no outro ela diz que eu deveria ser independente... Pior do que isto: a mãe que fala quase nunca faz – ela mesma – nem 10% do que ela acha que *eu* deveria fazer... De há muito me impressiona esta tenacidade – apesar da inutilidade (dos conselhos).

Em momentos não sei se de azedume ou de desespero, eu me disse assim: "Depois de 100 vezes, até uma minhoca desiste do que pretendia, se nas 100 vezes o resultado foi negativo". Muitas mães repetem 100 vezes, sim, mas *por dia*, durante 10,20,30 ou 50 anos...

A maior parte dos conselhos maternos, sabemos, visam a comportamentos bons demais para seres humanos. Não é um problema de má vontade do filho; é uma impossibilidade concreta – tanto quanto exigir goiabas de uma jaboticabeira.

Resta uma pergunta seríssima: sendo tão incongruentes, serão estes conselhos totalmente inoperantes? Infelizmente não.

A VOZ da CONSCIÊNCIA é a VOZ da MÃE – principalmente

Adiantando a tese, podemos dizer que os bons conselhos maternos constituem a principal ou a maior parte da famosa "voz da consciência". Nos termos da Análise transacional, os conselhos maternos compõem a maior parte da nossa *gravação interna*, aquela vozinha sumida, persistente, incômoda e ela também inoperante, mas capaz de nos aborrecer pela vida afora repetindo, frente a tantas coisas que fazemos, um "acho que eu não devia" ou o seu complemento "acho que eu devia", "foi minha culpa", "foi culpa dela"...

É muito triste pensar que desta coisa basicamente valiosa que é a dedicação materna possa nascer essa gravação enfadonha e irritante, capaz de azedar tantas horas boas da vida, capaz de quebrar nosso ímpeto, nossa decisão, nosso gosto.

Infelizmente, é muito fácil compreender como os conselhos maternos ganham esta permanência. Depois que a mãe repetiu o mesmo conselho umas poucas dezenas de vezes,

eis que a criança, ao vê-la "daquele jeito", logo se imobiliza, olha para o vazio e visivelmente não está mais ouvindo coisa nenhuma.

ESTÁ EM TRANSE – HIPNÓTICO!

A técnica mais simples para se conseguir o estado hipnótico é convidar e insistir com a pessoa *para que ela preste atenção a alguma coisa absolutamente sem interesse*. Todos sabemos que nestas circunstâncias (uma aula enfadonha, por exemplo), ou as pessoas buscam outro interesse – uma conversa, um desenho no caderno, um devaneio – ou se mostram absortas, distraídas – isto é, em transe.

Mas esta é uma péssima defesa contra os bons conselhos maternos.

Quanto mais marcado o transe, mais *se grava* na pessoa tudo aquilo que está sendo dito – com a fantástica tenacidade das sugestões pós-hipnóticas. O leitor provavelmente não tem experiência sobre o que seja sugestão pós-hipnótica. Trata-se do seguinte: quando a pessoa está em transe, podemos dizer-lhe, por exemplo, que ao acordar ela vai pedir um cigarro, que ela vai tentar acendê-los com fósforos, mas que vai quebrar dois palitos antes de acertar o fogo com o terceiro. Para completar o exemplo, vamos admitir que a pessoa não seja fumante. Podemos ser até mais explícitos e dizer que ela vai pedir um cigarro, exatamente três minutos depois de acordar. É deveras espantoso ver como a pessoa executa as ordens com toda precisão, e como ela inventa as explicaçoẽs mais bizarras para justificar o que está fazendo. Ela dificilmente admitirá que foi a sugestão hipnótica que a *obrigou* a um comportamento tão disparatado. A influência das mães, portanto, é considerável pela sua duração, pela freqüência das interferências e, enfim, pelo cunho quase fatal do processo usado – esse, da hipnose.

ALIENAÇÃO (REPRESSÃO) DA ATENÇÃO
ou
Como viver dividido a vida toda

O transe hipnótico que se iniciou com mamãe continua na escola.

"Preste atenção, menino" é a frase que mais se ouve na escola, continuação direta das falas maternas que tão pouco são ouvidas.

Gera-se assim uma *atenção secundária* que se constitui em obstáculo difícil de transpor quando se pretende alcançar uma concentração, ou uma atenção genuína, profunda.

Como acontecem essas coisas?

"Preste atenção!" é um aborrecimento do qual a criança pode livrar-se se ela continuar **OLHANDO PARA** a professora (e a mãe).

Se a criança está no olhar ou não, importa pouco. Importa que ela esteja *fazendo de conta que está prestando atenção* – olhando para – e raramente lhe será cobrado algo mais.

Desta maneira desenvolvemos todos um modo bastante superficial de prestar a atenção "obrigatória". É a atenção do morto-vivo que são quase todos. É uma "atenção automática" – veja que parodoxo.

A atenção é o oposto do automático.

Tudo que eu faço sem prestar atenção está sendo feito automaticamente.

Tudo que eu faço quando realmente interessado, isto é, quando presto atenção de verdade, é justamente o não-automático, é a presença inteira no aqui e agora.

Nem as mães nem as professoras se dão muito conta de que a criança está desenvolvendo uma dupla vida mental. Ela está olhando para a professora, mas muitas vezes não está ouvindo uma palavra do que a professora está dizendo. Ela está em estado de sonho ou devaneio, seguindo ou buscando objetos de interesse real para ela. Mas trata-se, *tanto uma como outra*, de meias atenções, uma empenhada no esforço de ficar olhando em certa direção, e a outra de ficar pensando meus pensamentos, sonhando meus sonhos, elaborando minhas intenções ou seguindo meus desejos.

Deveras é extremamente difícil compreender porque há *tão poucos* esquizofrênicos nos hospitais psiquiátricos.

Claro que com a atenção pela metade, vai um empenho pela metade, um querer com pouca força, uma persistência estúpida, uma resignação de rebanho.

"As mães desempenham um papel igualmente minucioso e freqüente em matéria de policiamento de comportamento, e até policiamento de "maus pensamentos". É claro que as mães são, como regra, *a primeira e a mais fundamental de todas as instâncias repressoras que atuam sobre nós*. São as delegadas da sociedade com autoridade para transmitir os valores tradicionais (repressões coletivas) para a geração seguinte, a fim de que a eterna corrente da Infelicidade Emocional perdure pelos séculos dos séculos.

A primeira função de toda mãe natural – de bichos – é estar atenta aos seus filhotes e a tudo o que acontece em volta, a fim de prevenir perigos e salvar a prole.

Não há policial mais atento – nem mais envolvido – ou astuto.

Sabemos que a primeira obrigação de todas as mães é a de afligir-se e preocupar-se com tudo o que esteja acontecendo com seus rebentos.

Durante *quanto tempo* se exerce esta vigilância e este aconselhamento? Para muitos, durante a vida toda e, para muitos outros, com certeza, os dez a quinze *primeiros* anos da existência.

Considere, leitor: 15 anos com centenas de olhares e dezenas de conselhos dados *todos os dias.*

Sobre qual período de vida se exerce esta influência? Desde a fecundação até os 15 ou 20 anos.

Ora, é convicção crescente entre os estudiosos da Psicologia que os primeiros cinco anos da vida são fundamentais na determinação do caráter e, portanto, na determinação de toda a vida. Nós "somos feitos" nos primeiros anos da vida, e todas as nossas respostas futuras têm uma alta probabilidade de serem variações intermináveis sobre uns poucos temas primários, que se fazem nossos (que formam o eu) nestes primeiros anos da existência.

Além do consenso dos especialistas, temos o bom senso a nos dizer que entre começo de vida e começo de formação da personalidade há uma identidade completa.

E o que tudo isso tem a ver com Política?

Qual a direção fundamental de todos os esforços, de todas as preocupações e de todos os cuidados maternos?

"Que meu filho seja NORMAL", isto é, bem adaptado a *este* mundo e, se possível, bem-sucedido...

ISTO É, ADAPTADO AO MUNDO DOS VALORES TRADICIONAIS E DO SISTEMA VIGENTE

Pouquíssimas mães têm algum pendor revolucionário, em termos políticos ou sociais. Pouquíssimas mães terão algum prazer ou algum gosto em que seus filhos se empenhem em partidos políticos, ou em movimentos de renovação social.

Creio que um dos temores mais marcados das mães surge precisamente quando um dos seus rebentos dá sinais de querer se meter "nestas encrencas". Além do mais, há até bem pouco tempo, a imensa maioria das mulheres vivia a maior parte de suas vidas dentro das muralhas do lar, mal se animando a alguns contatos com os vizinhos mais próximos e com alguns parentes. Tratava-se de vidas muito restritas e, na verdade, profundamente alienadas e ignorantes em relação à realidade social, econômica, tecnológica e outras.

A televisão, justamente chamada "janela aberta para o mundo", vem mudando estas circunstâncias e estas atitudes. Mas as novidades não têm mais de três décadas e, portanto, têm pouca influência sobre as mães sob o ângulo que estamos descrevendo.

Na verdade, as mães parecem inerente e profundamente conservadoras, tão empenhadas na continuação da espécie quanto na continuação dos costumes sociais vigentes – quaisquer que sejam eles. Basta que um filho faça ou diga qualquer coisa muito diferente daquilo que a mãe aprendeu com os próprios pais, e ei-la preocupada, aflita, manobrando de muitos modos para reconduzir o transviado para o bom caminho (do passado).

Enfim, o dado mais fundamental de todos: as mães são numericamente, o maior partido (implícito) de todos os tempos – e em qualquer tempo.

Metade da nossa população é feminina e mais cedo ou mais tarde 9/10 destas mulheres serão mães. Além de todos

estes argumentos, temos um fato monumental: a Passeata pela família, realizada em São Paulo, em 1964, foi o apoio esperado pelos generais interessados no golpe da revolução conservadora! Repito, leitor. Alguma vez você pensou nessas coisas ou ouviu algo a respeito, em entrevistas, ensaios, programas de televisão?

"Que tem a mãe a ver com política? Que pergunta mais sem sentido..."

Alienação do corpo ou como decapitar crianças...

O amor materno tem sido modelo para todos os amores. No entanto, o que apontamos até agora nos mostra o quanto as mães podam, frustram e reprimem todas as possibilidades de renovação contidas em qualquer criança que apareça neste mundo.

Qual a mãe capaz de reconhecer com pleno realismo e total compreensão que seu querido filho tem um pinto e que sua querida filhinha tem uma xoxota? Qual a mãe capaz de aceitar plenamente que seu contato com os filhos – quando existe – é carinhoso mas, ao mesmo tempo, é sensual – prazenteiro? Será que esta frustração amorosa não tem nada a ver com política? Em vários estudos nossos, ampliando e aprofundando propostas de Reich, procuramos mostrar que só o amor transforma verdadeiramente as pessoas – quer elas queiram ou não. Gosto mesmo de pensar que um amor pode ser avaliado precisamente pelas transformações que provoca – ou gera.

Transformações – o oposto exato da conservação, do conservadorismo, da constância e da rigidez dos hábitos das pessoas e dos costumes sociais. Também aí e também assim, cauterizando todo o broto amoroso que surja, as mães se fazem o mais poderoso agente do imobilismo pessoal e social. Contrariando toda a nossa ideologia "Conto de Fadas" sobre a família, contrariando sobretudo nossos indestrutíveis preconceitos *a favor* das perfeições sobre-humanas de todas as mães, podemos mostrar que elas, sempre fiéis ao Velho Patriarca (ao Sistema), são as principais agentes da nossa incapacidade de viver bem.

Ninguém mata mais o amor do que as mães.

Primeiro, ao não responder à sensualidade inerente e natural da criança. A criança é só sensualidade, e seu primeiro desejo é conhecer tudo o que for possível

Experimentando

– é vital! Ai do filhote que não aprende

logo. É comido!

A criança não quer ouvir lições nem sermões. A criança precisa experimentar movimento, contato, manipulação, sensibilidade das regiões eróticas (que nela são o corpo todo).

Na maior parte das famílias, cujo costume é a falta de contato físico, desde muito cedo começa a gradual separação de corpos entre a criança e os adultos. É muito pouca a experiência que a criança pode ter em relação às próprias sensações, sobretudo as prazenteiras, e principalmente as que tenham cunho erótico. Amor "espiritual" e carinho pode. Amor sensual não pode. A divisão começa muito cedo e é por isso muito profunda.

Tenho para mim que as coisas são ainda um pouco piores. Tenho para mim que é muito grande o número de mães a sentir o atrativo da criança, o gosto de tê-la em contato, de acariciá-la, de abraçá-la, de brincar com ela corpo a corpo.

Mas muito poucas mães – na certa as melhores – se dão livremente a este prazer. O momento típico é o da amamentação. Dada a sensibilidade própria dos seios, na amamentação, na ausência de patologia definida, eles só podem emitir sensações prazerosas – de colorido erótico! É apreciável o número de mulheres que experimentam sensações orgásticas pela manipulação dos seios.

Mas tudo isso é omitido e predomina, entre as mães, a noção de que a maternidade é muito mais um sacrifício do que um prazer.

Ao não responder, pois, aos achegos infantis, as mães estão deixando que morram nas crianças as sensações e as emoções do contato erótico. Estão matando o prazer de amar – por omissão. Por medo. Estão matando o corpo, que é *sensação*.

Algo semelhante acontece na adolescência. Neste período da vida, quando as emoções e os sentimentos começam a ser vivamente coloridos pela sexualidade nascente, é aí e é então que as mães, verdadeiras Policiais de Bons Costumes, se encarniçam contra todos os namoros juvenis, reeditando interminavelmente Romeu e Julieta, impedindo que os jovens se

amem. Ninguém é mais eficiente nesta tarefa do que as mães. É na adolescência que as mães, outra vez, matam o amor, ao não permitir que ele nasça, nem se desenvolva.

Há uma terceira maneira pela qual as mães matam o amor. É ao falar constantemente das *obrigações* amorosas sócio-econômicas, em vez de se deter sobre a espontaneidade amorosa e a transformação da personalidade e de vida que ele produz.

Em família temos a obrigação de nos amarmos uns aos outros até a terceira geração para cima e até a terceira geração para baixo. Um filho deve amar o pai, a filha deve amar a mãe, o irmão deve amar a irmã, tio deve amar a sobrinha, neto deve amar o avô... Todos devem. Todos se parecem com o Brasil, com uma dívida de amor obrigatório que já alcança o impossível. Será uma coincidência mesmo?

Por outro lado, de formas que vão das mais sutis ao grosseiro e ao brutal, todos os membros da família estão proibidos de amar outras pessoas, a não ser que tenham, em relação a elas, a intenção de continuar a família... As obrigações amorosas exigem de um lado esforço sobre-humano para que a aparência de amor seja mantida, de outro, estropiam consideravelmente todos os impulsos amorosos espontâneos. Assim se completa o embotamento afetivo e emocional das pessoas. Depois disso torna-se muito difícil para todos alcançar alguma espécie de clareza afetiva, de certeza em relação a um sentimento, de convicção em relação a uma atitude.

As mães preparam para a família, não para o amor.
As mães preparam cidadãos para o Sistema e não
pessoas capazes de amar ao próximo.

De outra parte e por negação dialética, podemos pensar – ou sonhar: se e quando as mães se derem conta do seu poder elas poderão se fazer os maiores agentes transformadores da história. Na verdade, só todas as mães, enfim reunidas, teriam força suficiente para dizer, a todos os poderosos do mundo: se é para serem oprimidos na paz e mortos na guerra, não teremos mais filhos. Seria muito mais espantoso que a Revolução Industrial!

Não obstante a tão propalada onda de *permissividade* sexual – na verdade, de *propaganda sexual nos meios de comunicação* – as pessoas continuam hoje tão atrapalhadas com esta questão como sempre estiveram. Enquanto todos os meios de comunicação de massa usam e abusam de temas sexuais, continua verdadeira a seguinte declaração fundamental: na família normal, respeitável e honesta – que são TODAS – ninguém tem pinto nem xoxota. São todos anjos. Metade porque não tem sexo e metade porque não tem ódio.

Não se trata de grandes discursos ou grandes condenações explícitas contra a sexualidade. Antes, é todo um conjunto de indiretas, alusões, insinuações, caras, tons de voz, todos eles dizendo para a criança, mil vezes, de mil modos diferentes: "Olha aqui bichinho, é melhor você não pensar nessas coisas. É melhor você não perceber muito bem que tem pinto – ou xoxota. É melhor você não imaginar muito, é melhor você não mexer e, sobretudo – pelo amor de Deus! – não vá mexer no de mais ninguém."

E a proibição tácita não se limita aos órgãos sexuais, mas se estende à todas as sensações prazenteiras que possam nascer do corpo, ou do contato com o outro. Freud falava do temor de castração das crianças – precisamente o receio que nasce de todas estas insinuações. Mas as crianças não têm medo de castração – porque elas já foram castradas.

Castradas pela mãe, e não pelo pai: quem ousa ter pinto ou xoxota diante da mãe?

E Freud, afinal, era um otimista; as crianças não são apenas castradas, elas são decapitadas. Esta coisa estranhíssima que chamamos educação, tanto familiar quanto escolar, se dirige quase que exclusivamente para os ouvidos e para a boca das pessoas – a boca que fala. O próprio olhar é muito restringido (como veremos num capítulo próximo). Só falar pode, e por isso as pessoas falam, falam, falam. Comer também pode. Para as mães, a gula é a mais alta das virtudes, o que explica mais da metade da obesidade do mundo.

De novo, nunca se ouve falar desta origem da alienação. Durante 20 anos somos cuidadosa e tenazmente treinados a fazer de conta que os genitais não existem, e este treinamento se generaliza. Somos todos especialistas em fazer de conta que não existe tudo aquilo que em nós se opõe aos costumes

do nosso mundo. Creio que esta fórmula é muito boa e muito clara para resumir tudo o que a Psicanálise nos diz sobre a Repressão. Na verdade, a maior defesa psicológica que todos *são obrigados a usar* – é um costume social fortíssimo – é a de fazer de conta que as coisas incômodas ou contraditórias não existem. É importante assinalar: é uma negação exigida pela Coletividade (pela socialização). Depois vêm os psiquiatras a nos dizer que a negação é a primeira das defesas psicológicas, indicadora de um ego fraquíssimo – e que só se encontra na esquizofrenia!

Se o leitor estiver nos acompanhando, concluirá conosco: somos todos *obrigados* a ser esquizofrênicos – é a sagrada tradição desta raça louca.

E tudo isto se aprende no lar; portanto – lar, escola de loucos. É preciso se deter longamente sobre este fato da negação sexual obrigatória. Ele é, com certeza, a raiz mais profunda da nossa alienação; começa com a negação do corpo, se concentra na negação dos genitais e se completa com a negação da agressão.

ALIENAÇÃO (REPRESSÃO) DA AGRESSÃO
ou
As origens da chantagem emocional

No lar, sabe-se, ninguém odeia ninguém. Em família, como estamos todos cansados de saber, as pessoas se amam muito, muito, muito. Implícitas nestas tolices catastróficas vão não uma, mas duas negações: a da agressão e a da visão. É preciso ser cego para NÃO ver as agressões que ocorrem em família.

Jamais tratamos estranhos tão mal quanto tratamos aos membros de nossa família.

De mais um modo, ligado à agressão, entramos por mau caminho: depois que aprendemos a negar o sexual, o erótico e o agressivo, passam-se as coisas como se tivéssemos todos feito um pacto implícito, mas poderoso. Como eu me adaptei por medo, como você se adaptou por medo, como ele, nós, vós e eles nos adaptamos por medo, somos uma cambada de pusilânimes que nos desprezamos reciprocamente pela nossa covardia cósmica.

A alienação, pois, não surge nem é cultivada na linha de montagem industrial. Se não houvéssemos sido longa e minuciosamente treinados pela educação familiar, não toleraríamos as condições absurdas das linhas de montagem, precedidas, aliás, pelas linhas de montagem da "educação" escolar. Nossa fantástica educação escolar parte do seguinte "princípio": qualquer criança, a partir aproximadamente dos 5 ou 6 anos, é capaz de ficar sentada 3 horas, quase sem se mexer, e prestando atenção a uma conversa que tem muito pouco a ver com ela. Os preclaros educadores, nos majestosos ministérios, nunca foram criança e nunca viram uma criança na vida.

Em todas as práticas de aperfeiçoamento espiritual, do Oriente como do Ocidente, o que mais se pretende desenvolver é a *capacidade de concentração*; isto é, precisamente, a capacidade de prestar atenção contínua durante muitos minutos. É preciso ser um faixa preta espiritual para conseguir ficar concentrado umas pouquíssimas horas. Como esperar depois que as crianças "prestem atenção" a todas as lorotas do programa oficial feito pelos sábios educadores que não sabem o que é uma criança?

Mas com pressão suficiente podemos conseguir muito das pessoas (como o SNI sabe bem!) e a escola, completando o lar, vai desenvolvendo assim a terceira alienação – a da

atenção. A criança fica *olhando para* o professor como se estivesse a ouvi-lo, mas enquanto isso sua imaginação vagueia pelo Universo, bem longe das preposições e das frações.

De novo, a esquizofrenia, de novo o *fazer de conta* que eu estou prestando atenção ou interessado, quando na verdade meu espírito vagueia pelo espaço. E que tem tudo isto a ver com a política?

Há muito tempo sou mais do que cético em relação a partidos e programas políticos. Estou convencido de que a Política, como a Escola, trabalha com um princípio essencialmente falso: *o povo não se interessa por política*. As crianças não gostam da Escola. O que me faz acreditar que os políticos não se interessam pelo povo. (A Escola não gosta de crianças.) A política continua sendo uma soma de jogos de poder que se realiza entre minorias numericamente pouco significativas. O povo "assiste" à política, como a criança que "ouve" o professor ou "ouve" mamãe... O povo simplesmente não está aí e quase tudo o que se diz deste povo tem muito pouco a ver com ele. Por isso o povo não se interessa por política.

Por outro caminho chegamos ao mesmo ponto triste. Depois de atenuar ou anular minha ligação com minhas forças vivas, sensuais e prazenteiras, e depois de negar minha capacidade de briga – o que me resta?

NÃO TENHO PELO QUE LUTAR, NEM COMO LUTAR.

Resigno-me. Viro boiada estúpida caminhando para o brejo da morte atômica – sem protesto, sem compreensão, sem nada.

Cronos a comer seus filhos é a versão grega da matança dos inocentes. Os intérpretes de símbolos que me perdoem, mas Cronos *não é* o tempo a nos consumir a todos. Cronos é o autoritarismo da nossa organização social, por força do qual toda criança é obrigada – sem apelação – a aceitar e a se conformar com os usos e costumes dos mais velhos do seu mundo. Dos BEM velhos! É lógico.

> Toda criança é um natal, isto é, uma possibilidade de renovação. Só poderemos nos chamar verdadeiramente civilizados, quando cada geração puder determinar as regras sociais do próprio convívio, em vez de ter que engolir, a qualquer custo, as regras anacrônicas dos pais, dos avós, dos ancestrais.

Bom seria se os adultos pusessem o que sabem à disposição das crianças. À disposição – bem diferente da IMPOSIÇÃO. Só seremos verdadeiramente civilizados quando nos dermos conta de que entre adultos e crianças é impossível existir *compreensão* em sentido próprio. Histórias tão diferentes geram semânticas específicas. Um velho e uma criança dizem a mesma palavra ou a mesma frase, mas é líquido e certo que não estão dizendo a mesma coisa. O dicionário é o mais mentiroso dos livros. Nunca a mesma palavra terá o mesmo sentido para duas ou mais pessoas, muito menos para um adulto e uma criança.

O elo entre as gerações só pode existir na área dos sentimentos, da sensibilidade, da sensualidade, talvez da fantasia e da intuição.

A ilusão de princípios lógicos ou de comportamento *comum a todos,* provém do uso *das mesmas palavras.* Como a criança é obrigada a repetir o que lhe é dito, os adultos acabam acreditando que ela fala a mesma coisa que eles pensam.

Mais do que isso e pior do que isso, o fato de usarmos as mesmas palavras, e muitas vezes as mesmas frases, nos leva a acreditar em princípios (éticos) eternos, quando, na verdade, estamos fazendo simplesmente isto: dizendo as mesmas palavras. Mas é muito pouco provável que elas estejam transmitindo as mesmas intenções.

Ao falar de adultos e crianças refiro-me tanto a pais e filhos quanto a professor e aluno. A escola do futuro terá muito pouco em comum com a de hoje e as grandes diferenças já estão começando a aparecer: a escola de amanhã será MUITO mais VISUAL que verbal.

Uma imagem visual pode ter MUITAS interpretações. Uma frase se diz, se ouve, e se repete, mas suas ligações com as coisas são sempre muito incertas ou equívocas. Frente a figuras é bem mais fácil *colocar-se* – assumir uma atitude ou tomar uma decisão – do que frente a uma frase.

Enfim, como resumo e modelo: Todos DIZEM "gato", mas se pedirmos a MUITAS pessoas que nos MOSTREM o *seu* gato, teremos tantos gatos quanto pessoas. O visual permite a individualidade. O verbal tende a *impor* a uniformidade.

ALIENAÇÃO (REPRESSÃO) DOS MOVIMENTOS, DA IMAGINAÇÃO, DAS EMOÇÕES E DA INTELIGÊNCIA

(que são uma coisa só)

A família nega peremptoriamente tudo o que se refere aos órgãos sexuais, suas funções e prazeres específicos, assim como às sensações eróticas do corpo todo; faz, ao mesmo tempo, insistentes admoestações – e castiga – no sentido de reprimir os freqüentes atritos e brigas entre os filhos, insistindo na imagem do menino bonzinho – que mamãe gosta tanto... Os dois procedimentos, a repressão erótica e a da agressão, fazem com que a criança se distancie cada vez mais do seu corpo, das sensações prazenteiras de contato, e da movimentação rica e complexa da luta e da fuga – tão essenciais para a sobrevivência, tão importantes para o desenvolvimento motor e cultivo da capacidade de se defender, de resistir e, se necessário, impor-se.

É convicção crescente entre os estudiosos de técnicas corporais em psicoterapia:

Primeiro: sem muitos contatos e sem muitas *variedades* de contato, mal se forma em nosso cérebro uma representação adequada de nossa "máquina" corporal. O que traz consigo uma considerável deficiência na integração motora.

Recordando: *dois terços* de nosso cérebro servem APENAS para nossos movimentos (e para tudo o que depende deles).

Segundo: quando a movimentação da criança é muito tolhida, não apenas se restringe sua capacidade de movimento, como se impõe, no mesmo ato, limites estreitos para muitas funções psicológicas. Restringe-se a liberdade da criança – em todas as áreas. Ser livre é soltar tudo o que está preso. A educação – assim chamada – prende tudo o que é ou está livre...

Terceiro: se a *representação* interna (imagem, idéia, noção) que tenho de mim, não estiver em correspondência estreita com minha *sensação* de mim mesmo (propriocepção) toma-se não só muito alta a taxa de movimentos "errados" (na direção, na força, na organização), como aumenta muito a probabilidade de se cometerem erros de pensamento, de planejamento, de previsão. Reduz-se muito a capacidade de executar "manipulações mentais" (pensamento), de imaginar e de sentir.

Nestas circunstâncias, torna-se difícil ou impossível, cultivar a coerência no agir, de aprender o uso bem organizado de esforços, de idéias, de conceitos. Sem coordenação motora não pode haver coordenação de idéias nem de esforços. A fim de esclarecer estas proposições, precisamos recordar o que nos disseram Piaget, Reich e outros a respeito de nossos movimentos.

Recordando: somos "bonecos" com duas centenas de juntas e muitos MILHARES de cordéis puxando coordenadamente ou mantendo tensões organizadas no espaço o tempo todo. Nosso equipamento de movimento é o dispositivo neuromecânico mais complexo do universo conhecido. Como nossa base é pequena em relação à nossa altura, como somos maiores e mais pesados em cima do que em baixo, e como em cima ocorrem movimentos que nos puxam, balançam e empurram, nosso equilíbrio no espaço é muito delicado, e mantê-lo ao longo de todas as nossas acrobacias e posições é uma tarefa sumamente difícil. Por isso a tarefa ocupa dois terços do miolo.

Que nos disse Reich? Primeiro, o óbvio: exprimir-se, exteriorizar ou manifestar afetos e emoções envolve sempre, necessariamente, *movimentos corporais muito variados*. Igualmente, conter-se, controlar-se, reprimir-se, "segurar-se" também envolve a atuação do aparelho motor. Para me exprimir – ou me realizar – tenho de me mover; para me reprimir tenho que me paralisar – ou atuar de modo distinto em relação a minha intenção – preciso "disfarçar" ou "esconder" meus desejos e meus temores. É no aparelho motor que bloqueamos emoções e sentimentos. Depois de milhares de experiências infantis de contenção (com tensão!), aos poucos ficamos cada vez mais predispostos a nos conter, isto é, desenvolvemos um caráter ("marca forte", etimologicamente). Desenvolvemos – ou nos restringimos a – poucas atitudes e posições usuais, automatizadas – um "jeitão". Esse jeitão é nossa forma assaz constante de negar o que desejamos – ou o que tememos – ou o que nos enraivece. É um esforço contínuo para não fazer o que eu gostaria, o que seria bom para mim – ou necessário.(*)

Note-se a posição central da motricidade nestes fenômenos tão importantes para o indivíduo (Psicologia) e para a

Couraça Muscular do Caráter, J. A. Gaiarsa, Ágora, SP – 1985, 3ª Ed.

coletividade (Sociologia). É bem sabido que a educação, ainda que assim pareça, não visa primariamente modificar idéias ou sentimentos; o que a educação pretende é controlar e modelar comportamentos, isto é, conjuntos complexos de movimentos. Em um regime político repressivo, ainda posso pensar e sentir o que me ocorrer; terei, porém, o maior cuidado possível *com a exteriorização* deste pensar e deste sentir.

O mesmo se diga da criança esperta, na escola ou no lar, frente a uma professora ou mãe autoritária. (É desse modo e com estas pessoas que a gente aprende a fingir, a disfarçar e a esconder...) Mas se estivermos atentos e interessados, será muito difícil que nos enganem. A mãe, a professora e o tirano *não querem saber o que eu estou sentindo ou pensando*. Basta que eu fique bonzinho e eles ficam satisfeitos, convictos de que estou acreditando em todos os seus discursos.

E Piaget? Que nos disse Piaget de importante sobre esta mesma capacidade de movimento, tão rica e complexa como é a nossa?

Antes de falar do desenvolvimento da inteligência, porém, vamos separar o pensamento PRONTO – que eu recebo *DE FORA*, JÁ FORMULADO – do pensamento que VAI SE DESENVOLVENDO junto com tudo o mais em mim.

Piaget nos fala SOMENTE deste último – daquilo que EU SEI e não daquilo que EU RESPEITO. Piaget nos diz que sem movimento não há inteligência. Ele nos diz que só conseguimos manipular imagens, idéias e conceitos, após termos aprendido a fazer com as *mãos* ou *com o corpo* os movimentos concretos equivalentes. Isto é, só sei juntar, separar, somar, dividir, acrescentar, aumentar ou diminuir idéias e imagens, se antes disso eu fiz todas estas operações *concretamente*. Dito de outro modo: se impedíssemos uma criança de fazer o que quer que fosse com as mãos, provavelmente geraríamos um débil mental de baixíssimo nível...

Bem entendidas as coisas, Piaget está nos mostrando, em pormenores, uma velha e fundamental conclusão: só quem faz mesmo sabe o que está fazendo. Sem a prática, a teoria não tem sentido; é a prática que faz as idéias, não as idéias que fazem a prática. Só o contato e a interação com as coisas podem gerar conceitos e operações mentais com algum sentido e novas. Portanto, quando esperamos ou impomos às crianças que restrinjam seus contatos e seus movimentos, estamos gerando uma outra espécie de debilidade mental, com-

parável à do cérebro não desenvolvido por falta de comida. Podemos dizer ainda que o grosso da nossa educação se destina, precisamente, a estupidificar as pessoas – para que seja mais fácil automatizá-las e controlá-las. Basta confrontar a insaciável curiosidade infantil com o pouquíssimo interesse dos adultos, as mil perguntas que a criança faz por hora com a completa ausência de perguntas na cabeça dos adultos para que se torne fácil aceitar a declaração a um primeiro exame bastante inusitada.

Nem mesmo os psicanalistas assinalaram a seguinte conclusão, contida, por inteiro, em tudo o que dizem:

> a repressão sexual e erótica torna muito difícil para as pessoas *perceber quaisquer relações entre as coisas*, assim como o contato realista – VIVO! – com elas

Sem prazer não há interesse. E vice-versa. A sexualidade é a única função instintiva que exige o outro, o contato e a relação com ele.

Por isso, a supressão sexual impede o desenvolvimento da capacidade de estabelecer um relacionamento do que quer que seja com o que quer que seja. O pensamento usual da maioria das pessoas é por demais separatista – se posso dizê-lo. Cada frase que a pessoa diz tem certo sentido e alguma oportunidade, na situação em que é pronunciada. Mas se pusermos em seqüência todas as frases que a pessoa disse ao longo do dia, encontraremos um grande número de incoerências, contradições e inconsistências.

No extremo oposto, assaz surpreendente, temos a Matemática, na certa o mais poderoso instrumento da ciência ocidental. Qual a preocupação – que raia ao mórbido – dos matemáticos? Evitar contradições nas declarações. Esse cuidado é, na certa, o segredo de seu poder. Nossa educação escolar vai no mesmo sentido – de "tudo desligado". Nos cursos primário e secundário, as várias "matérias". Nas faculdades, a geração dos vários especialistas, cada qual sabendo cada vez mais de cada vez menos – segundo a pilhéria tradicional. Humanismo – ora! Na verdade, a maior parte dos especialistas, sabemos, vive marcadamente fechado na própria especialidade e, o que é pior, lutando tenazmente para evitar a "contaminação" da sua preciosa especialidade com qualquer outra área

do conhecimento humano. Especialista não tem relação com nada – muitas vezes nem com a própria esposa... Creio que o valor político destes fatos esteja claro, mas quero torná-los ainda mais explícitos.

O maior problema da política é o desinteresse do povo pela Política. Não falamos apenas de nós, brasileiros pobres e ignorantes. Falamos também dos EUA. A primeira eleição de Reagan de forma alguma representava o desejo da maioria americana. Levando-se em conta que não menos de 30% da população americana é constituída de menores; que o não comparecimento dos eleitores, naquela eleição, chegou perto de 50%; enfim, que Reagan venceu por uma margem clara mas limitada de votos, concluímos que Reagan não chega a representar mais do que 20% dos americanos. Nas eleições brasileiras para governadores, senadores e deputados (1986), no Estado de S. Paulo, certamente o mais industrializado, o mais "educado" e consciente – se podemos dizê-lo – quase metade da população se declarou desinteressada de política. Na referida eleição, os votos brancos e nulos somaram 40% !

A Política, portanto, e de novo, é uma atividade de elites bastante limitadas numericamente, empenhadas no jogo de poder que presumivelmente as diverte bastante, mas que não parece ter muito a ver com o povo. O povo não se interessa por Política, entre outros fatos, pelo que estamos elucidando: não percebe as relações dos poderes militar, político e econômico com cada um e com sua família.

Primeiro porque a nomenclatura política e econômica é para eles enigmática ou incompreensível; segundo, pelo que estamos dizendo, pela incapacidade da maioria de perceber relações entre as coisas.

ALIENAÇÃO DO INTERESSE PELO OUTRO
ou
Ninguém está interessado – nem nele mesmo

Sempre há justiça implícita – mesmo nos relacionamentos aparentemente mais desiguais.

A meia atenção dos filhos está em correspondência perfeita com a meia atenção dos pais.

Um dos mil preconceitos tolos da ideologia familiar diz que os pais estão SEMPRE interessados nos filhos, a qualquer hora do dia ou da noite – seja qual for o assunto... Plantão vitalício.

E como sempre, o que acontece é bem próximo do contrário disso. Poucos pais (e mães)

VÊEM ou ouvem

seus filhos.

Olham principalmente para saber se a criança está fazendo certo ou errado, se vai se fazendo bom cidadão ou não. Mas olham sobretudo para ver se estão fazendo de molde a que OS OUTROS não critiquem, não os acusem ou façam fofoca – de que são maus pais; de que não estão cumprindo bem seu dever.

Logo, fazem uma leitura altamente judicativa e preconceituosa do comportamento, das ações e das conversas das crianças. Além disso, somos todos pouco capazes de prestar atenção de verdade, bem concentrada e demorada, no que quer que seja. Não temos nem de longe o hábito de nos olharmos com vagar, atenção e isenção de ânimo –, de olhar sem intenção, sem expectativa – olhar para ver. Logo, a criança recebe uma atenção que podemos chamar de medíocre, na imensa maioria dos casos.

Mas com os filhos as coisas ficam piores. Imaginemos um caso difícil, a criança que chora muito ou grita freqüentemente. É evidente para qualquer observador que a mãe aprende rapidamente a NÃO OUVIR a criança ou, ao menos, a ouvir bem poucos dos gritos infantis – só os mais escandalosos.

Quanto menos a mãe ouve, mais a criança grita.
Quanto mais a criança grita, menos a mãe ouve.

Se continuasse a ouvir, a mãe esganaria a criança. Mas o fato é que se ela *conseguisse* ouvir BEM a criança, esta – é mais do que provável – gritaria menos.

A todo instante vemos o filho chamando pela mãe e a mãe sem responder uma, duas, três e mais vezes. A criança vai subindo de tom e aumentando de freqüência, até que a mãe olha para ela e a atende – quase sempre de modo precário, pois que ela a chamou de modo exigente – afastando-a do que fazia ou dizia.

As crianças são insistentes e imediatistas – não há que duvidar (os adultos também). Mas ou os adultos da Família conseguem *ter tempo para si mesmos,* ou a irritação de todos se fará inevitável. Não faz bem para ninguém estar na companhia de outra pessoa várias horas por dia, sendo solicitada a cada pouco a sair de si, a prestar atenção ao que o outro diz ou espera.

Ninguém pode estar interessado em outra pessoa a qualquer momento ou em relação a qualquer assunto

Ninguém – nem as mães. Ou as mães menos do que outras pessoas – dada a soma de preconceitos e obrigações que pesam sobre elas.

A atenção é o broto terminal da Personalidade.

Broto terminal é a pontinha da planta – e dos galhos. É onde o crescimento acontece. É uma região com características embrionárias permanentes.

Nossa atenção tem função semelhante: dirigir nosso crescimento-desenvolvimento. Estropiar a atenção espontânea das pessoas – e das crianças – é a maneira mais sutil, e ao mesmo tempo mais segura, de estropiar o desenvolvimento e fazer a pessoa – a criança – perder o rumo – com alta probabilidade de perdê-lo para sempre

Aí reside a essência da alienação. Quem não recebeu atenção não sabe dar nem manter a atenção. E é bom insistir: existem muitas espécies de atenção, desde o dirigir o olhar quase distraído, até a concentração "ao rubro" do fanático – e

do moralista, quando indignado. A do animal acuado, ou a do predador ao perceber a presa.

As crianças, pois, raramente recebem a atenção de que precisam – por isso exigem tanto a atenção dos adultos – e das maneiras mais impróprias. Lembre-se, leitor, da última visita que você fez àquele amigo – ou parente – onde havia aquela criança que é um espanto e um escândalo a cada instante – enquanto os pais continuam sorridentes dizendo amenidades? Depois de muito NÃO SER PERCEBIDA, a criança, num último esforço, ataca com tudo, e aí papai ou mamãe viram bicho, gritam, fazem sermões veementes, dão pancadas... Alienados geram alienados – na família – dos modos como estamos mostrando.

A FAMÍLIA É A ESCOLA PRIMÁRIA E SECUNDÁRIA DA ALIENAÇÃO.

Ao contrário do que se diz nas conversas, as pessoas da mesma família se conhecem muito mal e se veêm de modo MUITO distorcido. São verdadeiros espelhos deformantes.

Convém tornar bem explícito: pais *aprendem* a não ouvir – na verdade treinam – *e a não ver* seus rebentos; por isso os percebem mal. O psicanalista já cansou de nos dizer que os pais tendem a ver nos filhos mil coisas que eles não são, tanto quanto os filhos nos pais, formando-se entre eles redes de interação em vários níveis, confusas, difíceis de ordenar. É difícil, sobretudo, mover-se a contento dentro desta rede complexa, a respeito da qual, além disso, nada se fala, nem nos meios de comunicação, nem na escola, nem em casa. Não é bem que não se fala. O costume aceito – e praticado! – é o de jamais falar destas relações. Está sempre implícito que elas são ótimas! O pior das guerras de família são os mil pressupostos preconceituosos que seus membros usam subconscientemente para pensar e se comportar uns frente aos outros.
Aí começa a tragédia do

DIÁLOGO DE SURDOS

As coisas se passam assim – e são terríveis nas suas conseqüências. Vivem TODOS DIZENDO das obrigações ideais de mães e de pais, o quanto eles DEVEM ser e fazer pelos seus queridos, tolos e irresponsáveis filhinhos. A conver-

sa pode ser ouvida em qualquer lugar, do palácio governamental ao bar da esquina, na cozinha, na sala, na novela de televisão. Pai e mãe sacramentados e santifeitos (feito santos...) assumem bastante o papel NAS FALAS. Mostram-se, *no momento do discurso,* sérios e convictos de que é assim que deve ser e – começo da tragicomédia – falam *como* se eles *fossem* assim... Não são. É um dos pontos em que a mania de grandeza de cada um encontra apoio coletivo irrestrito – na CONVERSA.

E as crianças? Como se comportam as crianças? Exatamente como os adultos DIZEM: dependentes, inúteis, sem responsabilidade alguma, alheadas da vida e de tudo, entediadas ou excitadas, mas, principalmente

EXIGINDO, EXIGINDO, EXIGINDO

Nós PEDIMOS a elas, o tempo todo, para que exijam. E quando elas exigem nós nos desesperamos. Este é um dos *processos sociais* – em quase todos os lares acontece assim – pelos quais se incute nas crianças a ... guerra de classes. É aí e é assim que começa o problema trabalhista: *na completa falta de reciprocidade e cooperação*. Pois a ideologia imbecil – palavrório de papagaio – diz que os pais só têm que dar e as crianças só têm a receber – contanto que se reconheçam bobos, "inferiores" (pequenos), incapazes e dependentes.

Como é fácil – para mim – ver o processo político paralelo – na Sociedade Grande, na relação entre o povo e os poderosos, entre operários e patrões. Aprendemos desde muito cedo a acreditar que é assim, e continuamos a acreditar que será assim até o fim da vida. É preciso convencer-se de que a família é, DE FATO, a instância pedagógica primeira (!). É preciso começar a cuidar da Educação da Família. Ou qualquer projeto social falhará, pois as pessoas não conseguem cooperar, participar e repartir de modo justo.

Nunca aprenderam – na Família.

Pior: foram peremptoriamente

PROIBIDOS

de aprender

Filho rebelde ou independente é mau filho.

Pai questionador, *que cobra*, é mau pai.

Mas *depois*, todos saberemos cooperar – por força da Providência Divina.

"MENINO, PRESTE ATENÇÃO"
(*todas* as professoras do mundo)

Outro aspecto da alienação, agora escolar, é o confronto entre o que os educadores pretendem e o que os alunos conseguem. A escola efetivamente consegue, em 90% dos casos, fazer com que as pessoas odeiem a ciência, a cultura, a história e a arte até o fim de seus dias. Isto é, a escola está produzindo efeitos *exatamente contrários* aos esperados. Alguém está se incomodando muito com isto?

Como o mercado de trabalho hoje exige qualificação profissional cada vez maior, as pessoas que saem da escola odiando as ciências e as letras acabam fazendo cursos técnicos ultra-especializados, e dão graças a Deus por não precisarem de mais nada. Na humanidade contemporânea, 95 dentre cada 100 especialistas de certa área são sábios ignorantes, são técnicos desumanos, são indivíduos praticamente sem noção de si nem do mundo onde vivem.

A grande massa humana dos instruídos é tão alienada e tão estreita quanto a grande massa dos analfabetos. Alienações formalmente distintas mas igualmente distantes de acontecer.

É bom lembrar, falando de escola, dos estudos cada vez mais numerosos sobre o aprendizado por sugestão – a sugestopedia. De forma assaz paradoxal, estes estudos vêm mostrando que é possível aprender melhor prestando *menos* atenção a pontos específicos. Na verdade, os primitivos aprendem assim, vivendo, vendo e imitando, sem receber aulas de pesca, de remo, de construção de cabanas...! A sugestopedia nasceu do aprendizado das línguas. Se este aprendizado for feito com técnicas dramáticas, com fundo musical, com apelos freqüentes à respiração e ao relaxamento, renderá o dobro – ou mais. Técnicas dramáticas quer dizer: encenação de várias situações de vida e tudo o que se costuma dizer nelas.

Repitamos: nada de estranho no fato. A não ser que ele contraria nossos mais enraizados preconceitos sobre escola. Entre os índios, o aprendizado de vida se faz "tudo misturado" em vez de matérias diferentes a cada hora de aula. Há mestres – qualquer um que esteja por perto – mas não há escolas. Tudo individualizado, aprendido com a pessoa certa, na hora certa, bem ao contrário da classe com 30 alunos, todos tendo que fazer *a mesma* coisa na *mesma* hora, sob instruções idênticas *da mesma* pessoa. Cuidar de 30 crianças deste jeito é,

na verdade, torturá-las e deformá-las. Em vez de cultivar nas pessoas a capacidade de interagir viva e interessadamente, no momento certo, criou-se a convicção espúria de que qualquer pessoa pode (deve!) ser levada a qualquer momento, a prestar atenção a *qualquer* assunto (que o superior propõe – ou exige!) Quando o "inferior" não consegue, então é culpado e merece castigo. Mas como sempre na História da Desumanidade, a vontade de castigar *existia antes;* o problema era conseguir um pretexto que a justificasse. A eterna História da dominação.

E assim acabamos por chamar de educação o processo pelo qual crianças vivas, interessadas, curiosas, alegres e felizes, vão se fazendo (vão sendo feitas) adultos entediados (ou fanáticos), semimortos, amargos, duros e insensíveis ou especialistas frios, minuciosos, sistemáticos, limitados e limitantes – sobretudo desumanos.

O insistente "preste atenção!" – que ninguém mais ouve – é o maior argumento e a melhor prova contra nossas técnicas pedagógicas, feitas para que o professor possa sobreviver (mal), para que a criança se arrume como puder, e para que os majestosos ministérios justifiquem sua existência, seu poder, sua incúria e sua incompetência (*).

Cuidado Escola, da Brasiliense, aprofunda, documenta e amplia estas declarações.

Vamos procurar mostrar que as pessoas brigam pouco ou mal, de regra visando a metas que NÃO lhes interessam.

O caso típico é a raiva – ou o ódio – das mães contra os filhos. Nada mais contrário à ideologia do lar como lugar da paz e do amor. Mãe que odeia filho é uma blasfêmia acontecendo de verdade. A mãe – aliás, como o psicanalista – não pode ter raiva (o que significa que não sabe o que fazer com a raiva).

É muito difícil para uma mãe reconhecer que está odiando um filho, mas isto acontece, e bem mais do que estamos dispostos a admitir. Poucos episódios familiares são tão freqüentes quanto as repreensões, admoestações, críticas ásperas, caras feias, gritos, xingos, pragas, castigos, palmadas, até surras brutais – de mãe para filho – todos os dias, a qualquer hora.

Em todas as histórias, tão banais que a gente mal se dá conta delas, a posição invariável das mães e, quase sempre, também a dos circunstantes é a de que as crianças são incontroláveis, despóticas, astutas e sobretudo "malcomportadas".

A CULPA (da raiva materna) É SEMPRE DA CRIANÇA.

Tem de ser – senão seremos obrigados a concluir – contra toda a força dos preconceitos sobre o divino amor materno – que a mãe ficou com raiva do filho, está com raiva dele ou, no limite, o odeia.

No entanto, se considerarmos, mesmo que ligeiramente, todas as dificuldades e sacrifícios que uma criança acarreta pela sua simples existência; se deixarmos de encarar a mãe como divina e a olharmos como um ser humano bastante semelhante a todos os demais; enfim, julgando que quem paga realmente a conta, quem é obrigada a se sacrificar – e muito – é invariavelmente a mãe; visto assim,

a raiva materna aparece como a coisa mais natural do mundo – a mais inevitável – e muito freqüente.

Mas a sensatez é uma virtude rara. O que acontece com a imensa maioria das mães é que elas negam ter raiva dos fi-

lhos. E, quando sentem esta raiva (que "não existe"!), que fazem as santas mães? Apelam para seu sagrado dever de educar e, *em nome desse dever*, e contra todas as artimanhas da criança, se dão

O DIREITO
que digo: a Sagrada Obrigação
de EDUCAR o infeliz
– seja lá como for!

Você percebeu, leitor? Mãe não tem raiva, mas tem o direito – obrigação de educar/ensinar a criança, e aí pode fazer o pior que lhe der na cabeça, *com a consciência mais tranqüila do mundo.* Começa no lar, começa com a mãe (e pai) o jogo lúgubre do Bode Expiatório. No caso, a criança.

Mas ninguém percebe que pela "obrigação
de educar" passa toda a raiva materna (e paterna).
Como isso acontece em todos os lares, aí
temos a mãe *pondo seu sentimento pessoal*
de raiva a serviço da estrutura social.
É a raiva materna que modela o comportamento das
crianças segundo os costumes do seu mundo.

O principal da educação não é ensinar a pensar nem a sentir, mas a NÃO se comportar de uns tantos modos e sim de uns tantos outros. É na modelagem do comportamento que se concentram todas as forças ditas educativas da família e da escola. Se eu não sair nu à rua com um chapéu de bombeiro, ninguém dirá que estou louco. Ouvimos todo dia, principalmente na televisão, a mais incrível variedade de ideologias – tudo bem e normal. Enquanto as pessoas não FIZEREM alguma coisa muito contrária aos costumes de seu mundo próximo, podem pensar e dizer o que quiserem. No pior dos casos, os outros estranharão um pouco – mais nada.

Nesta *modelagem de comportamento reside o principal da Tradição – a preservação dos velhos costumes.*

A rede de influências é satanicamente tecida: os piores fiscais das mães são as mães. Implacáveis nas suas críticas recíprocas, são agudas e maldosas em perceber e denunciar tudo o que aquela lá faz com os filhos; "aquela lá", por sua vez, sendo continuamente guiada primeiro pelo que sua pró-

pria mãe fez com ela; segundo, por tudo aquilo que sua mãe continua dizendo a respeito dos netos; e, enfim, por todas as mães "amigas", Como em qualquer grupo de especialista só que com a opinião do objeto direto da especialidade. Importante é ser uma "boa mãe"; o que *de fato* acontece com a criança passa a segundo plano. Não sei se segundo, terceiro ou mais.

Só há um conselho deveras perfeito sobre educação: qual a *resposta* da criança àquilo *que está sendo oferecido*, proposto ou exigido dela? Este conselho relativo à criança tem um antecedente no educador: o que *ele* pretende da criança? E mais: o que o *educador* sente, deseja ou teme?

A única educação boa é esta, a que reúne o interesse e os sentimentos da criança e do educador. E NENHUMA OUTRA!

Mas esse conselho, evidentemente o mais simples e sensato que se pode dar sobre educação, mostra-se de realização difícil para a imensa maioria das mães. Porque elas não são capazes de ver o filho – como já dissemos várias vezes –, nem de se concentrar, nem de perceber com clareza o que está *continuamente acontecendo* à sua volta.

Ao processo descrito, de alienação da raiva, podemos dar o nome, também, de *socialização dos afetos* (com despersonalização dos indivíduos). Isto é, de que forma sentimentos e emoções *das pessoas* ficam a serviço ou se organizam em função *dos costumes estabelecidos*, das rotinas e automatismos que são a própria estrutura da sociedade. Organizam-se em função de Tradição e, ao mesmo tempo, a reforçam e prolongam indefinidamente.

IDEALIZAÇÃO COMPULSÓRIA

A difícil tarefa de "educar" os filhos, do modo como dissemos, se liga profunda e essencialmente com o processo de idealização dos pais.

Começamos dizendo que a idealização é uma outra forma *de negação*. Ou seja, jamais existiram pais ou mães sequer de longe comparáveis aos modelos ideais de pais e mães que aparecem na conversa popular, na erudita, na arte e na tevê.

> Mas aquilo que não existe é MUITÍSSIMO FALADO E MOSTRADO (no mundo da ficção, porém!), e as crianças – ingênuas e bobas que são! – vão acreditando em todas essas lorotas e daí a pouco passam a COBRAR essa perfeição! Ao mesmo tempo vão se tornando cada vez menos capazes de ver pai e mãe como *pessoas quaisquer*, cheias de defeitos, medos e fraquezas.

Não há melhor maneira de deixar alguém desesperado! É um eterno pedir, exigir e cobrar que pais e mães sejam *como todo mundo diz que eles deveriam ser*. Eles também – os pais – dizem que são assim, ideais. Não são. Nunca foram. Jamais poderão ser.

Essa cobrança é uma das coisas que mais exaspera e irrita os pais, pela sua insistência. Mas, como pais não têm raiva dos filhos, resta-lhes apenas "educá-los", isto é, viver gritando, castigando – "porque as crianças fazem e exigem o impossível"! As crianças! Bodes expiatórios cósmicos!

Falemos um pouco de soluções. Os pais estão assumindo demais sua imagem coletiva, idealizada, sempre que usam muito as palavras FAMÍLIA, PAI, MÃE, IRMÃO. Sempre que a mãe pede ou exige alguma coisa da criança, *em nome* do seu papel de mãe, está autorizando a criança a exigir *em nome* do seu papel de filho. Mas MÃE e FILHO são funções sociais, e não indivíduos.

Sem contar que a idealização IMPOSTA às crianças é o maior obstáculo que se pode criar contra uma visão e uma aceitação realistas da pessoa dos pais. Os pais são exigidos em função da conversa coletiva, não só nas coisas e ações que fazem com as crianças, como também nas suas qualida-

des pessoais. Mãe *não pode ser* imperfeita, fraca, ignorante, maldosa, invejosa, rancorosa. Desejo sexual, então, JAMAIS, JAMAIS, JAMAIS!

Imagine-se o nível de isolamento e distância entre as pessoas quando elas existem dentro dessa rede de preconceitos graudamente falsos, impermeáveis à crítica. Nada contribui mais para a incompreensão entre pais e filhos do que esta soma de idéias confusas e contraditórias – de um lado ridículas e, de outro, criminosas. É claro que esses pais idealizados, ao julgarem seu desempenho à luz dessas exigências impossíveis, sentir-se-ão *permanentemente diminuídos aos próprios olhos.*

Dito ainda de uma última forma, a idealização entre pais e filhos, tida como uma das invenções mais nobres e altas do espírito humano, consegue de fato, no cotidiano, intensificar conflitos até o desespero – ou a resignação – e torná-los insolúveis.

Será que se pode chamar isso de ideal? Ou é um sistema de tortura para *todos* os envolvidos, "a bem da sociedade"?

Existe uma medida simples e radical para melhorar esse clima de mal-entendidos. É a supressão sistemática e cuidadosa dos *títulos nobiliárquicos* de Pai, Mãe e Filho. Seria ótimo se, em vez de dizer que neste Sagrado Recinto que é o Lar vive uma Família Feliz feita de Papai, Mamãe e Filhinhos, se dissesse: nesta casa existem cinco pessoas que são André, Joana, Antônio, Dulce e Amélia. Mas é preciso levar a renominalização até seu limite – caso contrário ela se faz inútil. Ou seja, o problema é não apenas deixar de usar as palavras, mas sim *renunciar a todos os direitos e deveres que elas implicam.* Não serão empregadas frases como: "Mas meu Filho! Você fazendo isto, que deixa a Mamãe tão triste!" Em vez dessas frases tão conhecidas, seria melhor ouvir: "Olha aqui, Tonico, o que você está fazendo está incomodando muito o André – que sou eu; tenho três vezes seu tamanho e é bom você ficar bonzinho, senão se machuca". Este exemplo soará chocante para um bom número de pessoas. Preferem, quase todos, as expressões mais que tradicionais: "Mas meu filho, é sua mãezinha que está pedindo", "mas meu filho, papai quer que você faça assim", "mas um bom filho faz como a mamãe

diz que é certo – ou como o papai gosta". Estas frases tão familiares na verdade desarmam completamente a criança – e para isso mesmo é que foram feitas.

Uma criança de poucos anos pode brigar muito bem com um adulto. Em último caso, ela pode sair correndo e será difícil para o adulto alcançá-la. Quando digo para meu filho que sou maior do que ele, que o estou sustentando, vestindo, dando-lhe casa, roupas, coisas, primeiro ele *sabe* do que estou falando; quando falo assim, estou sendo realista e cultivando nele senso de realidade – precisamente. Quando apelo para meus grandes títulos, deixo a criança de mãos atadas e/ou confusa. A Grande Mãe é uma deusa inacessível, um personagem que a criança não consegue tocar nem comover, muito menos brigar com ela ou vencê-la. Imagine-se o leitor diante de uma visão miraculosa de Nossa Senhora! Brigue com ela!

A *força da posição* – econômica, funcional, profissional, política – é sempre maior do que a do indivíduo que ocupa a posição. É a força de um símbolo, não de uma pessoa.

Lutar contra figuras ideais ou é uma declaração sem sentido, ou é um combate demasiadamente difícil: brigar com um adulto pode parecer meio temerário para a criança, mas ainda é uma luta que se pode imaginar, levar a cabo e até ganhar – em certas circunstâncias.

E, depois, é preciso acertar as contas de uma vez para sempre com os idealistas dessa área familiar. Quando um dos pais apela para seu título a fim de conseguir levar uma criança, *a força* do título – não há que duvidar – depende precisamente daquelas circunstâncias concretas que acabamos de enumerar – *bem* concretas.

Em termos de condicionamento, diríamos que as palavras "mãe" ou "pai" significam, para a criança, tamanho grande (força grande), pessoa que está sempre por perto e garante casa, comida, etc. Mas faz muita diferença usar as palavras mágicas "Pai" e "Mãe" ou detalhar o poder – REAL – da pessoa grande que está aí.

Muitos sentirão essas expressões como abuso de autoridade ou ameaça indevida à criança – na fala pública é o que se diz. Mas é muito melhor admitir uma opressão que existe e está bem motivada do que se dizer bonzinho e só querer o bem da criança quando se pretende, na verdade, impor a própria vontade ou – o que é pior – a própria rotina, os velhos costumes da família dos pais.

Continua a visão do lar como um ninho cor-de-rosa onde tudo é bonitinho e como deve.

Mas basta abrir a porta ou ligar a televisão para ver em qualquer instante, em todos os lugares: quem pode mais chora menos. *Fazendo parte* da organização social, os mais poderosos atuam invariavelmente *contra* os menos poderosos, abusando da posição que ocupam.

Mas essa "posição" que parece mágica deriva seu poder da *aceitação* da maioria. Logo, a força da posição é, deveras, "culpa" de todos, e não só "dos de cima". Aprendemos assim em família, onde "o povo" (a criança) se encontra *coagido a acreditar* que os adultos são não só poderosos, como também sábios e justos. Bom que o lar seja um espelho da vida – ou não? Se for bom, então está na hora de começar!

Até o advento da TV – janela aberta para o mundo –, as mães, por condicionamento social, eram *obrigadas* a ser... as rainhas do lar, isto é, a *ficar dentro de casa* o tempo todo. Eram, por isso, entre todas, as mais ignorantes e medrosas; portanto, as PIORES educadoras do mundo.

A vida "lá fora" (fora do lar) tem pouco ou nada a ver com a vida aqui dentro – "no lar" –, o que já é muito ruim. Mas fica pior se considerarmos que os primeiros anos da vida são fundamentais na formação da personalidade. Por aí se conclui que somos "educados" para VIVER FORA DO MUNDO; as estruturas de caráter formadas ao longo dos primeiros anos de vida, em discordância com as regras do convívio sócio-econômico, fazem com que todos nós sejamos invariavelmente anacrônicos ou estranhos no mundo em que vivemos.

Alienados – pela enésima vez.

Sempre na família – pela enésima vez.

Se assumíssemos as diferenças concretas que existem entre criança e adulto – precisamente aquelas de tamanho, força, etc. –, estaríamos fazendo declarações e procedendo de um modo que teria uma vantagem fundamental: a criança saberia do que a gente está falando. Na verdade, ela estaria tendo um aprendizado real para viver no mundo sócio-econômico que existe. Isto é, estaria orientada, e desenvolvendo atitudes básicas para o mundo no qual irá viver.

Uma comparação: se o desenvolvimento do feto visasse ou pretendesse adaptá-lo *ao mundo uterino*, ao nascer a criança morreria. É o que nós fazemos no lar, doce lar. Produzimos natimortos sociais.

Objetaria alguém: mas então o senhor acha que devemos preparar as crianças para viverem nesse horror que é a vida no Planeta?

Essa eu não sei responder. Mas fazer como fazemos é entregar cristãos às feras do Circo.

Tragédia: os jovens cristãos, depois de estraçalhados e comidos, se tornam cristãos velhos. Aí se transformam em feras – e começam a estraçalhar e comer os jovens.

Direitos Humanos!

Vamos contestar Freud – que os grandes homens são para isso mesmo! A idealização NÃO É um "mecanismo neurótico"; é uma *exigência* social, coletiva, obrigatória. Quem NÃO faz assim É "anormal"!

As relações entre pais e filhos se repetem entre o Estado e os cidadãos. Também este relacionamento é confuso porque os políticos assumem demasiados deveres – como os Pais – e o povo se queixa demais e coopera de menos – como os Filhos.

Vamos dar um exemplo dessa exigência do povo, entre ridícula e absurda, nas suas expectativas de realização do governo. No dia 22 de junho de 1986, a Rede Globo de Televisão tornou público uma pesquisa sobre as maiores aspirações do povo brasileiro. Ao lado de opiniões razoáveis, como as que se referiam à importância da educação, figurava na lista, *em primeiro lugar*, a esperança de que o governo pudesse acabar com a violência na grande cidade! Aí aparece bem a infantilidade do povo, assim como a ignorância e sua completa falta de senso do real. A violência é o fenômeno mais evidente da história da humanidade; existe em todos os níveis e de todas as formas, em todos os lugares; as grandes cidades são verdadeiros viveiros de violência; com a miséria e a fome CRESCENTES em *todo o mundo*, ela se faz, até, legítima – luta pela sobrevivência. Mas o zé-povinho espera que o governo consiga eliminar a violência da cidade de São Paulo e do Brasil, se possível em um ano... Pior de tudo: alguns candidatos assumem a expectativa popular e "garantem" que assim será.

Tal filho, tal pai, dois idiotas não por falta de inteligência, mas sim por força de preconceito.

Mas não se iluda, mãe moderna. Deixar de ser a mãe que todos *imaginam,* deixar de ser como sua mãe *diz* que *foi*, é, bem simplesmente, a guerra de sua vida. *Ninguém* vai concordar com você. Todos acharão que você é uma péssima *pessoa* – sua mãe, seu filho, seu marido,

VOCÊ MESMA!

Experimente.

A grande Mãe é a mais fantástica soma dos preconceitos descabidos de nosso mundo. Tentar livrar-se dessa imagem é tarefa para uma vida inteira de batalha – de cada momento. Muito – MUITO – pior do que ser guerrilheiro – ou terrorista. A mãe que conseguir ser gente (além de mãe) é um gênio moral empenhado numa das mais difíceis tarefas que um ser humano pode tentar realizar, chamo-a – e só a você

BEM-AVENTURADA

ó desventurada

Só de você pode nascer a

CRIANÇA NOVA

o menino Jesus –

que todos esperam.

Mas todos fazem de tudo para que ele morra sempre que reaparece em cada criança que nasce.

ALIENAÇÃO (REPRESSÃO) DA RESPONSABILIDADE
ou
A dialética entre aprendizado familiar autoritário e desempenho democrático

Toda nossa educação familiar é autoritária, 40% por costume (e Lei: "O homem é a cabeça do casal..."), 10% por amor ("Faça assim porque eu gosto"), 10% por temor ("Não faça assim porque eu tenho medo") e 40% por abuso de poder ("Se fizer assim bato em você"). Abuso de poder do adulto frente à criança, do pai e mãe frente ao filho, do professor frente ao aluno, do governo frente ao povo.

Abuso de poder por quê? Por muitas e seríssimas razões – ou motivos. Primeiro, pelo modelo básico de nosso ciclo cultural, patriarcal, machista, com tendência forte a poder absoluto. Toda a Civilização segue tal padrão, e essa foi sua forma inicial, com seus monarcas que se diziam semideuses – e todo mundo fazia de conta que acreditava, porque senão...

Mais fundo ainda, como procuramos mostrar em estudo prévio*: foi nessa forma de organização que se cristalizou a ferocidade humana. Caçadores errantes por mais de um milhão de anos, ao começar a conviver em grandes números (grandes cidades), tiveram sua fantástica ferocidade absorvida pela humanidade numa forma de organização que a pressupunha e ao mesmo tempo a neutralizava. Os grandes, orgulhosos por fora e temerosos por dentro; os pequenos, temerosos por fora e odientos por dentro. Assim, ao mesmo tempo se satisfazia e se anulava nossa ferocidade – nosso maior título à posse da Terra. O mesmo par dialético vigora, segundo Freud, na relação pai/filho – começo de toda pirâmide de poder. No caso de pai e filho, com a agravante deveras importante do tamanho... O complexo de Édipo se explica assim...

Depois, porque todos aprovam o que os pais fazem – seja lá o que for. O que mais desorienta os membros de uma família é este fato gigantesco: pai ou mãe *têm sempre razão* ou *estão sempre certos*.

Nada melhor – ou pior – do que ver aprovado *qualquer* comportamento.

(*) *Poder e Prazer*, Ed. Ágora, São Paulo, 1986, páginas 131 a 155.

Esta condição é a que

GERA

os tiranos – e o clima popular necessário para que o tirano assuma.

Nada melhor para desorientar quem quer que seja do que a aprovação sistemática – ou a reprovação sistemática.

Ninguém mais maniqueísta do que o Tirano e seus precursores, o Pai e a Mãe...

Não só sempre certos, como também preferidos: frente a qualquer relato de pendência ou desavença familiar, nove vezes em dez o ouvinte tomará as dores dos pais.

Quem ocupa a *posição social* de pai ou mãe, quem exerce a *função pública* de educador praticamente só tem direitos. Está suposto ou admite-se que ele sabe, e que o menor *tem* que obedecer – porque é fraco, ignorante, coitadinho, meio débil mental, irresponsável, ignorante do mundo sábio, justo e maravilhoso dos adultos...

É realmente espantosa a mitologia em torno do adulto e – ainda pior – sua sistematização e "fundamentação" psicológica na Psicanálise e outras teorias de personalidade para as quais o erro vem sempre da criança e os valores adultos ("maduros") são sempre excelsos e divinos.

Se o leitor tiver bons ouvidos, na certa está percebendo a harmonia preestabelecida entre o pequeno lar, a sessão de Psicanálise e o Grande Estado.

Arrogam-se os influentes de forma ainda mais ostensiva e ridícula, mil poderes e competências que visivelmente não têm. Mas ai de quem criticar o regime autoritário (ai de quem crítica Pai, Mãe ou Lar).

Mais: para a imensa maioria das pessoas, os familiares constituem sua audiência, sua platéia única – ou a mais importante. A pessoa simples, no trabalho, é apenas um número, e só se sente um pouco ela mesma entre os amigos no bar (ou na embriaguez do grupo...) e em casa.

É aí, no ambiente estreito do lar, que a pessoa tenta exibir ou passar para os outros todo o seu imenso valor tão ignorado pelo mundo... E surgem pais e mães com discursos e poses intermináveis, caricatas – e terríveis –, de competência inexistente.

Exercendo poder tirânico, ou assumindo o papel de professor permanente de vida, a verdade é que a maioria dos pais aborrece a família com seus sermões, "lições" e "perfeições" excelsas...

O mito do adulto maduro, competente e sábio é um dos piores venenos que se absorvem em família – durante cada santo dia de vinte anos sucessivos...

De novo, a semelhança com os regimes totalitários é evidente, sendo o "duce" ou o "führer" sobrenaturais na sua excelsa perfeição e poder. Em escala menor – mas não muito –, o senhor Presidente, o Papa, o Governador, o Chefe de Polícia e todas as demais figuras deste préstito tragicômico.

Todos MUITO perfeitos, MUITO competentes, MUITO dedicados ao bem-estar da coletividade, MUITO honestos. Até que as eleições – e a oposição – vêm mostrar outros lados da história – logo esquecidos pelo povo. Se o Povo não esquecesse, é provável que já não existissem mais políticos.

Exatamente igual à Família: quase todos com falhas seríssimas, todas constituídas por pessoas "normais", isto é, precárias, falíveis, incertas – ou fanáticas –, mas todas dizendo, e muitos acreditando, que no desempenho de suas altas funções sociais o Espírito Santo as ilumina e conduz pelas sendas do Bem, da Verdade e até da Beleza...

NINGUÉM

parece se dar conta: estas altas perfeições são um dos fatos básicos a levar o mundo para o caos de exploração, abuso, loucura, miséria e morte, para o qual estamos caminhando a passos cada vez mais largos e cada vez mais rápidos.

A "amnésia infantil" de Freud, outra vez, pouco ou nada tem a ver com o indivíduo. É uma exigência social, pressão coletiva, "opinião pública".

Se todos e cada um de nós *lembrasse com clareza e sentisse com força* tudo – TUDO – o que experimentou no Lar, ninguém se casaria mais – nem teria filhos.

Entre a ideologia da Família (MUITO falada) e a realidade dos fatos, (NUNCA ditos – REPRIMIDOS) vai uma distância imensa. Só é maior nos regimes autoritários, entre o Poder dito por ele mesmo, e sofrido pelos oprimidos. Nem se atribua apenas ao Tirano a responsabilidade; ele só é bom porque

aprendeu a usar a fantástica predisposição da imensa maioria dos adultos a obedecer, a "adorar falsos deuses" –.a se comportar como crianças frente aos pais ideologizados.

A raiz mais funda dos jogos de poder consiste numa perversão do espírito religioso do homem. É fácil para qualquer pessoa recordar casos conhecidos – senão pessoais – de abusos de autoridade em Família. Pais e mães despóticos têm na família "liberdade" para se expandirem até onde os levam seus desvarios e caprichos.

"Como pai – como mãe – tenho não só o direito, mas o sagrado dever de educar" – e em nome dessa farsa sacrossanta são cometidos os piores crimes contra a infância –, sempre com a aprovação coletiva.

Os adultos – principalmente as escolas de psicoterapia – vivem falando de uma independência e de um senso de responsabilidade cujo exercício jamais se possibilita à criança. Não se permite aos filhos que dêem nada de volta, nem que aprendam a correr riscos. Em nome de uma segurança tão perigosamente ilusória quanto todas as demais infantilidades da Família, "protegemos" as crianças de forma a deixá-las paralíticas e inermes para o resto de suas vidas. A escola se encarrega de fazer o que falta: é tão pouco condizente com crianças que estas aprendem, na escola, que cultura, inteligência, ciência e lógica constituem coisas infinitamente chatas e inúteis – feitas para serem esquecidas de uma vez por todas, logo que tenham terminado o curso. Mas, enquanto se tentar encher a cabeça das crianças com mil noções inúteis e chatas e difíceis para elas, vai-se, *ao mesmo tempo*, treinando-a para que *fique quieta* (parada) e seja obediente (aos regulamentos descabidos que regem a escola).

Treinados para ser cidadãos sem iniciativa, posição e tesão. Jamais se pergunta à criança o que seria bom para ela. De verdade, mesmo, jamais. Ela *tem que se conformar com os valores adultos, queira ou não.*

Depois dessa "educação" familiar e escolar estrita e continuamente AUTORITÁRIA, começa a demagogia cósmica a dizer que precisamos ser DEMOCRÁTICOS

Por obra e graça do Espírito Santo – de quem mais? Quem teve oportunidade para *aprender* a ser democrático?

Principalmente porque Democracia NÃO É natural. Crianças brincando em grupo terminam, fatalmente, organizando-se de forma autoritária; além disso, entre todos os animais de vida comunitária, a organização autoritária é a predominante – senão a exclusiva. Enfim, basta ver com certos olhos o noticiário político para perceber que, apesar de todas as balelas democráticas, ainda hoje, mesmo nos países que SE denominam civilizados, o que existe são oligarquias bem fechadas, que aprenderam a disfarçar superficialmente – MUITO superficialmente – suas garras, seus dentes e seu poder absoluto.

Provavelmente, o maior erro que se comete, na maior parte *de tudo o que se diz* sobre Política é o *implícito de que o Estado existe para o bem de todos* – para cuidar de "bem comum", como era dito pelos Escolásticos. Todos fazem de conta que acreditam, e a maioria crê mesmo que assim seja, quando é evidente, a olhos nem tão astutos, que o Estado constitui uma fantástica máquina de opressão – E CADA VEZ MAIS IRRESPONSÁVEL –, pois que diluída entre muitos que aparentemente se substituem. Quero dizer que o velho tirano era mais honesto e mais corajoso que os modernos estadistas. *Ele dizia e fazia, era o responsável evidente pelo que se decretava*. Contra ele podiam todos se voltar, criticar, xingar. Hoje não. A democracia, na medida em que aumenta o número de "representantes" do povo, dilui a responsabilidade de cada um deles, tanto aos olhos do próprio personagem quanto aos do povo.

O mesmo com a empresa – que não tem dono, mas apenas os representantes dos acionistas. Portanto, tantos e tão pouco responsáveis quanto os políticos. O antigo e odiado Patrão era – ele também – mais honesto e corajoso. Corria riscos e assumia responsabilidades em *seu* nome – sem se refugiar no anonimato.

Quando se vêem e se ouvem na tevê as poses e as declarações dos Pais da Pátria, fica-se estarrecido por sua presunção e cegueira

IGUAIZINHAS À DOS PAIS E MÃES...

Prometem fazer tudo (como o preconceito DIZ que eles deviam fazer...). Jamais se declaram vencidos ou errados, inventam sempre explicações, por vezes ridículas, para justificar um erro – quando ele é evidente demais para ser negado. E,

claro, como na Sagrada Família, a culpa cabe sempre ao outro, geralmente aos Estados Unidos – ou à Rússia.

É fantástico o que se ouve, em conversas sobre política, a respeito de tudo o que o governo devia fazer e não faz. E, como bom pai, o governo *assume* este poder ridiculamente exagerado. Parece mãe, a assumir tudo o que se lhe atribui, mas, evidentemente, sem a menor consideração pelo possível, pelo plausível e pelo viável.

Enfim, como os pais, as pessoas do governo, se questionadas em seu discurso e aparência de Onipotência, nos dirão muito a sério que o povo precisa de governantes que pareçam saber de tudo sempre – senão "as crianças" (o povo) ficariam muito inseguros e poderiam até – horror! – desacreditar dos pais da Pátria. E, então o que seria de todos nós, meu Deus!

Louvado seja o Congresso Nacional, a Presidência da República, a Assessoria da Presidência, todos os Deputados e Senadores – que eles na sua infinita sabedoria, nos salvem de todos os males Amém.

ALIENAÇÃO (REPRESSÃO) DA RESPONSABILIDADE
ou
Estes pais maravilhosos e seus filhinhos incompetentes

Faz parte da ideologia familiar dizer, em todo lugar e a qualquer propósito, que os pais têm mil e uma obrigações frente aos filhos, que os filhos são a finalidade da vida dos pais e que a família é exatamente isto: a dedicação integral de dois adultos a uma ou mais crianças.

É realmente uma pena que Freud, os psicanalistas e a maior parte dos psicoterapeutas pouco ou nada se detenham sobre o significado dos termos maduro e, principalmente, adulto.

Na mesma medida em que falta uma apreciação adequada dessa maturidade, sobrecarrega-se seu oposto dialético: *infantilidade e infantil* ou, ainda, *coisa de criança* se mostram, no cotidiano, como xingamentos, algo débil mental, irresponsável, incoerente, irracional.

A Criança é o Bode Expiatório dos adultos
que fizeram dela o símbolo da própria inconsciência
e da própria incompetência.

Se o mundo atual é produto da atuação de pessoas adultas e maduras, será preciso concluir: essa maturidade é profundamente ilusória, pretensiosa, precária e cruel – sobretudo inconsciente. Todos – pessoas e povos – se consideram ótimos, maravilhosos...

Basta considerar os psicopatas do Pentágono e seus opostos dialéticos do Kremlin, que sustentam seu poder segundo um pacto nada secreto; basta considerar a fantástica desigualdade social e econômica vigente em nosso mundo adulto; basta observar o trabalho ainda hoje escravagista, os abusos inomináveis dos poderosos, nossa total irresponsabilidade reprodutora, a fome crescente, a destruição acelerada do Planeta, a Poluição e as armas, para concluir, segundo evidência esmagadora, que nós, adultos maduros e "responsáveis", somos na verdade

UMA MERDA

se é que ainda existe um nome para nós.

Em matéria de comportamento humano e humanizante, somos nulidades completas e, segundo parece, irremediáveis. Nossa Gloriosa História é um Horror do começo ao fim. Ligue

a tevê, leitor – e confira. Na ficção, como no noticiário, só agressão, exploração, lutas, pancadarias, guerras e mais guerras...

É parecer deste autor, ao lado de muitos outros que se apavoram e se compadecem da patologia cósmica que é a raça humana, que nossa maturidade está cada vez pior, que se nos tornarmos um pouco mais adultos vamos liquidar com a espécie, e talvez façamos explodir o próprio globo terrestre, apagando de vez, do Universo, qualquer lembrança desta espécie inviável.

Como dizem os esotéricos, assim no pouco como no muito: a família é deveras um microcosmo, a seu modo retrato fiel do macromanicômio onde todos convivemos tão mal – cada qual chamando ao outro de louco e tentando abusar dele ao máximo.

Pais e mães propostos como entidades de sobre-humana benevolência e compreensão existem tanto quanto os filhos dos deuses do passado e do presente, dos Faraós até os Ilustríssimos e Excelentíssimos Presidentes das que SE consideram grandes democracias ou grandes países Socialistas. São bons porque assim vivem dizendo, propalando-o por todos os meios de comunicação – e ai de quem disser o contrário. O modelo familiar só poderia seguir – fielmente – o grande exemplo desses iluminados das trevas.

A família é nosso palco particular, onde todos podemos exibir nossas excelentes qualidades, exigindo sermos aplaudidos, apreciados e obedecidos. Falo dos pais. A imensa maioria das pessoas não têm outra audiência nem outro palco e então, e por isso, pais e mães se põem de modelos, professores, provedores, protetores e sei mais o quê. De novo, ai do filho que disser o contrário. Não é apenas uma criança peculiar, mas um "perverso polimorfo" – uma das mais infelizes expressões do Freud adulto.

É preciso que os filhos sejam incapazes, fracos, pouco inteligentes, para que assim os pais possam sentir-se grandes e valiosos. Na família, pois, como exigência fundamental de maturidade, são os pais que fazem e dão tudo; os filhos recebem e não precisam fazer mais nada. Basta que sejam filhos. Não existe melhor educação para a mais completa falta de reciprocidade, responsabilidade e cooperação.

Não se trata apenas de um erro de filosofia e de educação; é também um profundo erro biológico. A característica

deveras única da espécie humana, quando confrontada com as demais espécies animais, é a capacidade de realizar

TROCAS,

que constitui o começo e o fundamento da economia, da justiça, da reciprocidade e da responsabilidade.

Biólogos de visão antes pessimistas nos dizem que é assim mesmo: o eixo da natureza viva é a luta entre as espécies e entre os indivíduos, daí resultando a sobrevivência do mais apto – ou de seu genoma.

Nada contra, a não ser o significado do termo "mais apto". Hoje, no mundo, já existem botões que, se apertados, iniciarão a destruição de tudo o que foi construído pelos homens. Estas pessoas, que podem ser o Sr. Gorbachev, o Sr. Reagan, algum coronel ou até algum sargento do Exército, russo ou americano, podem apertar esse botão e se fazer, por algum tempo, os únicos sobreviventes da espécie. Eles serão, portanto, infinitamente aptos... Hoje, com nossa capacidade de concentrar materiais, armas, petróleo, venenos, a noção de mais apto, se entendida em sentido exclusivamente egoísta, pode ser, na verdade, o começo do fim de todos nós.

Já aos olhos dos homens, o maior princípio de organização da natureza seria a simbiose ou a cooperação – de algum modo sinônimas.

Repartir e cooperar foi a essência do bando humano primitivo, de caçadores errantes. Entre eles, qualquer egoísmo autêntico era suicídio. Os homens precisavam realmente uns dos outros e sabiam disso muito bem, porque na caçada o Ug tinha olhos incríveis para achar a presa, o Gag sabia chegar sorrateiramente até pegar um veadinho pelos chifres, o Magog tinha uma porretada capaz de derrubar um bisonte e o Ru, com uma pedra na mão, atingia qualquer coisa que se movesse a menos de 50 m de distância. Depois tinha também o Mir, que ao lado da fogueira, inventava cantos e danças, representando e celebrando as peripécias da caçada. Eram todos indispensáveis.

Hoje ninguém sabe o que está fazendo, nem quando, nem onde, nem para quem, nem como. E o que é deveras o pior de tudo: quando os homens começaram a se reunir nas grandes cidades – ao lado dos primeiros campos cultivados – os mais ferozes do bando rapidamente se "organizaram", passando a explorar e agredir os menos ferozes, sempre com ameaças de morte, reforçadas com assassinatos periódicos.

Os menos ferozes – os "mansos" – foram se transformando em um rebanho de vacas pacientes, obrigados a gerar comida, roupas e demais riquezas para os mais ferozes.

A humanidade perdeu a capacidade e a competência em cooperar e passou a viver em permanente "luta de classes", que é MUITO velha, muito mais velha do que o Capitalismo, o Feudalismo, os Reis-Deuses e todas as demais formas de organização política opressiva – as únicas que conhecemos.

Em relação aos filhos incompetentes é preciso dizer algo mais. Atualmente estamos aprendendo a reconhecer a Síndrome do Desamparo: tanto animais quanto seres humanos, se postos numa situação tal que – façam o que fizerem – nada acontece nem se decide, entram rapidamente numa espécie de paralisia difusa que os transforma em zumbis ou autômatos. O fato já foi *assinalado* em famílias ricas e explica bastante deste monstrengo chamado *playboy*. Para a criança de família rica NADA do que acontece depende de algo que ela faça; não possui a menor noção da relação entre ela e o mundo. Começa então a loucura do *playboy*, a desafiar todas as regras e leis A FIM de sentir que ESTÁ fazendo alguma coisa...

Se o leitor já prestou atenção à cara das pessoas na rua ou no ônibus, quando sozinhas, deve saber do que estou falando. A maior parte dos rebanhos dos poderosos é constituída por eles. Façam o que fizerem, serão para sempre miseráveis e subumanos.

Não obstante algumas idéias de vanguarda sobre educação, bonitas e verdadeiras, mas jamais postas em prática, na maioria das famílias vigora a lei ideológica (mentirosa) da onipotência dos pais. O único fundamento objetivo dessas excelsas qualidades está no consenso de maioria: quase todos os pais e mães do mundo dizem acreditar que assim é, e ai de quem falar o contrário.

Ocorre então, ao longo da deformação pedagógica, um duplo efeito altamente maléfico nas duas pontas. De um lado, vai se instalando a síndrome de desamparo nas crianças; de outro elas vão começando a "aprender" a "sabedoria" do mundo maduro. Aprendeu subliminarmente no mesmo ato, que o que a gente fala não tem nada a ver com o que a gente faz.

Até os cinco ou seis anos, as crianças ainda estão *vendo* que papai e mamãe, longe dos semideuses que dizem ser, são pessoas notavelmente parecidas com os outros, com seus numerosos temores, mazelas, incertezas, fraquezas e quanto mais.

É aí e é então que começa o processo totalitário:
Jamais dizer para a autoridade o que ela está realmente fazendo.

Ou, numa forma ainda mais clara, jamais dizer para papai, mamãe, o presidente ou o tirano que *seus discursos* empolados têm pouco ou nada a ver com as tolices, as grosserias e erros *que cometem a cada instante.* Não que toda autoridade seja inerentemente um monstro, mas sim porque é gente, com tudo o que isto significa de precário, incerto e imperfeito.

Em família, portanto, a educação tradicional mata vários coelhos com uma só paulada: acaba com o senso da competência da criança, com seu senso de cooperação e com sua coragem verbal – ou civil – de simplesmente dizer – pôr em palavras – aquilo que está diante do nariz e dos olhos de todos.

O circo *adulto* está completo – o *show* pode continuar... até que caia a Bomba.

Em termos mais simples e familiares, podemos dizer: não damos para as crianças oportunidades para errar, correr riscos, assumir responsabilidades, tentar o desconhecido – para *aprender.* A educação familiar tradicional parte do princípio de que a experiência dos pais é ótima para os filhos, e que, se eles fizerem exatamente como papai e mamãe dizem, estarão livres de todos os males e de todos os erros. Historicamente, esse "princípio" tem certo fundamento – no Egito, por exemplo, quando os usos e costumes se mantinham sensivelmente os mesmos durante séculos. Os adultos tinham a experiência do sistema, isto é, das convenções e ideologias dominantes; eram, pois, mestres vividos e sofridos em relação à estas *con-*

venções. Mas basta lembrar o fundamento positivo para perceber o quanto o princípio não tem mais aplicabilidade alguma.

Nunca na História da Humanidade o mundo da Cultura mostrou mudanças tão aceleradas. Hoje podemos até dizer que as lições do passado, por mais sábias que hajam sido *no passado*, não têm mais *oportunidade* alguma. Na verdade, se pudéssemos "educar" um grupo de crianças, hoje, segundo estes princípios – digamos, segundo as boas regras de educação das boas famílias brasileiras de 50 anos atrás –, criaríamos o bando mais exótico e anacrônico de alienados que se possa imaginar. Sob esse princípio, de forma intelectual tão clara – transmissão das deformações tradicionais dos pais para os filhos –, esconde-se outro, agora emocional, inteiramente verdadeiro! A Análise Transacional, sob a feliz expressão de *mandato* (inconsciente, dos pais para as crianças), mostra-nos com clareza o quanto as ambições e frustrações paternas e maternas se transferem para os filhos. Freud usava precisamente esta expressão: transferência. Os hindus usavam a palavra Karma.

Na verdade, seria muito bom se no processo educativo fossem para os filhos poucas, de preferência nenhuma, das manias e cismas dos pais, de seus fracassos, amarguras, desesperos e angústias. Seria o limite de uma educação que poderíamos chamar de educação Zen. Precisamente este: que os pais se empenhassem persistente e sutilmente em *impedir* a influência de seus "princípios" pessoais sobre os filhos. Mas isso exige um desenvolvimento pessoal e um senso de responsabilidade moral superlativos.

Podemos declarar o mesmo de outra maneira: parte essencial de uma educação perfeita seria deixar que cada criança começasse a perceber, sentir e reagir às coisas do mundo de acordo com seu modo de ser – e *formando* seu modo de ser! Mas se levarmos esse princípio ao seu limite, teremos um isolamento completo entre as gerações – o que não parece desejável. Como se resolve, então, o dilema?

De novo, idealmente, pelo *confronto de experiências* e não pela imposição de normas e sermões. Duas gerações sucessivas, hoje, estão mais distantes entre si do que dez gerações egípcias – ou mais.

Nada, portanto, de impor o que eu aprendi. Mas é sempre bom, interessante e útil confrontar experiências, concep-

ções e posições pessoais – num clima de compreensão e tolerância. Deste modo podem ambos aprender um do outro – aprender aquilo que convém a cada um dos interessados.

Em suma, uma *troca* autêntica, mutuamente enriquecedora, genuinamente simbiótica. Das numerosas impossibilidades que a ideologia atribui aos pais, quero ressaltar uma das mais faladas: apoio incondicional. A Biologia entra na dança e nos diz qua esta é a primeira condição de sobrevivência e do aprendizado vital para os filhotes. A expectativa traz, inerente, a garantia de... imortalidade da mãe – antes de mais nada. Depois, garantir apoio incondicional é tão ruim quanto não ter apoio algum.

O elo mãe-filhote é vital – em condições de selva, entre os animais. Ainda que mesmo entre eles existam, às vezes, cooperação na criação dos filhotes (entre muitos primatas o órfão pode ser criado por outra fêmea), de fato, na imensa maioria dos casos, filhote sem mãe é filhote morto.

Mas entre nós a cooperação, entretecida ao mesmo tempo pela divisão de trabalho, pela caça e pela vida social, pode fazer melhor pelo órfão.

Na verdade, se falarmos em reciprocidade (melhor do que responsabilidade), então o apoio incondicional é tão degradante quanto o elo de escravidão – que constitui seu oposto dialético. O escravo não tem direito a nada – o filho mimado tem direito a tudo.

Responsabilidade – um nome não muito simpático para a reciprocidade – significa: o que eu faço *tem conseqüências!* Ou: o que eu faço *com o outro tem muito* a ver com o que ele faz comigo.

Basta usar essa fórmula para ver, imediatamente, que a família *faz o que pode* para borrar esta noção/sensação. Até que chegue Skinner, para nos recordar exatamente isso: a conseqüência do que fazemos é essencial para o que fazemos.

O mesmo fazem os governos – tal qual assumem tudo "dizendo" para o povo: vocês não precisam fazer nada (exceto pagar os impostos, é claro...); nós controlamos, sabemos e prevemos tudo. Fiquem bonzinhos e não se preocupem... Pergunto-me qual o equivalente dos impostos para a criança...

Creio que consiste nisso: a criança é o maior bode expiatório do processo de socialização. Ela é invariavelmente "a errada" ou, o que dá na mesma, os pais têm sempre razão – ou

estão certos. Poucas cenas são tão deprimentes quanto ver uma mãe brutalizando uma criança em plena rua – e ninguém se mexendo para coibir o abuso.

Não conheço escola de Psicologia que aponte o fato de a repressão alcançar, acima de tudo, a percepção e a inteligência. A fórmula usual dos preconceitos é invariavelmente de uma burrice única – generalizações precaríssimas enunciadas como verdades absolutas, universais e eternas: preto não presta, mãe tem sempre razão, o "inimigo" sempre é um monstro, mulher é burra...

A força dessas frases certamente não está em seu valor declaratório – sempre mais do que precário (*nada* acontece ou é exatamente como o preconceito diz). Logo, o preconceito só pode ser expressão da intolerância humana – de nossa ferocidade de caçadores, que *precisa* se realizar de algum modo. *Precisamos de inimigos* e *precisamos* de pessoas às quais agredir – "com razão"...

Se não tenho a quem odiar, passo a me corroer de agressão inexpressa – o que é perigoso e extremamente desagradável. Melhor surrar a almofada – como se faz em tantas sessões de Psicoterapia...

Custa-nos acreditar, mas a criança é objeto de muito ódio dos adultos, segundo o mesmo princípio enunciado. Se ela não é a errada, então é débil mental, coitadinha, bobinha... O mesmo se diga do Governo, cuja *principal* função *psicológica* é ser bode expiatório de toda a frustração, incompetência e irrealização pessoal de cada cidadão... Digo que a maior força a manter o poder político é a necessidade de todos de achar um culpado para tudo o que nos faz sofrer, que muitas vezes não sabemos o que é, e que na certa são MUITAS coisas ou fatores.

Acusar o governo é uma declaração de nossa burrice, incompetência e – acima de tudo – incapacidade de cooperarmos para o bem comum. Aliás, agrada-me a hipótese de que o poder político – o chefe – apareceu e se mantém porque, na sua ausência, cada um se faz inimigo de todos e a vida se torna impossível. Inegavelmente, o bem comum nasceu do mal comum, e o Estado é um mal menor do que a perseguição de todos contra todos.

Será?

E as analogias sócio-familiares se multiplicam. Quantas vezes ouvimos dizer "Minha vida é um fracasso porque meu

pai não fez como devia... A culpa é dele". Nestes casos – note-se – a pessoa *se sente* no direito de dizê-lo porque desde que nasceu ouviu sobre os deveres mirabolantes e maravilhosos que os pais têm frente aos filhos.

O mesmo com todos, frente ao Estado. Nunca ouvi um político falar, em público, dos péssimos defeitos do povo.

INTERPRETAÇÃO PEDAGÓGICA DA HISTÓRIA DO REIZINHO VAIDOSO

(Que são todos os poderosos do mundo)
(Que somos todos nós...)

Suponho que o leitor saiba da história – infantil – a que me refiro. De criança, eu a achava bastante sem sentido, ainda que com certa graça enigmática.

O Reizinho vaidoso, que só pensava em sua aparência, contratou certa vez dois estrangeiros que se diziam tecelões eméritos – e mágicos. Fariam uma veste deslumbrante, inigualável. Mas só pessoas do mais refinado gosto seriam capazes de apreciá-la. E o Reizinho empenhou metade do Tesouro Nacional – sacrifício do povo – na execução da veste maravilhosa. Nada havia funcionando nos teares, mas quem teria coragem – ou simplicidade – para declará-lo, sabendo que ao mesmo tempo seria tido ou estaria declarando publicamente sua falta de bom gosto, sua grossura cultural?

E, para encurtar a história conhecida, o Reizinho vaidoso acabou saindo à rua completamente nu, mas revestido, na certa, daquela Liturgia do Cargo a que tanto se refere nosso querido presidente Sarney. E o povo, perplexo, a perguntar-se por que haviam pago tão caro para ver as cuecas do Rei.

Enfim, foi preciso a ingenuidade de uma criança para denunciar o embuste: "Mas o Rei está nu". Grande tumulto na passarela, Polícia Especial para serenar a arruaça, notícias em todos os jornais da época, controvérsias sobre a existência – ou não – dos trajes reais...

Parece mesmo história de criança, mas é, na verdade, resumo evidente, do *essencial* do processo de socialização: aprenda a DIZER que está vendo *apenas* aquilo *que todos dizem estar vendo*, e apenas aquilo que "AS AUTORIDADES" dizem que existe. Porque senão... você será tido por um marginal, um esquisitão, um louco ou, pior, um terrorista...

O mais que os poderosos toleram é o caricaturista – mas que ele não exagere... Toleram até críticas hoje em dia. Mas feitas com todo o respeito, com a devida consideração e com todos os salamaleques do estilo. Porque senão...

"Pai não se critica" (mesmo quando, no Brasil, metade dos pais seja alcoólatra). "Mãe nunca erra", mesmo quando esteja evidentemente ao menor exame que elas são apenas

gente, cheias, como todos, de dúvidas, incertezas, limitações, temores, exageros e quanto mais.

Quando começa a História – é História – do Reizinho vaidoso, na vida de cada um de nós? Aproximadamente entre os dois e os cinco anos.

Nenhuma Psicologia fala desta repressão – a Repressão do Olhar. Tão pouco se fala do Olhar da Consciência – tão mais importante do que a Voz da... Inconsciência.

Vamos devagar que a questão é por demais importante – e nunca falada...

Vou agora fazer o papel da criança que denunciou o Rei – talvez cause igual tumulto e tenha igual destino...

Fantasias e Imaginação cabem na adolescência, como preparação para a vida e, muito provavelmente, como fuga frente à realidade social – tão incompreensível para o adolescente (só para o adolescente?)

Viver sonhando, fazer castelos no ar, até há pouco tempo, era tido como a essência do autismo e da alienação – da famosa *fuga*. "Você está fugindo da realidade por meio da fantasia." Quantas vezes essa frase foi dita em consultórios de Psicoterapia? "Você está sonhando." "Ser neurótico é viver fazendo Castelos no ar." Por que esta condenação tenaz de toda atividade *visual interior?* Por que tal valorização descabida e deveras exagerada de toda fantasia VERBAL que é o destino – ou a atividade – de 95% das pessoas durante 95% do tempo? Falar é sempre *sério, digno de consideração, "real"* (ou referido à realidade). Mas imaginar não pode – é infantilidade.

Digo eu que a humanidade vive perdida porque não reconhece que sua fantasia verbal é muito mais

FANTÁSTICA

do que as mais delirantes fantasias visuais dos surrealistas.

Quando se ouve a conversa dos banqueiros sobre os juros a que têm *direito* divino – mesmo que envolva a morte pela fome de milhões de semelhantes; quando se ouve o General *falar* de seus contingentes (só a palavra contém gentes, o pensamento do general não); quando se ouve o Papa João de Deus (será?) falar de poligamia na África; quando Reagan *fala* de Guerra nas Estrelas – estão ou não estão todos delirando perigosamente?

E a fantástica soma de papo furado que é o pão-nosso intelectual (!) de todo dia, as torrentes intermináveis e nauseantes dos comentaristas esportivos, políticos, econômicos...

O que é tudo isso, se não fantasia – sons soltos sem conexão alguma com a realidade real? A realidade é, primeiro, a que os olhos mostram e o tato confirma. A realidade das palavras e de seus significados é sabidamente, a *essência da convenção* – não da realidade. A força principal das palavras está no consenso dos que as usam. *Para eles* tudo o que é dito é verdadeiro.

O psicanalista, também nauseantemente a repetir que "o paciente estava fora da realidade", não parece se dar conta de referir-se à realidade convencional, a "verdade de todos" – e ai de quem *disser* diferente.

A palavra que nos fez pode nos destruir – se não relativizarmos seu valor, se não aprendemos que ela diz *muito limitadamente* o que acontece, *e que além das palavras existem universos infinitos de percepção*. E, inclusive, que sem o contexto da situação, sem as caras e os tons, sem os gestos que esclarecem e definem, toda palavra é um enigma ou um som sem sentido.

Como começa a separação entre o que se vê e o que se diz? Começa com o aprendizado da palavra. Poucuíssimos pais têm alguma consciência do que dizem – da correspondência efetiva ENTRE O DIZER E O ACONTECER. A imensa maioria das pessoas vive seu sonho verbal – que hoje se denomina IDEOLOGIA. Vive a convicção de que pai e mãe são ótimos, quase infalíveis, sempre debruçados sobre os interesses maiores de seus queridos rebentos, e demais lorotas – como as dissemos tantas vezes nestas páginas.

Quase ninguém VÊ o que está embaixo do nariz e falam quase todos, quase sempre, do que deveria ser ou existir – com noção fraquíssima de que este *deve ser* acontece muito pouco, quando acontece.

O conflito entre a palavra e o olhar, presente e atuante em todos nós o tempo todo, se exprime bem explicitamente assim:

ACREDITO NO QUE VEJO OU ACREDITO NO QUE ME É DITO?

Acredito na nudez do Rei – que *eu vejo* – ou acredito em suas vestes magníficas – das quais tanto *se fala?*

Acredito que o Governo vive debruçado sobre meus problemas – como se diz e como ele diz – ou acredito no que ele faz e eu vejo – e que tem muito pouco a ver comigo?

Acredito no que dizem meus pais – de seus desvelos, sacrifícios, atenção e interesse por mim – ou acredito no que meus olhos vêem – meus pais preocupados consigo mesmos, dando-me atenção superficial, "de obrigação", freqüentemente impacientes, incompreensivos, intolerantes, irritados?

Posso falar para minha mãe que ela tantas vezes tem raiva de mim – ou de meu pai que me esquece, que muitas vezes preferia que eu não existisse – ou fico a repetir a cartilha dos Pai divinos, Santos e Admiráveis?

É no Lar – onde, senão? – que começa o aprendizado da mais importante das alienações

A ALIENAÇÃO EM RELAÇÃO AOS PRÓPRIOS OLHOS: A REPRESSÃO DO OLHAR

Um *descrer do que vejo* (na verdade, *um fazer de conta* que não estou vendo), ou uma *confissão de fé* na ideologia *transparentemente falsa* que me está sendo impingida? Não é igualzinho ao poder político/militar/econômico a repetir, repetir, repetir que está cuidando de mim quando tudo o que vejo em volta me diz que estou sendo ameaçado, intimidado, oprimido e explorado?

Por que chamamos de Iluminado ao Iluminado? Por que ele REASSUMIU seu olhar e agora acredita no que vê – mais nada

Algum tempo depois o "aprendizado" se completa. Bem treinado em *fazer de conta* que não vejo – isto é, proibido de dizer *o que estou vendo* –, começo a *fazer de conta* que acredito no que *estou dizendo*.

Aprendo a fazer de conta que sou cego, mato minha imaginação (que é a visão do que se passa dentro de mim), e entro no delírio verbal da Ideologia, naquilo que parece, que é dito ou tido como Pensamento Coletivo, o pensamento de Todos (de muitos). Passei de indivíduo a categoria. Agora sou cidadão politizado. "Sei" o que estou dizendo porque todos – ou muitos – admitem compreender o que digo.

Sou normal – Graças a Deus. Graças a Deus, completamente longe da Realidade – como todos.

Tudo isso é muito engraçado, trágico e perigoso. Falando, falando, falando, estamos caminhando, caminhando, caminhando firmes, na direção de nossa destruição coletiva. A palavra, que nos salvou, agora pode nos perder.

ALIENAÇÃO (REPRESSÃO) DA REALIDADE
ou
As histórias da carochinha e as novelas familiares

Desta vez vamos começar pelo avesso – pelos livros escolares de História do Brasil. Hoje eles são um pouco melhores, mas há dez ou quinze anos eram incrivelmente simplórios.

O Senhor Rei – digamos, D. Pedro II – "indignado" com as ordens de Portugal, sacou heroicamente da espada e bradou "Independência ou Morte"!

Aí, mocinho!

A simpática Imperatriz Leopoldina – condoída pelos sofrimentos dos escravos – proclamou sua libertação.

Aí, mocinha!

Não havia nesses textos – oficiais e obrigatórios – a menor alusão às poderosas forças sócio-econômicas que modelam a História. Era tudo vontade dos heróis, glorificação da Pátria Amada, mesmo quando – como no caso da guerra contra o Paraguai – a gloriosa havia se mostrado subserviente (aos ingleses), desorganizada e cruel. Mas "os nossos" são sempre maravilhosos – e o inimigo é diabólico. Qual será o Q.I. da Humanidade como um todo?

As pátrias amadas – como os poderosos, como todos nós – são invariavelmente grandiosas, justiceiras, defensoras da Verdade, do Bem, do Deus Verdadeiro e sei mais o quê. Hoje, mais sóbrios e melhor informados, os historiadores mostram, para quem queira ver, que as pátrias amadas são predadoras implacáveis, opressoras cruéis e exploradoras insaciáveis umas das outras.

Pedro Álvares "descobriu o Brasil!"

Pizarro e Cortez – os filhos da mãe – "descobriram", "civilizaram" e "ensinaram a fé verdadeira " para os Maias e os Astecas.

Deveras, os pais da Pátria são iguaizinhos aos Pais – simplesmente –, no sentido de se mostrarem, ambos, sempre

maravilhosos – enquanto seu agir mostra bem outra dança. Já vimos, com a História do Reizinho vaidoso, como o truque é feito.

Hipnose (lições maternas), propaganda martelante e interminável

DIZENDO

que tudo é lindo e feito com a melhor das intenções e AMEAÇANDO todos os dissidentes – todos os que *VÊEM* que não é nada disso.

Se o leitor estiver se sentindo mal diante do meu ódio iconoclasta, e ainda hesitante, quiçá querendo defender os Pais da Pátria, então recorde o Tratado de Tordesilhas – lembra-se dele, leitor?

É certo que não. Ninguém lembra o que "aprendeu" na Escola. Vou explicar. Em 1493, Espanha e Portugal dividiram o mundo conhecido pelo meio e concordaram em... se contentar com metade cada um. Tudo o que não fosse terra já cristianizada seria de quem achasse.

Como se não bastasse essa Paranóia Global, receberam ambos as bênçãos do Papa Alexandre VI – desde que se comprometessem a levar a Palavra de Deus para todos os pagãos e hereges. Satisfeita essa condição Santa, os lobos poderiam fazer com as presas o que quisessem.

A loucura recebeu as bênçãos de mais dois papas (papões!), Júlio II (1506) e Clemente VII (1529).

Diga, leitor, se tenho ou não razão de espumar de ódio contra os Pais da Pátria – todos, todos, todos!

A empáfia, a presunção e a crueldade dos grandes predadores não têm tamanho.

Hoje será diferente? Rússia e EUA!

Você sabe que não.

Ligue a tevê e veja os noticiários.

Alguém mostrava espanto frente a essas loucuras? Não. Era tudo MUITO sério – e ai de você se não achasse!

O que eu já não compreendo tão bem é por que essa corja de patifes precisa das razões santas, justas e honestas para as suas macrossafadezas.

Segundo, por que, em todas as escolas do mundo – para "ensinar" as novas gerações – esses macrocriminosos são apresentados como os gloriosos descobridores de novos mundos (de novas presas) e Heróis de nossa maravilhosa História Pátria?

Depois vem um patife inglês – Drake – e estraga o prato dos patifes anteriores – e nenhum deles aprende. Mostram assim – todos – sua estupidez irremediável.

E na trilha do Glorioso Pirata, a Inglaterra se faz Senhora do mundo dando, desde então, aos ingleses, seu orgulho, esnobismo e esquisitice de solteirões puritanos – e autistas.

Ninguém é tão bom que mereça relacionar-se com eles...

São tão fundamentalmente hipócritas que não conseguem relacionar-se nem consigo mesmos.

Mas voltemos para o Lar – mais analiticamente.

De regra, tenta-se ensinar às crianças que digam a verdade, sejam honestas, procedam como se deve a fim de ser recompensadas, que não trapaceiem; em suma, que se entreguem, puras, inocentes e limpas à máquina "adulta" de moer carne. Entre os 15 e os 25 anos – ao entrarem na Arena do Poder e da Produção –, passam quase todos pelo famoso "choque" contra a

"Dura realidade"
Que não é NADA do que ele aprendeu
nem no Lar, nem na Escola.

Daí várias conseqüências.

Primeira: na sua função pedagógica, a família teria de *preparar* a criança para a realidade do mundo adulto; ela falha redondamente em seus propósitos. Prepara para um mundo que NÃO existe – nem no próprio Lar.

Segunda: a frustração de quase todos ao defrontar com a dura realidade é a sensação de terem sido vilmente enganados (o que é inteiramente verdade!). Muitos reagem, em seguida, com atitudes que, postas em palavras, diriam: "Ah! É assim, não é? Vocês vão ver!" E o indivíduo se sente com o *pleno direito* de revidar e fazer com os outros o que foi feito com ele. E a guerra continua e piora.

"Fui enganado", "Fui traído" – então "Tomem lá!" E a desonestidade, a exploração, o abuso de poder e a dureza de coração passam a ser exercidas não só com boa consciência, mas com o atrativo adicional daquela sensação/emoção que Karen Horney tão bem caracterizou com o termo

TRIUNFO VINDICATIVO.

"É justo que eu faça as piores.
Não foi o que fizeram comigo?"
E o sistema continua.

Como se vê, por arte do Demo, a Família acaba *cumprindo* sua finalidade...

Terceira: ao lado do choque contra a dura realidade, por vezes ocorre a famosa

QUEDA (dos pais) DE SEUS PEDESTAIS

"Pensei que meu pai fosse honesto, limpo, e em vez disso..." Uma funda amargura tinge a alma – e a regra *fica aí* para sempre.

Sempre a mania de grandeza

dos Adultos

prejudicando permanentemente qualquer ensaio decente de educação.

Quarta: em Família, tudo o que acontece de ruim é

CULPA de alguém próximo – parente

de papai, de mamãe, do filho

da sogra, da nora, do avô...

Como é difícil perceber que a família é o nó pelo qual perpassam *todos* as influências sócio-político-econômicas, ficam todos na

NOVELA FAMILIAR

– tão fácil de entender, tão capaz de explicar tudo o que acontece. E mais:

Se todos tivessem feito COMO DEVIAM

existiríamos todos no melhor dos mundos possíveis.

Tolice de ignorantes?

Não só.

A psicanálise faz – ou "explica" –

EXATAMENTE

do mesmo modo.

Todos os parâmetros e fatores sócio-econômicos são

SIMBÓLICOS

– "representam" invariavelmente Papai, Mamãe, o irmão ou – mais raramente – a vó

Só a Família é *real* para a psicanálise...

Quinta: Como só os membros da Família são
CULPADOS e/ou RESPONSÁVEIS
por *tudo* o que acontece, a família se faz, de um lado,
O DOCE LAR;
de outro,
A CESTA DE LIXO
cósmica.

Mas isso é importante demais para ser um parágrafo. Merece um capítulo.

ALIENAÇÃO (REPRESSÃO) DO MAL
ou
De como a boa família é o principal sustentáculo do péssimo sistema (social)

Podemos começar com um silogismo surpreendente.

A Família é a mais importante influência formativa da personalidade – ninguém discute.

Praticamente, *todas* as pessoas provêm de família – é o óbvio.

Família é ótimo – segundo o consenso universal.

Então – pergunta este moleque irreverente e indignado – então por que este mundo é uma merda?

Quando a CULPA não é de algum membro da minha família, então é culpa de alguém da família *dela* (a esposa).

Porque, frente à família dela, tudo se passa como se todo mal viesse de lá – dos "inimigos" (do outro genoma – diria DAWKINS*). Porque – frente à família dela – a nossa é sempre maravilhosa.

Não sei por que com tanta freqüência gente de família tão boa casa com gente de família tão ruim.

Mas aqui tocamos algo que nem a psicanálise – na sua busca incansável de podres – conseguiu achar. Minha santa mãe era só virtudes, bons sentimentos e boas ações. Tudo o que ela fazia de mal – e que eu sentia na pele e no íntimo –, toda a sua impaciência, frustração, desencanto, amargura, agressão "legítima" – tudo isso eu mal percebia porque, mãe sendo mãe, *o errado devo ser eu – invariavelmente.*

E eu calava, e aceitava, e sofria, e engolia... mãe é mãe.

Ao casar, porém, percebo – obscuramente – que Esposa

NÃO É

mãe.

E então paga minha mulher pelo mal que me faz, e paga TAMBÉM pelos males que *minha mãe* fez comigo – e muitas vezes continua fazendo.

Não conheço maldade maior do que a que se contém nos modos, nos tons de voz, nas frases que os pais dizem pa-

(*) DAWKINS, R. *The Selfish gene*, University Press, 1976.

ra a filha ou o filho *que se separa*. Frios, implacáveis, inacessíveis – a própria voz de Todos – a voz da Inconsciência Coletiva.

Contra minha mulher posso fazer, pensar e dizer tudo o que não fiz nem pensei nem disse contra minha mãe. E essa é uma das grandes fontes das intermináveis brigas conjugais.

Entre elas – as mulheres – se estabelece mais um elo negativo poderoso. O que eu – esposa – não disse para a minha mãe, vou

NA CERTA

dizer – ou pensar – de minha sogra – outro bode expiatório das frustrações familiares.

A sogra está para a mãe como
a bruxa para a fada.

E poucos, muito poucos, percebem que a Bruxa e Fada são duas pessoas distintas, mas uma só mãe verdadeira.

Há depois o *descontar* nos filhos – quase sempre inconscientemente – muito ou tudo o que meus pais fizeram de MAL comigo.

A mágica negra é feita pelo preconceito.

Como meu pai e minha mãe são perfeitos, como não fica bem e não se deve criticar ou brigar com eles, como ninguém aprova quando falo mal dos meus, toda maldade dos meus

É NEGADA

por mim.

Mas negar não é desfazer e então desconto nos meus de baixo, tudo o que os meus de cima... *Não* fizeram!

Claro que NÃO fizeram – não é o refrão eterno do Coro Cósmico?

Aí eu tampouco percebo o que *estou fazendo*. (Pai NÃO odeia filho – entendeu?)

O que eu estou fazendo é

EDUCAR

meu filho *como se deve*...

Através destas redes nem tão secretas, os maus sentimentos de todos – ninguém é santo! – vão perpassando, e de algum modo vão sendo absorvidos todo nosso rancor, nossa mágoa, nossa revolta, nossos ressentimentos, protestos, desprezos...

Se – e quando – estes "maus" sentimentos se voltarem

para fora, em vez de se consumirem em *família*, a sociedade passaria rapidamente por transformações radicais.

A Panela de Pressão Familiar absorve a maior parte dos sentimentos pessoais, ditos negativos; negativos porque perturbam e comprometem a Ordem Social Estabelecida

– só por isso.

Por onde se vê que a Família cumpre um papel fundamental na

NEUTRALIZAÇÃO

de todas as *forças revolucionárias*

que operam os indivíduos.

O sistema subsiste e os indivíduos morrem envenenados – lentamente. Por isso o Estado é invariavelmente o primeiro a proteger a Célula Mater do Sistema Podre.

Em Família, jamais se fala de fatores NÃO familiares responsáveis pelos atritos e dificuldades da dita família. Tudo se exprime nos termos da Novela Familiar, "culpa" ou "dever" ou "obrigação" do pai, da mãe ou do filho. Só há heróis ou bandidos DENTRO da família, para explicar tudo de ruim que acontece nela.

NÃO HÁ SOCIEDADE – NEM ECONOMIA

"em torno" da Família...

A Família – além do mais – "explica" – e permite compreender – TUDO o que acontece.

Não é deveras MA-RA-VI-LHO-SO?

Recordemos nosso epitáfio.

O pior é que esta soma infinita de insensatez recebe a cada momento e em todos os momentos, de cada pessoa e de todas as pessoas

aprovação COLETIVA E INCONDICIONAL.

Todos "compreendem" essa mixórdia de palavras sem conteúdo concreto.

Todos reforçam e apóiam essa rede maléfica na qual estamos todos presos – e perdidos.

ALIENAÇÃO (REPRESSÃO) ECONÔMICA
ou
Família e consumo

Tenho para mim que a maior parte do consumo desnecessário que mantém rodando a indústria de produção em série é o

DESCONTENTAMENTO

das pessoas com sua *vida familiar.*

A Família – contra tudo o que se diz –

NÃO SATISFAZ

nem nossas exigências mais profundas nem nossas exigências superficiais.

Nossas necessidades mais profundas são afetivas e as mais superficiais são sensuais – de contato vivo e prazenteiro com o outro.

A Família é a morte do erótico – de nossa vida saudável, animal, infantil, *no sentido mais positivo* destas expressões. Ninguém se acaricia gostosamente em família. Na verdade, esse é talvez o mais condenado dos pecados. Incesto!

A Família é a morte dos sentimentos, porque, nela, ninguém ama a quem ama, nem odeia a quem odeia; em família só se ama ou se odeia a quem se DEVE amar ou odiar. Em Família não se ama *quando* se ama, nem se odeia *quando* se odeia.

Os sentimentos humanos vêm e vão – depressa – algumas horas – alguns dias – não muito mais.

Em família só se ama ou só se odeia

PARA SEMPRE

Não há negação maior dos sentimentos do que essa.

Em família é que se aprende a

MOSTRAR

o que se deve e a

ESCONDER

o que não se deve, pensar, sentir, desejar, temer.

Jamais mostrar bem claro, e bem dito e bem na hora

o que se está sentindo,

o que se está desejando,

o que se está temendo.

"Medo de minha mãe" – afora certo sentido superficial da frase, quando adultos contam como ERA a infância – já é uma frase estranha.

"Ódio a meu irmão" – muito, muito, muito comum – não se diz.

Com o tempo aprende-se a não dizer estas coisas nem para a gente mesmo; o sentimento ficou reprimido.

É assim que se alimenta o descontentamento interior interminável e obscuro de que sofremos quase todos.

Falamos das carências afetivas e sensuais. Quem não sofre disso?

Muitas das compras infindáveis que são atividade favorita de tantas pessoas, não passam de ensaios fúteis de compensar ou neutralizar esse descontentamento.

Depois, como Toffler mostra tão bem em *A Terceira Onda*,* a família nuclear – pai, mãe, um a três filhos – é uma das condições necessárias para a produção em série.

A família de 50 anos atrás, com dezenas de parentes morando juntos ou próximos, não convinha à produção industrial.

Vamos esclarecer como é isso.

Uma família patriarcal com 100 pessoas, pode viver com uma geladeira, um fogão, um carro, etc. As roupas passam de geração em geração, como os móveis e quanto mais. Se, em vez desta família patriarcal (um patriarca com dez filhos, cada filho com dez filhos...), tivermos 25 famílias de quatro pessoas, surgirá a "necessidade" de multiplicar a produção por 25 – exatamente.

Tem mais. Pelo sim e pelo não, mesmo que às vezes custando caro em sofrimento, o fato é que na família grande havia certa sensação de segurança do tipo "todos por um". Mesmo o deficiente e os inaptos podiam sobreviver.

Na Família Nuclear, o nível de incertezas e/ou riscos é muitíssimo maior.

Se o pai morrer ou ficar incapacitado, a sensação imediata é a de que *toda* a família vai perecer ou passar a nível muito inferior de vida.

Esse medo é o que mantém o bancário, o industriário e o comerciário trabalhando, bonzinho, oito horas por dia, numa atividade monótona, miúda e sem sentido.

(*) TOFFLER, A. *A Terceira Onda*, Ed. Record, São Paulo, 12ª edição.

Ter um emprego – ninguém discute *qual* – é um dos maiores "ideais" democráticos de hoje.

Mesmo que o emprego se pareça *demais* com escravidão.

Enfim, os bens de consumo, cuidadosamente escalonados numa seqüência de "recompensas" – *status*, privilégios, ostentação – estimula em todos o famoso "desejo de subir na vida" – a tão apreciada ambição.

E poucos ligam esta alta virtude(!) com a selvagem

COMPETIÇÃO

– que é o caroço – o núcleo central-de todas as sociedades civilizadas.

Isto é, quanto mais "desenvolvida" uma sociedade, mais disposta e mais capaz de comer todas as outras. "Business is business: Haarrr!"

Enfim, muitas das patifarias do nosso mundo se "justificam" subjetivamente com a noção de que "faço isso para o bem da minha família" (e as outras que se arrumem ou que se danem). Sem contar que o casarão, o carrão, as roupas caras que a "minha" família usa constituem uma visão clara de *meu sucesso na vida*.

E nascem, entre outros, esses "filhos de papai" (da puta, diria melhor) irresponsáveis totais que jamais souberam ou saberão o que é solidariedade, reciprocidade ou participação.

Muitos, após os turbulentos anos da juventude, passam a gerir as empresas paternas – com a mesma mentalidade.

E o Sistema continua...

ALIENAÇÃO (REPRESSÃO) DO AMOR
ou
Romeu e Julieta – eternamente mortos
(graças a Deus!)

Em outro estudo nosso* citamos por extenso um resumo que D'Amato faz de uma análise estatística monumental de 400 sociedades primitivas.

A conclusão que mais nos interessa: nas sociedades (muito poucas) onde crianças são *fisicamente bem* amadas, acariciadas e queridas, e depois, na adolescência, se permite que aprendam a amar e a se relacionar erótica e sexualmente, são *muito baixos* os índices de criminalidade e loucura, de guerras, tortura de prisioneiros, ostentação de poder; a pirâmide do poder social é frouxa, a desigualdade entre classes sociais e entre os sexos é mínima. E NÃO HÁ RELIGIÃO!

Quanto mais punitiva e restritiva a sociedade, com as crianças e adolescentes, quanto menos tolerante em relação aos prazeres do contato e da sensualidade, mais se inverte a escala supra – de modo MUITO evidente.

Logo, prazer e contato não são um luxo ou um passatempo. São uma NECESSIDADE biológica. A famosa "revolta" dos adolescentes e dos jovens

– "depois passa" –

provém de duas fontes.

Nos machos, entre os 12 e os 18 anos mais ou menos, a taxa de hormônios sexuais se eleva dezenas de vezes (nas fêmeas, apenas dobra ou triplica – em relação aos níveis pré-adolescentes).

Essa poderosa injeção de valentia e força – essencial para que o jovem macho conquiste seu lugar no bando e a possibilidade de se reproduzir – desde tempos imemoriais é considerada um perigo seríssimo para a Ordem Estabelecida.

– pelos velhos, pelos "Antigos", pela Tradição.

É preciso, pois, conter essa fúria de qualquer modo, ou os donos do Poder poderão ver-se forçados a renunciar – ou a ser mortos.

É o tema do Herói, do Cavaleiro Andante que, por amor à sua Dama enfrenta o dragão (o Sistemão) e... toma o castelo do vilão. A guerra entre a nova e a velha geração é, pois,

**Prazer e Poder*, Ágora, SP., 1986.

quentíssima e de regra a nova sucumbe. Sabidamente, a imensa maioria dos jovens entusiasmados e idealistas se transforma em adultos medíocres, sensatos, cordatos, resignados, fáceis de controlar, ansiosos, apenas, em "subir"(!) na escala adrede preparada pelos astutos castelões – os velhos.

A segunda fonte de revolta juvenil é a seguinte. Em plano afetivo e social, sabemos que o amor dá

MUITA CORAGEM.

Jovens que amam, sabemos, estão disposto a tudo, aos maiores heroísmos – às maiores loucuras e sacrifícios.

"Aquela mulher virou tua cabeça..."

"Depois que você começou a namorar aquele lá, já não é mais a mesma, parece louca..."

Cuidado, pois – MUITO cuidado com o amor dos jovens.

Melhor consumir seu desejo de heroísmo na guerra – nas grandes e nas pequenas. Assim eles sossegam e – ao mesmo tempo – muitos deles desaparecem. O que é ótimo.

Viva a Pátria!

E o sexo? Também é perigoso, mas nem tanto. Sexo é o impulso ou o desejo que pode ser "descarregado" com qualquer uma – ou quase qualquer uma. Basta uma vagina receptiva e toda a valentia do jovem se esvai na ejaculação. Depois do orgasmo o que ele quer mesmo é dormir – e que não o amolem com nada.

O amor é o sexo ligado a *uma pessoa*.

O amor é específico e individualizado.

O sexo é genérico e impessoal.

Na verdade, se os velhos não sofressem quase todos da obrigação de parecer respeitáveis (em público – entenda-se bem!) uma boa solução para desarmar o "perigo" jovem seria favorecer ao máximo a sexualidade...

Subsistiria um risco: depois de algum tempo de sexo, o amor começa a querer brotar – quase sozinho.

Acho que o sexo, por muito prazer que dê, não muda nada. Homens plenamente saciados sexualmente, na verdade pouco se incomodam com o que quer que seja, como uma pessoa depois de uma refeição farta.

O sexo é essencialmente reprodutor – na sua "intenção": produz "sempre o mesmo", re-produz.

O amor é essencialmente transformador.

Aí o perigo.

Mate-se Romeu – o mais depressa possível. "Amor? que bobagem! Coisa de adolescente.

A vida não é nada disso."

Não é mesmo...

Morto Romeu, Julieta facilmente irá para o Convento do Casamento.

"Muito bem, menina. É assim que se faz. Como todos nós fizemos."

Criou juízo

– E perdeu a alma.

As mães – como vimos – têm muito pouco a ver com o amor. Na verdade, o perseguem cuidadosa e implacavelmente.

As mães têm tudo a ver com a Família

– que reproduz o Sistema: produz o Sistema de novo

– Re-produz.

A escola, em termos de transformação social, é de toda inútil, pois que já atrelada ao Sistema desde o começo e rigidamente controlada por ele.

E os velhos Poderosos podem continuar com seu domínio astuto – ou violento – conforme as circunstâncias. Precisam de jogos de poder de nível cada vez mais alto a fim de

NÃO PERCEBER

seu tédio infinito.

Poesia de um ingênuo? Leia a História mais do que edificante de Howard Hughes, leitor, e você verá a coisa fantástica que é o tédio e a loucura do dinheiro sem limites.

Tenho para mim, como sonho fundo, fundo que essa força, coragem e amor juvenis se fariam altamente evolutivos se desembocassem, a cada nova geração, em uma

REFORMA PERIÓDICA

da estrutura social...

Isso pode vir a acontecer queiramos ou não – mesmo contra todas as pressões conservadoras. Mas uma educação deveras formativa e *a favor* dos jovens, poderia acelerar e "alisar" o processo.

Não é só um ideal, muito menos um luxo. Sabemos que a História da Vida no Planeta, seguida pela História das Civilizações, tem-se acelerado uniformemente – e hoje a transformação é vertiginosa.

O dito popular dos jovens "todo maior de 30 anos é um caso perdido" – é um conservador anacrônico irremediável – a

cada dia se faz mais verdadeiro. Não se trata mais de boa ou de má vontade dos indivíduos, trata-se de ser possível ou não, aos seres humanos, acompanhar – ou não – as transformações sociais trazidas pela Tecnologia e pelas Comunicações.

Cada vez se faz mais convincente deixar que os jovens assumam.

Impedir que os jovens intervenham no processo sócio-político-econômico leva – ou deixa ficar! – onde estamos.

É líquido e certo que a Nova Constituinte (1988) já é tão velha – no mínimo – quanto o senhor Afonso Arinos, principal redator do anteprojeto, e o presidente da nova Assembléia Constituinte, o senhor Ulysses Guimarães, os dois bem maiores de 80 anos, e o segundo tão parecido com a múmia de Ramsés II – sem ofensa!

As discussões preliminares em que a Assembléia Constituinte já está enrolada são bem as de sempre.

É cada vez maior a diferença entre o social e o político. Isto é, a política (o Jurídico nem se fala) se faz a cada dia

MAIS ANACRÔNICA.

A economia – o controle *oficial* da economia – também.

Os Banqueiros Internacionais, legítimos herdeiros dos gloriosos piratas ancestrais de todas as pátrias – que qualificamos melhor em alguma página deste livro – querem saber de

seus lucros – LEGÍTIMOS!!!
e seus pequenos...DIVINI-DENDOS.

E a humanidade que morra de fome!

Aliás, apoiados em massa pelos milhões de seus acionistas "desenvolvidos" – os do PRIMEIRO MUNDO!

Enquanto os jovens forem obrigados a se reprimir, a estrutura social será essencialmente a mesma.

E não me venham com essa de que hoje os jovens são ou estão livres. Tudo indica que hoje eles têm *mais* relações sexuais do que as que eu tive, mas duvido muito que sejam melhores – e não porque eu seja insuperável. Os temores, a incerteza, o exibicionismo e o machismo são quase iguais aos do meu tempo – meio século atrás. E sempre tudo bem escondido.

Diz Kinsey que a imensa maioria dos homens é extremamente monótona na sua forma de desempenho sexual – da adolescência à velhice. Isto é, os homens não brincam nem variam, não exploram nem fazem experiências para descobrir as riquezas do erótico. Fazem sempre do mesmo jeito; até, se cronometrarmos, verificaremos que fazem quase sempre dentro do mesmo tempo!

Vale a pena ouvir, depois, o que se fala, estuda e discute nos Congressos de Sexologia – estive presente a vários. O problema é "competência sexual": se teu pinto fica duro na hora H, se você é capaz de penetrar, gozar e ejacular, você é "normal", e não aborreça a mais ninguém. NUNCA ouvi nesses Congressos discussão alguma sobre a QUALIDADE do orgasmo, o valor das carícias e das sensações de corpo todo ou sequer das muitas zonas erógenas – tão variadas nas pessoas. A Sexologia "científica" (médica) foi feita para deficientes e não para enriquecer a vida. Ela busca os famigerados e massificantes padrões de normalidade, jamais se perguntando o que seria melhor ou mais bonito, poético, mais criativo, mais colorido. No melhor dos casos falam em intensidade do orgasmo.

Nunca ouvi nesses Congressos que um pinto duro pode ser anestésico e um pinto mais ou menos – até mole – pode ser muito gostoso...

Depois das mil lorotas sobre os machões sul-americanos (cujo desempenho se parece demais com um atropelamento da companheira), aparece alguém mais autorizado* e mais frio dizendo que no seu país – latino-americano – a estimativa é a de que 60% dos machões funcionam como ejaculadores precoces. Fúria demais, sabeis. Macho é assim... Não cito o país para não humilhá-lo, e na certeza de que nos demais deve ser muito parecido. Entre nós, fala-se muito em ser muito galo. O galo trepa a cada meia hora – é fato; mas sua trepada dura três segundos – se tanto... Vá ser galo assim... no galinheiro. "Tratar a mulher como objeto" nada tem de especificamente sexual. É um símbolo do sistema; é o que cada um faz com todos os outros, em qualquer função e sem perceber. Somos funções e não pessoas. É preciso insistir incansavelmente na separação entre o que as pessoas dizem em público e o que elas fazem em particular. De regra uma coisa tem muito pouco – MUITO POUCO – a ver com a outra. A nossa fala pública,

*O atual presidente (1987) da Sociedade Internacional de Sexologia.

hoje é a da "liberação sexual". Mas quem convive com jovens sabe muito bem que eles em maioria são tímidos, são confusos, vivem entre assustados e preocupados – ou se alienam de vez da questão – por achá-la muito difícil ou perigosa.

Os que conseguem alguma forma de realização se mostram por demais rotineiros, rápidos, com pouca ou nenhuma imaginação.

O preconceito do machão diz que este NÃO PODE encantar-se nem enternecer-se com a mulher, e com isso fica excluído o mais bonito – e o mais prazenteiro – da sexualidade.

Será preciso uma enorme mudança de opinião pública, no sentido não apenas de tolerância ou aceitação tácita do erótico, mas de aprovação e elogio incondicional da vida amorosa, para que crianças e jovens verdadeiramente se animem a desenvolver sua capacidade e competência no contato amoroso.

Mais uma "prova" da pseudoliberdade dos jovens temo-la nos índices assustadoramente crescentes, em todo mundo, de mães adolescentes com onze a quinze anos de idade. Se os jovens estivessem verdadeiramente livres e sendo apoiados, não perderiam a cabeça tão facilmente. Só perde a cabeça quem fica ao mesmo tempo muito excitado e muito aflito – ou assustado – na hora do sexo.

A liberdade sexual propalada nos meios de comunicações *interessa* à maioria justamente porque a maioria é muito reprimida; caso contrário não se interessaria tanto pelo tema. Os adultos mal realizados e carentes, tanto amorosa quanto sexualmente – quase todos – gostam de *imaginar* que os jovens hoje gozam de tudo o que eles NÃO *gozaram*.

A imortalidade de Romeu e Julieta demonstra apenas a eternidade desta situação de profunda frustração amorosa. Num mundo amorosamente feliz, a tragédia seria esquecida, ou considerada deprimente demais.

Neste contexto é indispensável falar de Reich. Seus estudos mostrando a homologia ou o paralelismo entre os caracteres individuais e as estruturas sociais mostram o óbvio: a sociedade "fabrica" – através da produção artesanal da família – os tipos de que precisa. Estrutura de caráter e estrutura social (seria melhor falar no plural), estão em perfeita correspondência – como não poderia deixar de ser.

A *couraça profissional* é a mais densa e tenaz das estruturas psicológicas. As pessoas *são feitas* – na verdade, produzidas – para as funções sociais e, uma vez "no seu lugar" (na sua profissão), recebem reforços intermináveis que intensificam até a rigidez todos os traços do caráter; de outra parte, são desencorajadas por todos os meios de tentar qualquer mudança de profissão ou de posição. "Dissolver" a Couraça Muscular profissional é tirar alguém do Sistema – e esta é a maior de todas as resistências – ditas "psicológicas". A Couraça ("pose") profissional é a garantia da sobrevivência...

Muito poucos conseguem se sair bem depois disto. Por isso pouquíssimos saem. A couraça – lembremos – é todo esforço muscular que fazemos, o tempo todo, para não fazer o que nos agrada, o que seria bom para nós, o que é necessário.

A Couraça Muscular é todo esforço que fazemos *o tempo todo* para conter nossos desejos e temores, nossa raiva e nosso amor. Na verdade, para conter todos os gestos, movimentos e iniciativas que seriam necessários para nossa realização afetiva e efetiva. "Educar" consiste precisamente em "ensinar", por boas e por más, a pessoa a se conter, a só fazer ou mostrar o que é conveniente, o que fica bem e o que é certo no pequeno mundo de cada um. Mas como o pequeno mundo (família e arredores da casa, parentes e amigos) está imerso no Sistemão, adaptar-se ao pequeno mundo envolve uma boa parte da adaptação/aceitação/reforço do grande.

E agora retorno ao sexo e ao jovem. A Couraça é "feita" principalmente de medo/raiva, medo de fazer o que desejo, raiva por não poder fazer o que eu desejo e, logo, mais medo pela raiva (rebeldia) que toma conta de mim...

A Couraça de todos sustenta a Couraça de todos, pois todos os que transgridem são astuta, sutil ou grosseiramente punidos, segundo o divino princípio do amor ao próximo: se eu tenho medo de fazer, por que é que ele pode – ou consegue? E todos se vigiam, policiam e perseguem para que ninguém se desvie do rebanho – para que ninguém seja feliz:

Qual a maneira mais eficaz de atenuar os complexos automatismos psicomotores que são a Couraça?

Contatos e gestos genuinamente amorosos.

Nada "derrete" mais e melhor a Couraça do que o encontro amoroso – se os dois não começarem socando-se ou brigando desde o começo.

Logo: nada tem maior potencial de transformar a sociedade do que os contatos genuinamente amorosos.

Logo: morte ao amor.

Quanto mais verdadeiro e profundo, pior.

Se for aventura, "massagem for man", "drive-in", caçada ou putaria – pode. Afinal, o machão não é de ferro e precisa "descarregar" de algum modo.

Mas se há ou se começa a ocorrer o famigerado e perigosíssimo envolvimento, então todo alerta, todo policiamento e toda perseguição serão poucos.

A estrutura social – os sagrados valores da Tradição predadora, opressiva e exploradora – está sendo gravemente ameaçada.

Cuidado e, de uma forma ou de outra,

MORTE ao terrorista

que não ameaça explodir nem quebrar a estrutura.

Ameaça DERRETÊ-LA – apenas.

É a forma mais irresistível de aniquilação. É como a digestão, que dissolve todas as estruturas à custa de enzimas sutis e onipotentes. Ação de bruxaria.

O terrorista de jornal – o que usa bomba – está tão vendido para o sistema quanto o normopata.

Destruir à força é o produto do medo/raiva que nos sustenta a todos.

O terrorista não quer mudar nada. Ele quer em primeiro lugar desabafar – e até aí eu o entendo. Depois ele quer ocupar o lugar do outro e aí ele já foi engolido.

Os mesmos meios indicam a mesma estrutura.

O terrorista não muda coisa nenhuma. Só assusta – e aumenta – o número de policiais.

Assim se entende porque o Sistema – apesar de todas as falas de amor ao próximo, excelentes para disfarçar todos os atos de exploração do próximo – vigia, persegue e pune qualquer forma de amor entre duas ou mais pessoas.

E de novo, e pelo amor de Deus, não vamos confundir amor com casamento.

Casamento é a instalação da oficina de produção artesanal de normopatas automatizados, necessários à produção industrial.

É uma *função social*, deveras a primeira e a mais fundamental.

Às vezes, a família até *começa* com amor, mas de regra o amor acaba depressa – meses – poucos anos – e aí começa sua função social propriamente dita.

É absolutamente fundamental alienar o jovem do amor – ou eu não sei o que seria de nós...

ALIENAÇÃO (REPRESSÃO) DO ESPÍRITO REVOLUCIONÁRIO
ou
A família – segundo maior poder conservador

Em nosso mundo, a transferência – de valores, atitudes e "princípios" –, longe de ser um "processo psicológico" (Freud), é a mais imperativa das obrigações sociais.

A única formação (deformação diria melhor) de que todos sofrem, é a da própria família, como experiência única concreta, vivida, sofrida e gravada no íntimo – para sempre.

Ninguém vive ou conhece
ALTERNATIVAS
de organização familiar e de relações interpessoais.

Na verdade, ninguém
PODE TER
alternativas.

Todos seriam contra.

Que o digam as pessoas que se separam. TODOS os próximos vêm com sábios conselhos – sempre os mesmos – do "não faça isso", "e os filhos", "família é assim", "é preciso ter paciência..."

Se uma jovem tresloucada engravida, ainda hoje há famílias que a põem fora de casa e, segundo velhos relatos, a maior parte das prostitutas vinha desta... fonte. "Mulheres perdidas!"

Se uma criança começa a se dar muito bem com uma vizinha ou com uma tia, mamãe logo manobra para reduzir os encontros. Ela dirá para si mesma, segundo a fofoca cósmica, que uma mãe JAMAIS abandona um filho. É respeito (des)humano – não amor. Medo de ser acusada de mãe indiferente ao filho.

Quem ama verdadeiramente, fica feliz quando a pessoa amada fica feliz – mesmo que não seja ele o agente.

Quem é capaz de amar assim?

O que chamamos de amor é um sentimento mesquinho, agarrado e temeroso – porque ninguém é preparado para a liberdade.

Muito pelo contrário, são todos – TODOS – cuidadosamente vigiados, doutrinados e treinados – como se treina animal de circo – para fazer

– como os NOSSOS fazem
– como os nossos SEMPRE fizeram.

Como manda a Tradição da nossa Família...

Fazer diferente é O crime – contra a família, contra a sociedade e contra a tradição. É absolutamente necessário fazer-se um multiplicador ou um reprodutor daquilo que se aprendeu na família. Se mamãe (ou a sogra!) vêem a filha fazer diferente com o neto – sabemos – começa a encrenca sem fim, as más caras, as críticas e as fofocas.

A maior parte das mães sofrem demais com o primeiro e o segundo filho – incertezas, angústias, insônia, desespero e mais. Quase ninguém ajuda verdadeiramente as mães, desde que a Ideologia Idiota diz que a mãe sabe sempre tudo o que é preciso fazer.

Salve Rainha, mãe de misericórdia!

Depois de sofrer durante anos sua incompetência inevitável, a maior parte das mães se cristaliza numas poucas regras pedagógicas e passa a enunciá-las como se fossem

a própria verdade,
a única verdade,
a verdade para todos.

São as "donas da verdade" – e ai de quem se lhes opõe. Como estas regras são compulsões organizadas para conter/atenuar mil sofrimentos, dúvidas e desesperos, contestá-las é ameaçar jogar estas mães de volta para os mil sofrimentos antigos.

Por isso elas se tornam duras e se faz impossível persuadi-las dos muitos erros que cometem.

O maior desses erros – origem e fundamento de todos os outros – é o de

NÃO PERCEBER
que suas regras de ouro funcionam pouco – e mal.

Elas vivem se queixando a vida toda dos filhos e não juntam essas queixas com suas "certezas".

Se o que elas dizem é tão bom, deveria dar certo. Mas não dá. O que fazem elas então?

DEIXAM DE VER A REALIDADE,
que NEGA SUAS "VERDADES".

Insistamos: mas todos "concordam" em que mãe é mãe, sábia, solícita, amorosa, dedicada, etc. ou seja, todos FECHAM a mãe na sua prisão autista

E A CULPADA SERÁ PARA SEMPRE A CRIANÇA.

Uma das conseqüências políticas desse comportamento social, segundo o qual a família está sempre certa, e o que de melhor cada um pode fazer é *ficar* com seus valores de raiz, é a grave lesão na capacidade de *escolher* as pessoas e grupos

QUE ME CONVÊM – ou que me são NECESSÁRIOS.

Ficamos todos impedidos de cultivar nossa liberdade de associação segundo nossas qualidades, pendores – defeitos! – e afinidades pessoais.

Como só temos uma experiência de família – a nossa – e dada a ideologia da família perfeita, então para cada um de nós – e para SEMPRE! – a Realidade será essa mixórdia de padrões estreitos e restritivos – tidos como valores absolutos! –, dessas noções preconceituosas, essa visão míope das coisas, essas idéias confusas, superficiais e anacrônicas.

É preciso assinalar que as mães – e as professoras! – são provavelmente as categorias sociais mais cheias de medos superficiais e fantasiosos (*no lugar* das mil ameaças e perigos de que estamos *efetivamente* cercados...) Esses medos passam de pais para filhos como uma certa forma de paralisia. Com medo – sobretudo – de qualquer mudança ou transformação. Essa a resistência maior e o medo número um em *qualquer psicoterapia*. Medo de mudar. Tudo é contra (e ninguém parece se dar conta de que *tudo é transformação*). Assinalar que *as falas* maternas têm pouco a ver com *as ações* maternas (ou familiares, de cada membro frente a qualquer outro). Assim começa a dissociação grave – mas estatisticamente prevalente, "normal", – entre o falar e o agir.

O limite dessa loucura temo-lo assim: todos, cada um, cada povo, cada bairro, cada escola de samba, cada torcida de futebol

É INVARIAVELMENTE, A MELHOR DO MUNDO, É ÓTIMA –
para os do mesmo bando

O que deveras não se compreende, depois disso, é como é possível nascer, da reunião de tanta gente boa, um mundo tão ruim quanto o nosso...

Ou também: por que tanta gente boa briga tanto? O apoio verbal coletivo a *qualquer* coisa que mãe faz é o principal fator que impede as mães, verdadeiramente de

saber O QUE ESTÃO FAZENDO

E "ajuda" – demais – as donas da verdade – a JAMAIS PERCEBEREM as conseqüências de seus atos, por vezes obstinadamente desatinados.

Enfim, os medos maternos, muitas vezes reforçados pelo autoritarismo paterno, desencorajam qualquer espírito de aventura ou de experiência dos filhos.

Em nome da segurança, tolhemos demais as crianças, que pouco ou nada tentam de novo. Se tentam, é em segredo ou escondido, como coisa proibida.

Andar sobre muros, mergulhar no rio, sair pela rua, brigar com ou contra a gangue, masturbar-se, namorar.

Tudo sem que papai ou mamãe saibam. Portanto, experiências novas, sim, mas *com medo* – condição ideal para fixar comportamentos – fixar o primeiro que deu certo; e condição péssima de *aprendizado*, sempre que se queira ver, como aprendizado, tentativas *variadas* de busca do melhor resultado, da maior eficiência, ou do maior prazer.

Esta declaração é sumamente importante. A realização de comportamentos proibidos feitos em "campo tenso"

NUNCA

gera conhecimento, ciência, consciência, assimilição de experiências variadas; gera, invariavelmente

COMPULSÕES

isto é, comportamento com forte tendência à repetição estereotipada – sempre igual. E mais, comportamentos que sempre ocorrem em clima psicológico de *consciência rebaixada*: a pessoa precisa "não saber" o que está fazendo.

O caso da sexualidade é paradigmático. Os homens fazendo sempre do mesmo modo – como vimos. A grande maioria das mulheres só entrando em relacionamento sexual quando "perdem a cabeça", quando "não sabem mais o que estão fazendo". Este modo, de tão freqüente, é dito e tido como NORMAL, e quase ninguém percebe os universos de sensações, de contatos e de prazeres que estão sendo perdidos – para sempre.

Convergindo no conservadorismo, temos, ao lado das mais assustadas, as mães autoritárias – principalmente os pais autoritários, que "dominam a família só com o olhar". E isto para não falar de mães e pais capazes de brutalizar freqüentemente as crianças com gritarias assustadoras, ameaças terríveis e surras pesadas – todo um clima de terror – excelente para fabricar capachos – ou delinqüentes.

De novo e sempre: pai é pai, pai sempre sabe o que está fazendo, tudo o que o pai faz é para o bem dos filhos...

Nossa solidariedade humana se perverte em cumplicidade criminosa – metade por preguiça – metade por medo. Ninguém se opõe a estes abusos.

"Matança dos Inocentes" – é disso que estamos falando – se o leitor ainda não percebeu. Matança da Transformação – no mesmo ato – pois só as novas gerações podem pôr em prática novas idéias e novas atitudes.

Os pais não confiam nos filhos – por amor à segurança, dizem eles; por medo, digo eu. Os pais não dão aos filhos nenhuma liberdade de experimentar – de errar – de aprender. Nosso mais do que falso "princípio de segurança" diz que crianças – para se *sentirem* seguras – só devem fazer como os pais acham que é certo. Na verdade, para que *os pais* não sintam medo.

Nada de novidades – pois "errar" – para a imensa maioria das pessoas – significa:

– fazer de modo diferente daquele que a própria pessoa faria

– fazer de modo diferente daquele que "sempre se fez"

–fazer de modo diferente daquele que "todo mundo faz".

Errar, 9 vezes em 10, é transgredir *normas convencionais.*

Na favela, moleque honesto é transviado, menina virgem (se houver!) é...tarada. Na família dos poderosos, moço idealista é a maior preocupação dos pais. "Ele é até capaz de virar comunista!"

Novas formas de relacionamento social são invariavelmente condenadas, quando não despertam verdadeiro – e sagrado – horror.

De novo e sempre: nada de estranhar que seja a família protegida por todos os sistemas sócio-políticos. É ela a melhor garantia da sua permanência.

Como diz Toynbee: todas as civilizações se consideraram eternas. Todas as famílias também.

No entanto, a única revolução em que eu acredito é precisamente a

REVOLUÇÃO PEDAGÓGICA

Ou às novas gerações se lhes permite novas formas de pensamento, sentimento e associação, ou o carnaval trágico que tem sido a História da Humanidade continuará até seu negro fim.

A lei do aprendizado real é precisamente oposta aos nossos princípios pedagógicos: só acerta quem erra e só erra quem tenta.

Esta é a Lei do Acontecer – muito, MUITO – diferente da Lei da Falação/Tradição.

De novo, a Psicanálise segue a moda coletiva: quase sempre quando o psicanalista diz estar o paciente "fora da realidade", o que ele está verdadeiramente declarando é que o paciente está fazendo, dizendo ou pensando coisas diferentes das usuais.

Ele está fora da convenção, não da realidade. Aliás, o psicanalista de regra é muito temeroso das conseqüências daquilo que *seu* paciente pode fazer, e das repercussões (fofocas) que serão feitas sobre ele – psicanalista – se seu paciente transgredir as normas coletivas. Ou pensais que os psicanalistas não têm medo?

ALIENAÇÃO ETERNA – E IRREMEDIÁVEL

ou

"Doutor – Mas a família ainda é o refúgio último das pessoas, único lugar onde elas ainda encontram algum apoio, alguma ajuda, algum consolo ou conselho – até algum dinheiro. Os familiares, afinal, são os únicos que nos entendem – ou que nos aceitam – ou que nos suportam...

É. Não há como negar.

Mas quase nunca se pergunta, primeiro, QUANTO custa esse apoio. Quanto custa em matéria de humilhação, de sermões moralistas repetidos ao infinito, do tipo "Eu te disse", "Eu te avisei"; quanto custa fazer de conta que a gente vai ficar bonzinho – agora. Promessas, bons propósitos, ameaças, choros, confissões... Tudo muito humano – isto é, MUITO freqüente – coisa de todo dia. Mas não sei se bons modelos de humanidade. Deveras não sei. Acho que não. Se eu pudesse escolher não escolheria assim. Posso nem saber como eu gostaria, mas assim não.

Visto com olhos implacáveis, quase tudo isso é humilhante e degradante – isto é, desumanizante.

Enfim, o pior. Ninguém parece se dar conta

DE QUE É A PRÓPRIA FAMÍLIA QUE GERA TODOS OS DRAMAS, SOFRIMENTOS, CONFLITOS E INCOMPATIBILIDADES QUE LEVAM AS PESSOAS

A

VOLTAR

PARA A FAMÍLIA...

Ficamos tão incapazes de conviver com as demais pessoas – cada uma delas fechada na incomunicabilidade da própria família – que voltamos quase todos para o núcleo original, não por ser ele o melhor, mas por ser o ÚNICO onde ainda conseguimos viver...

A família é tão conservadora quanto os gens nos núcleos das células tendendo a reproduzir-se sempre iguais pelos séculos dos séculos. Ela é o veículo, o suporte e o concreto do conservadorismo – da Tradição. Nem se pense seja esta opinião exclusiva deste humilde iconoclasta. Bem lidos os estudos de Psicologia Clínica e logo se começa a ver que tudo – todos os problemas de expressão e de comunicação das pessoas – se originaram na família e que todos esses hábitos são

muito difíceis de modificar. Na verdade, só os que escolhem como tarefa de vida a iluminação e empenham todas as suas forças e capacidade em conseguir a libertação, só estes conseguem alguma coisa. Muitos são chamados mas poucos respondem. Libertar-se e iluminar-se – de algum modo sinônimos – consistem em "dissolver" – magicamente! – todos os condicionamentos sociais de nosso mundo, quase todos eles aprendidos em família.. Onde mais? Não é ela a escola da vida – como se afirma? A primeira instância educativa, o primeiro lugar onde se "forja o caráter", como se dizia dantanho? Pois é desse caráter e desses condicionamentos que é preciso libertar-se – se quisermos começar a ver as coisas como elas são e a ser como Deus nos fez.

Sem Transgressão não há libertação.

ALIENAÇÃO (REPRESSÃO) DAS DIFERENÇAS – E DA INDIVIDUALIDADE

ou

O cultivo da inconsciência coletiva que começa no lar

Vamos cuidar de um tema difícil de pôr em palavras.

Rose, minha mulher, me faz notar um costume familiar extremamente geral, relativo ao pensamento.

Em família, falam todos, quase sempre, como se todos tivessem uma língua comum, como se todos pensassem e sentissem do mesmo modo: como se, nas conversas familiares, cada um entendesse sempre, com clareza e com certeza, aquilo que qualquer um dos outros membros da família estivesse dizendo.

Pelo fato de dizerem todos as mesmas palavras, concluem todos que todos estão dizendo as mesmas coisas.

Na verdade, generalizando, a declaração feita se aplica tão bem à família quanto à língua falada em cada sociedade. Está suposto – em qualquer universo lingüístico – tenha cada palavra um só ou poucos sentidos – aqueles registrados nos dicionários. Mais do que a convenção do dicionário, porém, atua a lógica básica implícita no uso de qualquer língua. Se as palavras não tivessem *o mesmo* sentido para todos, elas não teriam função – não haveria língua – nenhuma. Se não usarmos as mesmas palavras para designar os mesmos objetos ou ações, como poderemos nos entender?

Por isso mesmo é que se diz ser a língua uma *convenção:* concordam todos em que tal som significará, apontará ou se referirá à mesma coisa, ato ou relação.

"Falar a mesma língua" significa exatamente isso.

De outra parte, é igualmente verdade e fácil de se verificar a proposição seguinte, contradição perfeita do que se acabou de dizer.

Cada vez que uma palavra é usada, conforme a pessoa que fala, conforme o tom de voz, o gesto e a atitude que a acompanha, conforme as circunstâncias em que a palavra é dita, tal será seu significado.

Portanto, as palavras NUNCA têm *o mesmo* sentido. Cada vez que são usadas, têm um significado ao mesmo tempo especial e único, cláusula oposta à "essência" da linguagem. Como se resolve o impasse?

Dialeticamente: é da massa comum do dicionário que vão nascendo – interminavelmente – pensamentos, palavras e conceitos sem fim. Do igual nasce o diferente.

Bonito de se dizer. Não muito fácil de se compreender.

Eruditos de alto nível nos permitem fazer as mesmas declarações em outros termos.

Hoje, os lingüistas nos dizem que sempre será possível, em qualquer idioma, formar uma frase que jamais foi dita ou pensada antes.

Creio estar complementando-os, lembrando que suas declarações se baseiam na análise das estruturas básicas de todas as línguas.

Aliás, um certo modo de considerar a língua nos levará à mesma conclusão – por outro caminho. Se em algum lugar do mundo, ou em alguma sociedade, começasse a existir uma língua deveras fixa, cada palavra sendo usada sempre e somente no sentido do dicionário, com a fixação concomitante das demais variáveis (tom de voz, cara, contexto etc.); se fosse assim, fácil compreender que esta sociedade estaria inteiramente automatizada, em sentido próprio. Ninguém, ali, seria capaz de inventar ou propor nada de novo. Lembramos neste contexto as sociedades de insetos, onde algo parecido aconteceu.

Após esse exame em profundidade, voltemos à família enquanto matriz primeira do primeiro sentido da linguagem: cada palavra sempre com o *mesmo sentido* para todos – foi daí que partimos.

Como é próprio de toda estrutura preconceitual – como é o caso da língua – basta um mínimo de observação (não de pensamento!) para verificar que a declaração é falsa. Basta, na verdade, como estamos fazendo, colocar o preconceito à plena luz, e logo todos percebem o quanto ele tem de absurdo, de impossível, de mentira.

É por demais evidente que as pessoas são MUITO diferentes umas das outras; mas, invariavelmente, a começar pela Justiça, esquecemos disso na frase ou no ato seguinte.

Para mim, a boa maturidade pessoal está muito próxima da

sensibilidade,' atenção e valorização das DIFERENÇAS.

O que é frontalmente contrário a tudo o que aprendemos de lógica, de ciência... e de preconceito! Vivem todas das semelhanças e vivem todas da *negação* ou *omissão* das diferen-

ças. Na área do preconceito se diz, ou se tem como muito importante: só o que se repete – só *quem* se repete – é digno de confiança, é sério e respeitável, é "digno de fé" (e de crédito bancário). Quem não se repete é caprichoso, volúvel, superficial, em suma; jamais se poderá contar com ele.

Em ciência e em lógica: qualquer conceito ou idéia é uma afirmação de semelhança (por definição!) No dizer feliz de Foucault: dar nomes é classificar. É colocar num grupo (num conjunto, diria o matemático) muitas coisas até bem diferentes entre si, porém, com um aspecto comum, ou "iguais" sob certo aspecto.

Toda a segurança que conhecemos parece, assim, provir dessa fonte: a igualdade, a regularidade, a certeza de repetição, o estar sempre aí e sempre assim. Esta a fonte da noção de dever e de obrigação: faça sempre igual para que se possa confiar e contar com você. Poderíamos chamar a esta segurança, de industrial ou de mecânica, excelente para *produção em série*, para a criação de *tipos*.

Nem se apercebem, inclusive cientistas, que toda nossa conceituação – dita científica – é, na verdade, industrialista: feita – a busca de semelhanças – para se conseguir *produzir semelhança*. A ciência é a "essência" da produção em série. Continua verdade, em Ciência, que só a possibilidade de se *repetir* um fato ou experimento assegura a esse fato o direito de existir como dado científico. Continua verdade que não pode existir ciência (a que conhecemos) do individual, do que acontece uma só vez – como cada um de nós, em cada um e em todos os momentos de nossas vidas...

TODA a nossa educação, formal e informal, na família, na escola, no trabalho, vai por aí: a importância fundamental de se estabelecer, reconhecer e organizar semelhanças. A raiz biológica deste verdadeiro instinto lógico é evidente: TODAS as estruturas e funções vivas são respostas, resumo e representação concreta de fatos ou situações *que se repetem*.

Mas convém separar *sempre* a conceituação e a preconceituação: a conceituação *busca* semelhanças reais, visíveis, audíveis – sensoriais, em suma; a preconceituação *supõe, admite* ou *impõem* semelhanças. O preconceituoso é a declaração do ritual de solidariedade: "somos todos iguais", forma precária de *"estamos unidos", "agimos em conjunto"*, – isto é: temos (cada um) a força do grupo. Tudo começa na família, é claro. Também a preconceituação e a conceituação (aprendida

com a fala, que não separa uma da outra). Aí, mais uma vez, Freud pecou tanto por omissão quanto por sobrevaloração. Omissão dos efeitos da repressão *sobre a inteligência*, e sobrevaloração do instinto, do impulso, do desejo.

O pior da repressão é a
repressão da PERCEPÇÃO

As pessoas *não percebem* nada do que poderia levá-las às próprias repressões – no que são acompanhadas por quase todos os demais, pois o que se chama *repressão*, em psicologia, chama-se preconceito, em sociologia. Faz parte essencial do processo de socialização *jamais* falar daquilo que *todos* sabem, mas que *não fica bem falar* – em público, quando menos. Até hoje, e, em qualquer tempo, o convívio social tem-se baseado em uma soma fantástica de mentiras transparentes, o que talvez explique o amargo fim que se aproxima cada dia mais.

As pessoas, pois, vítimas de repressões vêem uma realidade cheia de "buracos" relativos a tudo que NÃO DEVE EXISTIR, NEM ACONTECER. No lugar desses vazios – aí, e somente aí – são colocadas as famosas fantasias inconscientes, de que tanto nos falam os psicanalistas. Cada uma dessas fantasias é uma hipótese explicativa para os efeitos produzidos pelo que está faltando – os vazios da repressão, precisamente.

Por que tantas fantasias sexuais? Considere, leitor , a reação de um grupo de pessoas sérias e respeitáveis no qual alguém se refira ao pinto com *esse* nome. Escândalo cômico-cósmico frente àquilo que *sempre esteve e está aí*. No entanto, as pessoas reagem ao DITO como se o objeto invocado jamais DEVESSE existir...

Esses densos e sutis preconceitos contra o erótico e a sexualidade impedem as pessoas de *perceberem* relações entre o que quer que seja e o que quer que seja; *ao mesmo tempo* dificultam, distorcem ou impedem *o contato vivo e atento* (essência do relacionamento aqui – agora) com o que quer que seja.

Essas as condições necessárias (e suficientes...) para todas as demais faltas de relações e contatos, e para a substituição de relações pessoais (reais) pelas relações formais – ou convencionais – entre posições e papéis.

Essa é a fonte, também, da alienação de quase todos em relação à política, à economia, ao industrialismo, ao militarismo. Para a maioria das pessoas, todas essas atividades estão muito longe delas, têm pouco a ver com elas, aparentemente não têm influência sobre suas vidas.

A incapacidade de perceber relações, ou de dar-lhes o devido peso, sejam as relações reais ou intelectuais, provém de outra fonte familiar. Em família, quase nunca se ouve e que meu comportamento tem muita influência sobre os próximos

De outra parte, ouve-se demais, em todas as fofocas domésticas que o comportamento dos outros tem MUITA influência sobre o que fazemos.

É a eterna história do "eu não tenho culpa" e "a culpa é dele".

A visão idealista – ideológica dos deveres de cada categoria – de pai, de mãe, de filho – se sobrepõe de todo à influência *real* – de *presença* e *atuação* – DE CADA UM SOBRE CADA UM.

Parece-me altamente significativo que a Psicanálise tenha erigido esta não-influência em princípio de terapia. Para uma ala da Psicanálise, o que quer que o paciente venha a fazer frente ao terapeuta, jamais se referirá ao terapeuta. Tudo se passa como se ele não estivesse ali. Exatamente como o Sr. Joaquim, PAI do Chico, que só existe como Pai e jamais como Joaquim. Ele e o filho são duas funções predeterminadas pelo preconceito – sem lugar para a individualidade, a surpresa, o inesperado, a invenção...

Mais: nas psicanálises antigas – espero que as novas sejam diferentes – todo o presente tendia a ser "explicado" pelo passado, reduzido a passado, de tal forma que não se fazia possível ter um futuro... Ainda hoje, *na prática* dos mais medíocres, que sempre são os mais numerosos, continua a acontecer assim. Conservadorismo eterno...

Veja-se que incrível entrelaçamento de níveis entre família, de um lado, e, de outro, a linguística, a lógica, as relações pessoais e a Psicanálise.

Enfim, examinemos o resíduo, geralmente grande, – desses maus hábitos de pensamento, presentes no adulto normal – no normopata como convém chamá-lo.

"Ah! doutor, como eu gostaria de ser igual a todo mundo" ou "Eu queria ser *normal*, doutor!" e sua variante "doutor, será que eu sou normal?"

Desde sempre, ao ouvir estas frases, eu ficava surpreso e perplexo a um só tempo – mesmo quando eu mesmo as usava em relação a mim.

Nestas perguntas, deveras universais, – não sei de ninguém que nunca tenha feito uma delas para si mesmo – está implícita a noção lógica de conceito.

"Os outros" ou "todo mundo" são concebidos como TODOS IGUAIS ENTRE SI.

Não posso "ser igual a todo mundo" se cada um for diferente de todos os demais...

Mesmo nos impessoais, "mesa", "cavalo", "corrida", "justiça", está implícito que todos os elementos contidos no conceito *são iguais entre si*. Todos os cavalos contidos na palavra "cavalo" são iguais entre si...

Não é leitor?

No entanto, basta denunciar esta "lógica" e, imediatamente as pessoas se dão conta de sua falsidade.

Mas é necessária a denúncia – que obriga a uma parada e a uma reflexão – a um voltar-se para si – ou para trás. Essa parada condiciona a *percepção* da realidade, que, sem ela, não ocorreria. Eu continuaria sendo a realidade e sem ação sobre ela.

Temos aqui possivelmente, o elemento mais importante de *qualquer* interpretação terapeuticamente eficaz, – isto é, *transformadora.*

Os efeitos desta lógica coletiva – essência do "pensamento coletivo" – podem ser melhor percebidos em família do que nas relações interpessoais não familiares.

É a eterna surpresa do "porque ele fez assim" ou "porque ele fez desse jeito", QUANDO EU ESPERAVA que ele fizesse de outro modo (que eu prefiro – ou que é o meu).

Não tem fim essa perplexidade em família. Ela envolve ou leva a duas conseqüências igualmente importantes, e dolorosas.

Uma é o eterno esforço de cada membro da família em fazer com que os outros membros façam como ele. Depois do esforço, a coação, sempre que possível. A segunda é assim: porque ele faz assim? – Seria plausível perguntar – se fosse apenas perguntar. Mas resposta que, quase sempre, a pessoa

dá para si mesma: é esta: "ele faz assim porque *ele quer*." Logo, se eu pedir, suplicar, ameaçar ou castigar, poderei levá-lo a fazer de outro modo. De novo, a mais ligeira observação do outro ou de si mesmo, nos mostra que as pessoas fazem por querer muito pouco do que fazem. Somos muito mais *vítimas* de nossas reações emocionais e automatismos condicionados do que agentes voluntários de nossas caras e tons de voz, de nossos rancores, ressentimentos, mágoas e invejas. Vítimas – e não senhores. São eles que nos invadem e nos levam – e não nós a eles.

Isso, – válido para quase todos, sabido por todos – é ignorado a cada momento, em cada episódio do cotidiano.

É deveras estranho o poder da estultificação cósmica do preconceito.

Embora, ou apesar, de estúpido, é o preconceito que governa a maior parte do comportamento das pessoas. Ou, para não sobrevalorarmos a palavra – é o preconceito a melhor expressão de nossas *ligações* preconceituosas, que fazem a maior parte de todas as ligações interpessoais – das ligações sociais. Ligações formais, convencionais, impessoais?

De novo, tudo começa em família, e se, em família, se começasse a perceber

DE VERDADE

que cada um é diferente de cada um, teríamos então, e só então, oportunidade de perceber que democracia não é só igualdade de direitos e de oportunidades. É também igualdade de responsabilidade e, sobretudo,

a garantia institucional do DIREITO de sermos

DIFERENTES (*)

AUTORITARISMO e UNIFORMIDADE formam o pior dialético da História da Humanidade. Um não desaparecerá se o outro não *desaparecer também*.

Mas aquilo que, na vida social é tido, no mínimo como lamentável, em família, passa como *natural*, isto é, *inevitável* e *imutável*. A maior parte dos atritos domésticos nascem desta fonte: a cobrança de que indivíduos obedeçam a papéis – porém, cada papel sendo definido segundo o "figurino" de quem cobra, pois os papéis nunca são muito determinados nem uniformemente definidos...

(*)*The Imperial Animal*, L. Tiger e R. Fox, M. Secker e Warburg, Great Britain, 1972.

O preconceito não é apenas uma frase ou um "pensamento" de todos; é também uma atitude, um personagem e... um papel, precisamente. De regra, a frase é estúpida – tipo "mulher que não é virgem não presta"; mas o papel e o personagem que dizem a frase existem e são poderosos, com o poder que têm todos sobre cada um – por força do papel – ou da posição.

Enfim, a reciprocidade – outra vez. Agora, como ÚNICA solução para a *falsa* identidade de todos com todos que se "identificam" com, ou no mesmo papel. Dir-se-ia que, ser Pai é muito mais importante do que ser José. Mãe, nem se fala...

Nas sociedades de castas – tomemo-las como exemplo – os deveres coletivos estão estabelecidos desde sempre, de *membro de casta* para *membro de casta* – seja entre os da mesma casta, seja entre indivíduos de castas diferentes. Não há a possibilidade de individualizar relações e, portanto, não há individualidade, pois que esta se resume em nosso modo peculiar de nos ligarmos às pessoas, sistemas sociais ou coisas. Na Índia, das castas nasceram as filosofias e as técnicas mais elaboradas para se cultivar a... individualidade. Dialética, como sempre.

Nestes regimes, a reciprocidade se estabelece entre as castas e não entre indivíduos

Lembrar que em todas as sociedades há muita coisa parecida com castas.

Todas as relações pessoais são substituídas por relações formais, – isto é, preestabelecidas e sempre as mesmas – de obrigações ou deveres de cada um em função de sua posição ou classe, e não em função de qualidade ou defeitos pessoais. Neste sentido, tais relações sociais se tornam ao mesmo tempo impessoais e despersonalizantes.

Em família, onde convivem *poucas pessoas durante muito tempo*, a individualização das relações pessoais seria muito mais fácil do que nos relacionamentos subseqüentes, muito mais *coletivos* pela sua própria natureza – falo da escola, do trabalho, do clube, do partido. Nestes grupos, o que importa são deveras "partes" das pessoas e não elas inteiras. Seria muito bom se a família se fizesse – e ela *pode* fazer-se –

O LAR DA INDIVIDUALIDADE

No seu desempenho atual, ela, antes, contribui para a manutenção da uniformidade dos indivíduos em cada classe, alimentando assim, continuamente , a guerra de classe.

"Amo por igual a *todos* os meus filhos!"

"Dou *sempre igual* para todos – são todos irmãos".

"As mães (pais crianças) são SEMPRE assim"

Tudo se resolve (!) em direitos e deveres dos *PERSONAGENS* tradicionais da família. É em família que vivemos a primeira guerra, senão de classe, pelo menos de papéis. Mas é claro que *cada* papel *dentro* de casa representa muitos outros indivíduos, em outras casas, atuando e exigindo *no mesmo papel!*

Cada um se faz uma categoria ou uma função social.

Depois, o reverso da medalha – ainda que, à primeira vista, não pareça.

"Doutor, veja o que ele faz comigo".

"Doutor, por que meu filho faz assim?"

Nestas frases, expressões das frustrações das pessoas, de tudo o que desejam e não acontece, em todas elas o tom é esse: "o que" ou "porque ele (ela) fez (faz) assim comigo?"

Muitas vezes o apelo é mais obscuro ainda: "porque ele faz assim" – simplesmente. Como se a pergunta fosse genérica, e não mágoa pessoal. "Por que ele faz assim?" – de modo tão estranho para mim, tão "anormal", tão esquisito.

Os outros são tão estranhos (porque não fazem como eu).

Na verdade, *todas* estas perguntas sofridas, podem ser traduzidas assim:

"Por que ele NÃO faz como eu gosto, prefiro ou preciso?"

"Por que ele não faz como *eu quero*" – esse o nível das relações de poder, implícito em todas estas perguntas, que oscilam entre a raiva (pela frustração) e a mágoa.

Quase nunca se coloca a questão assim:

O que é que EU faço para que ele *responda* assim?

Isto é, quase ninguém tem consciência de seus modos e atitudes. São esses modos e atitudes, essas caras, olhares, tons de voz de um que se encadeiam com os tons de voz, as caras, modos e maneiras do outro – também inconsciente de sua expressão não-verbal.

Hoje, há demonstração cinematográfica do fato: duas pessoas em diálogo *dançam* com os gestos, isto é, combinam gestos com muita precisão – quando se estão entendendo; e dançam muito mal quando se desentendem.

É praticamente difícil saber, nos casos de discordância, QUEM começou a briga – ou quando ela começou.

Seria preciso que os dois estivessem sendo filmados com um cronômetro de precisão, em cena, para saber qual foi o olhar, a raspada de voz, ou o gesto brusco que deu início à dissociação. Depois que começa, ela tende a piorar cada vez mais – como todos sabem – puro desespero – porque os dois estão perdidos.

A infinita maioria das brigas entre as pessoas começa por esses ligeiros sinais *não-verbais*, em correlação mais do que precária *com o que está sendo DITO*. Dir-se-ia que as "razões" são pedras que eu começo a atirar no outro DEPOIS de JÁ ESTAR COM RAIVA DELE. Podemos dizer estas coisas de modo mais familiar: quase ninguém tem consciência do que faz para provocar o outro, ou para desatar nele respostas inconvenientes, desagradáveis, de oposição, teimosia e mais.

Na verdade, muitas brigas acontecem porque, no momento do encontro, um dos dois ou ambos *já estavam* "prontos para brigar", preparados, predispostos.

Por vezes, pode até acontecer que a preparação para a briga nem dependa do interlocutor com o qual ela acontece. Por exemplo, o marido pode chegar em casa irritado com alguma coisa acontecida no trabalho ou no trânsito, e "descarrega" na esposa. Mas mesmo nesses casos, o marido não descarregaria, se não tivesse nada contra a esposa. Podemos nesse caso, dizer que ele está cobrando os atrasados.

É preciso insistir MUITO nas raízes NÃO-VERBAIS da imensa maioria das brigas e discussões entre as pessoas. São expressões, não raro, muito fugazes, difíceis de perceber. Mas as pessoas imediatamente, se concentram "no que ele disse" e "no que ela disse" e continuam a falar um contra o outro pelos séculos dos séculos, *sem se dar conta do inócuo da discussão* – que serve apenas para desabafar – para machucar – e para preparar a próxima briga – sempre a mesma.

Não era a hora de perceber que a guerra NÃO está na argumentação?

Como dissemos, esta opacidade frente às *próprias* expressões "ele é culpado", "um marido deve", está ligada àquilo *de que os atritos se produzem entre categorias sociais e não entre pessoas*; pelo não cumprimento de obrigações, e não por diferenças pessoais. O erro está em acreditar que estou com raiva porque "ela não fez o que devia" – e não porque eu es-

tou com esta cara ou este tom de voz. A culpa é dela porque, além do mais *eu* sempre faço o que devo – cumpro minhas obrigações...

Deveras, eterna discussão entre fantasmas ideais que pouco, ou nada tem a ver com a realidade – seja a realidade do outro, seja a minha.

É esta uma, e possivelmente a pior, das conseqüências da falta de reciprocidade.

Ele fez porque quis, porque é mau caráter, porque não compreende como *são* as coisas (como as coisas *deviam* ser). *Jamais* ele *tem razão* em fazer como faz – Porque eu não fiz nada para que ele fizesse assim.

O desentendimento humano é deveras profundo, e o principal responsável pela manutenção deste estado é a associação entre a palavra e a pseudológica da ideologia – a ideologia dos deveres e obrigações de cada "classe" social, ou de cada instituição, lembrando sempre que Pai, Mãe, Filho, Irmão são categorias sociais e não indivíduos. Indivíduos são José, Maria, Antonio etc.

Como vimos e dissemos, cada categoria social fala em termos de seus preconceitos próprios.

Ocorre continuamente um jogo de atribuições idealizadas; todos têm obrigações determinadas para com os ícones sociais – Pai, Mãe, Irmão, Avó –, e ninguém tem individualidade, nem presença, nem atenção para ser o que é, sabendo que é e assumindo que é.

De novo, qual a...culpa da Família nesta questão?

Não é culpa. É perda da oportunidade para que tudo comeze a acontecer de outro modo. Em família há *poucas* pessoas e isto é muito importante. Cada um pode perceber muito bem aos outros e iniciar um processo de acareação freqüente, de comentários e reparos, todos levando *a uma melhor compreensão e aceitação das peculiaridades de cada um* – de sua individualidade.

E levando à não menos importante compreensão de que "devemos" fazer *o que podemos* – o que *cada um* pode – ao invés de usarmos a reciprocidade na forma de opressão, policiamento e cobrança permanente – inútil e dolorosa – de cada um *contra* todos.

"Somos diferentes" – preciosa percepção e bendita aceitação. Que bom se ela acontecesse. A família é a melhor oportunidade para que isso aconteça.

Ao invés de acontecer, porém, todos esses péssimos hábitos, ao mesmo tempo intelectuais e morais, vão se eternizando *com a aprovação de todos.*

PROPOSTAS PARA A NOVA CONSTITUINTE
ou
Para um novo mundo

A partir de quanto ficou dito, podem ser feitas algumas propostas destinadas a melhorar o desempenho desta instituição social tão importante – a Família.

Receio que as soluções soem ao mesmo tempo como radicais e utópicas. Não creio que elas possam ser transcritas para o texto legal. Na forma proposta, elas destinam-se a

INICIAR O DEBATE

por demais necessário.

Elas propõem, SOBRETUDO, meios aptos a mudar a *mentalidade coletiva*. Sem esta mudança de mentalidade, sabemos, nenhuma lei será atuante.

Há tempos assisti mesa-redonda na TV 2 (fevereiro de 87), onde se discutia educação. Como sempre, pedia-se – com toda razão –, que 20% ou até 25% do orçamento federal fosse destinado a esta área. Desde criança ouço falar nesses números – que não acontecem em país nenhum.

Mas vamos na onda. Fico com 15%, usando um número só para clarear pensamentos. *Cinco* por cento seriam destinados à educação escolar – do primário ao superior, com bastante para o profissional.

Dez por cento seriam dedicados à

REEDUCAÇÃO FAMILIAR

de todos.

Algumas sugestões para aplicação destas verbas.

Seriam feitos programas de Tevê não só, nem principalmente, "aulas", debates e mesas-redondas; mas sim, e principalmente, dramatizações (novelizações) de problemas familiares comuns, mostrando-se, após o "drama", algumas alternativas inusitadas.

> Inusitadas, porque o único conselho que se dá para problemas domésticos é "agüente", "tenha paciência", "a culpa é tua", e "você devia", e "casamento é assim".

Exemplos de problemas típicos: a mãe superprotetora, o pai autoritário, brigas entre irmãos, o pai ausente, a mãe que grita muito, castigos para as crianças, casais que se agridem,

pai alcoólatra, mãe vítima. Veja logo adiante modelos de soluções diferentes dos conselhos inúteis de sempre.

Na tevê, ainda: após alguns capítulos de novelas de sucesso, reunião de especialistas discutindo o comportamento dos personagens, com "flash back" freqüentes destinados a avivar a memória dos tais espectadores e tornar a discussão mais interessante.

Seria o ideal, neste caso, poder mostrar também soluções diferentes das apresentadas na novela – sempre como encenação e não como discurso ou aula.

Nas escolas de Psicologia, Sociologia e Política, *cadeiras especializadas sobre família*. Estudo teórico, antropológico, histórico, comparativo, biológico, evolutivo. Nas mesmas escolas, uma outra cadeira: como fazer para comunicar ao *público* –

DE FORMA INTERESSANTE E FÁCIL

– o que os pesquisadores estão descobrindo de útil.

Hoje, provido de muitas escolas de psicoterapia, podem ser mostradas técnicas de melhor entendimento pessoal e familiar, ao mesmo tempo atuantes, interessantes e – não raro – engraçadas (pelo inusitado e pela surpresa).

A Análise Transacional, a Gestalt, o Psicodrama – e as técnicas corporais – dentre as que conheço – me parecem as mais promissoras.

Esses programas seriam feitos, é evidente, com assessoria de técnicos nestas áreas.

Em todos esses programas, debates, encenações e aulas, será *imperativo:*

Evitar Cuidadosamente
todos os Chavões
Ideológicos

De preferência *evitar* os termos Família, Pai e Mãe, Filho, Dever, Natural, Normal, Culpa e Obrigação.

Sem reforma lingüística não há
reforma de comportamento.

Metade do nosso cérebro serve só para falar!

Nada alimenta e reforça mais a Ideologia, do que os termos "consagrados" ("sagrados"!).

Sempre que possível, seguindo as propostas acima, falar em pessoas (Antonio, Elza, Vera) falar em reciprocidade (no lugar de dever, obrigação ou responsabilidade), falar em troca, negociação, grupo, coesão de grupo, abertura, alternativa, solução criativa. Após os programas melhor sucedidos, *publicação* dos mesmos em forma de folhetos bem feitos – e baratos.

Em todas as escolas – do primário ao superior – pelo menos duas horas corridas *semanais* dedicados *à família dos alunos*. O orientador convidará, e insistirá com os presentes para que façam *relatos pessoais sobre os costumes, hábitos e manias da família de cada um*. Depois, um tempo menor de debates e comentários.

E sempre evitando cuidadosamente a melação ideológica – do modo como ficou dito.

Nos Centros de Saúde, presença de equipes especializadas em problemas familiares, desavenças familiares, relações pais e filhos.

Equipes tão disponíveis quanto o dentista, o pré-natal, os anticoncepcionais, o pediatra e as vacinas.

SEMPRE evitando os conselhos ideológicos e *sempre* fomentando a SOLUÇÃO REAL e não os eternos e ilusórios, a mãe deve, o pai deve, a culpa é da sogra etc.

Além destes meios de reeducação coletiva e de acompanhamento individualizado, que se comece a pensar seriamente numa

Escola de Família

(ou de Pais)

– o que me parece imperativo.

As pessoas poderão até casar sem entraves, mas.

NINGUÉM TERÁ DIREITO A TER FILHOS

sem ter cursado a escola de Pais.

Eu a imagino com muitas reuniões de troca de experiências e debates, com muitas discussões em torno dos programas de tevê e da experiência de cada um com a *própria* família. Imagino a Escola, sobretudo com muitas horas de

CONVÍVIO

com crianças

Com crianças de vários idades, convívio de um para um, de um para vários, de vários para vários etc.

Sempre: convívio, observação, reflexão.

Sempre: durante as discussões, vigilâncias antiideológicas e verbal *severíssimas*.

A instalação de creches em grande número – o que já é de lei – ofereceria lugar de sobra para "estágios" de candidatos a pais.

É muito provável que estas escolas e as discussões fossem mostrando, aos poucos, que há pessoas bem-dotados e pessoas maldotadas para serem pais e mães. Mostraria até – eu creio – que há boas mães para nenês, que não são boas para crianças de sete a dez anos, ou para adolescentes – e vice-versa. Além de afinidades e facilidades para faixas etárias diferentes, seria preciso, em todas estas atividades reeducativas, cultivar insistentemente a noção, a vivência e a sensibilidade para

Afinidades Pessoais

– que existem, de adultos para crianças, de crianças para adultos. Tão dignas de respeito quanto as que existem entre adultos, seriam as preferências *pessoais* de criança para criança.

Este ponto, a meu ver, é o mais importante e a meta de todas as demais propostas. Precisamos todos cultivar porque em todos foi gravemente estropiado pelos "deveres" de amor – a capacidade de sentir, em cada momento, *quem* poderá nos ajudar – ou cuja companhia seja agradável; e quem seria inútil, mesmo que movido por obrigação "legítima" – ou até amizade verdadeira. Não é a qualquer momento que qualquer amigo nos faz bem – ou cuja presença desejaríamos.

Afinidades pessoais ou afeição simplificam, facilitam, tornam atraentes e prazenteiros todas as atividades feitas junto – *e "ensinam" mais do que qualquer outro método ou circunstância.*

Todo Mundo Sempre Soube Disso Muito Bem

– Só que nunca se faz assim.

Várias objeções ideológicas – papagaiada coletiva – precisam ser revistas (re-vistas: olhadas de novo).

Mentira que amo por igual a todos os meus filhos.

Mentira que amo a *todos* os meus filhos.

Mentira que estou *sempre* amando a meus filhos.

– Às vezes não estou amando nenhum deles.

– A alguns não conseguirei amar jamais (e ai dele – e de mim – se eu insistir em educá-lo – em vez de confiá-lo a outrem)

– A alguns receio – e posso até odiar.

A filiação biológica, de modo algum garante afinidades psicológicas ou adequação pedagógica.

Mentira que a mãe – ou o pai – é sempre a melhor educadora. Há mulheres capazes de reproduzir mas que, positivamente, não foram feitas para ser mães – e elas sabem disso. Deveriam ter o direito de requerer esterilização – se assim lhes aprouvesse. As creches da Escola de Família seriam ótimas para selecionar, *por experiência, pessoas com pendores* paternais e maternais.

Mentiríssima que mãe-e-pai servem para educar sobre todas as coisas – mesmo considerando apenas o comesinho, o cotidiano, o usual. A mãe brasileira – como o pai – é profundamente ignorante, inconsciente de si e do mundo, supersticiosa, crédula e não recebe apoio pessoal de ninguém. Muito pelo contrário, "Isso é com tua mãe" é, com certeza, a frase que mais se ouve em família. E ela que se arranje como puder. De regra, mal. Os pais brasileiros estão entre os mais omissos e relapsos do mundo, sendo *metade* deles alcoólatras crônicos.

E quase todos com a mentalidade que uma certa campanha de publicidade tornou ainda mais popular. O brasileiro quer, ou precisa, "levar vantagem", isto é, explorar em benefício próprio qualquer situação que se proponha. Mas ninguém generaliza a frase para ver o que acontece. Se TODO brasileiro leva vantagem, então TODO brasileiro é otário... Todos espertos, uns frente aos outros; logo, todos explorando sendo explorados uns pelos outros. É muito difícil governar um povo de ignorantes espertalhões e pretensiosos. Nunca ouço, nas falas políticas, acusações contra nossa incompetência como povo. Os Pais da Pátria nos salvarão *apesar* de nós mesmos...

Enfim, a coroação de todas as mentiras: a declaração populista de que o povo é sábio. Se o povo fosse sábio, não precisaria de governo; se o Governo fosse bom não precisaria nem de eleição – seria reeleito por aclamação coletiva...

Vimos, ao longo de todo o livro, a imensa ignorância e incompetência do povo – precisamente. Ele segue inconscientemente nossas péssimas tradições pedagógicas-familiares,

enquanto *fala,* ao mesmo tempo, das mil maravilhas da sagrada família inexistente.

Poucas pessoas sabem pensar dialeticamente.

O PENSAMENTO DIALÉTICO SE OPÕE À IDEOLOGIA FAMILIAR

Segundo a lógica derivada da ideologia, sempre há "princípios" e "conseqüências", isto é, Pais e Filhos. As "conseqüências" jamais poderão influir sobre os "princípios", isto é, os Filhos não podem ter influência sobre os pais. Esta, a meu ver, a raiz vivencial-ideológica de todo pensamento linear, de Causa e Efeito, de Pais para Filhos, de Poderosos para o povo – fundamento de todo pensamento conservador.

A lógica não nasceu na cabeça de nenhum gênio, nem do "espírito de objetividade" de alguns eleitos – ou malditos. Nasceu da vida vivida e sofrida, segundo o modelo da pirâmide de poder – começando com a pirâmide de poder da Família.

Não seríamos capazes de pensar em subordinação, nem em organização social (de classe) ou uniformidade, se não tivéssemos *vivido* a subordinação e a organização da sociedade em classes uniformes e uniformizantes. Esta é a mensagem básica de Piaget e a voz do óbvio: só se abstrai legítima e produtivamente a partir da experiência vivida.

O resto é demagogia e discurso vazio – palavras.

Será preciso deixar bem claro na campanha que, pretender "educar" duas ou três crianças com uma só mãe, em um apartamento com três dormitórios (que já é grande!) É totalmente impossível

Não pode haver educação socialmente significativa – preparação real para a vida como adulto do Mundo Novo, sem

Espaços Amplos
Alternativas de Lugar (Casas para ir)
Alternativas de pessoas com quem conviver.

Sem romper – ou combater – o exclusivismo, a possessividade e a ciumeira dos casais e das famílias, NADA que preste poderá ser feito. QUALQUER proposta será inútil.

E continuaremos nossa marcha em direção à aniquilação da Espécie. Será preciso dar muita ênfase; nas campanhas: deixe seu filho com o vizinho, com os tios, com os primos, com a família dos amigos dele – ou dos teus. Não só visitas, mas dias até semanas – conforme as circunstâncias.

Acostume-se o povo com a idéia de aceitar os filhos alheios, mostrando que, em havendo *várias* trocas, o trabalho e os cuidados *não* serão maiores. Filhos alheios, não raro, são mais fáceis de se levar do que os próprios. Em havendo – como dissemos tantas vezes! – *simpatia recíproca, o convívio com crianças pode ser muito gostoso* – além de muito proveitoso.

Aprender a viver se aprende convivendo
– simples, não é?
Todo mundo tem o que ensinar e o que aprender.

Nos prédios de condomínios, com mais razão nos fechados, seria tão fácil, tão bom e tão conveniente para TODOS os interessados se as crianças fossem reunidas em grupos, digamos, se cinco a dez, permanecendo juntas durante três a cinco horas aos cuidados de *uma só* mãe – ou de um casal. Os pais das demais crianças teriam desse modo, tempo de sossego, tempo para tratar da própria vida – ou de realizar seus caprichos favoritos. As crianças se divertiriam muito e aprenderiam bastante. Os pais, tendo alguma liberdade e a possibilidade de atividades próprias, na certa se encontrariam com os filhos em melhores condições psicológicas, mais capazes de paciência, tolerância e participação emocional – tão importantes.

Hoje seria *tão* fácil fazer assim – não é? Os condomínios parecem feitos de propósito para isso. Aí temos mais um modo, dos mais convincentes, para *demonstrar* não só a estupidez como os *graves malefícios* da Ideologia e dos Preconceitos. Elas

Impedem

soluções tão simples, tão fáceis, práticas e humanizantes, para problemas que, de outra parte, já não digo que sejam difíceis; são insolúveis, mortificando por toda a Eternidade todos os membros da Humanidade.

Sem alternativas de espaço e de pessoas, continuaremos a

Transferir

de Pai para filho, todos os nossos costumes familiares mais do que precários. Queiramos ou não, eles estão na raiz deste nosso Velho Mundo desumano e infeliz.

Além desta iconoclastia radical, demolição implacável de "verdades eternas", será *importante* – na verdade, mais importante – considerar o positivo, isto é

O QUE E COMO FAZER

Para surpresa de todos, creio que as mães, tão asperamente criticadas neste texto, serão as primeiras a me agradecer pelas campanhas propostas, pois que tendem a libertá-las de tantos deveres tão pesados e evidentemente tão impossíveis.

Muito paradoxalmente, o Governo que assumisse campanhas desta ordem, ao invés de perder eleitores, creio que se faria POPULARÍSSIMO, com alta probabilidade de eleição ou re-eleição.

A razão é simples e clara.

Em todos os pronunciamentos políticos fala-se de Constituinte, leis, decretos, medidas econômicas, desvalorização do cruzado, alteração da taxa de juros, coalizão partidária e quejandas. O povo não entende nada disso e não tem o menor interesse no palavrório dos poderosos mascarados. Na verdade, o povo descrê, cada dia mais, de toda essa falação obscura, e não tem quase noção do *quanto* é explorado através dela.

Jogos de poder de elites privilegiadas – e pouco mais do que isso. As promessas e a liturgia dos salamaleques e aparatos aparece aos olhos do povo como a Missa Católica – falada em latim com o sacerdote em trajes romano-medievais... Como é difícil falar com Deus!

Curto: o povo *não entende os políticos.*

Entendeu uma vez: no dia em que o presidente Sarney falou do Cruzado – falou para o bolso, para a mesa e para o salário de todos. Foi a primeira vez que vi o povo ganhar consciência política. Mesmo a famosa marcha para as "Diretas Já", parecia mais carnaval que política. O povo sabe – porque

já experimentou e sofreu mil vezes – que eleição importa muito pouco para ele – povo.

Se os políticos se pusessem a falar sobre Família, teriam receio que, tocando os Valores Sagrados, seriam imediatamente repudiados por todos. Nas últimas campanhas presidenciais, estaduais e para câmaras municipais

NINGUÉM DISSE UMA SÓ PALAVRA SOBRE FAMÍLIA
POR
MEDO

Mas se os políticos começassem a falar de Família, seriam

IMEDIATAMENTE COMPREENDIDOS POR *TODOS*
pois todos têm e sofrem com a família.

Não sei quantos políticos têm inteligência suficiente para compreender o alcance desta declaração; não sei quantos se dão conta de que, em relação a seu eleitorado, vivem falando sozinhos (de regra, sobre sua sonhada futura glória...) Autistas coletivos – eles, seus epígonos e as mil discussões sobre política e economia na tevê.

Os *ÚNICOS* interesses reais do povo, em relação à política são

SALÁRIO (E FAMÍLIA)

De resto, eles não entendem nada, nem têm desejo algum de entender, sabendo, desde o começo, que política democrática é a forma atual de opressão e exploração do povo.

Ao lado da demolição ideológica, uma reconstrução deveras realista e idealista, a um tempo só, obedecida aos seguintes apelos.

Idealistas porque, hoje, parecem ridiculamente utópicos no nosso mundo, onde o homem continua lobo do homem; realistas porque, se não conseguirmos fazer algo assim, considero praticamente certa nossa autodestruição.

Os princípios do Novo Mundo seriam algo como:

TODOS PRECISAMOS DE TODOS

Logo, seria muito bom se aprendêssemos a nos tratar melhor, com mais decência e mais verdade. Lembrando que na Aldeia Global, criada pela Comunicação, mais do que

em qualquer outro mundo, o que cada um faz repercute em todos os demais.

A COOPERAÇÃO É A ESSÊNCIA DA HUMANIZAÇÃO

O homem – caçador durante mais de um milhão de anos, – sobreviveu e tornou-se "O Rei da Criação" porque um homem sozinho é invariavelmente comido; em grupo, ele é invencível. Foi o grupo de caça, além disso, que lhe ensinou a pensar no futuro (planejar), a reconhecer que cada um é bom em algumas coisas e não tão bom em muitas outras – e tanto mais(*). Temos, pois, para essa cooperação, base instintiva muito segura.

TROCAR, NEGOCIAR, TRANSIGIR, DAR E RECEBER SÃO ATOS CARACTERISTICAMENTE HUMANOS – E HUMANIZANTES

Nenhum outro animal conhecido faz nada disso. De novo, há base instintiva profunda para essa rede de interesses comuns, que são "naturais" enquanto guardam certa proporção ou justiça, isto é, satisfação para *todos* os interessados nas trocas.

A RECIPROCIDADE ENTRE PESSOAS, GRUPOS E POVOS É A MAIOR E A MELHOR GARANTIA PARA A SOBREVIVÊNCIA E DESENVOLVIMENTO REAL DA HUMANIDADE (da espécie humana)

Tudo o que não é recíproco é exploração e opressão, gerando interminavelmente humilhação, rancor, desejo de vingança, de violência e... de substituição. Isto é, *se o* oprimido consegue tomar o lugar do opressor, pouco depois começa a fazer *exatamente igual a ele.* Neste particular, a História é tão nauseante quanto em tantos outros aspectos.

Também poderíamos dizer – e eu gosto muito – que o único amor verdadeiro – tão falado – consiste exatamente nisso, uma troca jústa, muita cooperação e uma reciprocidade, tão perfeita quanto possível – ou um aprendizado VITALÍCIO de cooperação e reciprocidade.

(*) *The Imperial Animal*, L. Tiger e R. Fox, M Secker & Warburg, Great Britain, 1972.

As gerações sucessivas nem tentariam se-compreender intelectualmente na certeza de que isso é *impossível*. Experiências tão distintas geram semânticas altamente divergentes, e o fato de todos dizerem as mesmas palavras, gera, em todos a ilusão fatal que estão dizendo a mesma coisa – morte, na verdade, de toda compreensão genuína. Gerações distintas podem se entender, sim, e conviver bem, mas através dos sentimentos, da intuição, da imaginação, do brinquedo, das emoções, das sensações de carícia e contato, da atenção cuidadosa de uns para outros. O que já é muito, deveras.

Sempre em interação, tentar-se-ia garantir aos jovens as formas de convívio social que lhes parecessem mais convenientes. Será preciso investigar e experimentar os modos e a idade ideais para afrouxar laços familiares. Na certa, desde muito cedo e, na certa, pouco a pouco.

Quero dizer: é essencial romper com os laços compulsivos e inconscientes da tradição, e isso só será conseguido se forem afrouxado os laços familiares.

SEM O CULTIVO DO SENSORIAL E DO ERÓTICO NO CONTATO, AS PESSOAS JAMAIS SE ENTENDERÃO VERDADEIRAMENTE, TRATANDO-SE SEMPRE "À DISTÂNCIA", O QUE SIGNIFICA – SÓ POR SI – RESERVA, DESCONFIANÇA, SUSPEITA.

Enquanto não resgatarmos nosso pecado original (todos pensam que é o Sexo, embora a Igreja diga que é o Orgulho), seremos pecadores, isto é, segundo Santo Tomaz, estaremos, cada vez mais, longe de Deus (mais longe uns dos outros). Nosso Pecado Original é, de fato, a distância gerada pelo Orgulho de nossa Miséria – que julgamos poder esconder de todos; (somos *todos* "acima de qualquer suspeita"...). Só com a elaboração do contato – que é inerentemente erótico (prazenteiro), conseguiremos nos aproximar mais e cooperar melhor. Nada mais gostoso do que tra-

balhar junto de quem nos dá e a quem damos muito prazer – como dissemos. E se forem muitos aqueles com os quais trocamos prazer, amor e felicidade, então teremos aí, assim e então, forças reais de aproximação, capazes de nos manter unidos de um modo que os seres humanos jamais conheceram.

Que assim seja.

EPÍLOGO

Brinde ESPECIAL para os leitores que tiveram coragem de chegar até

este amargo fim.

(Homenagem especial, ao mesmo tempo, à revista "MAD" e ao jornal "O PASQUIM" – ambos notavelmente realistas ao publicar a História (interminável) da Estupidez Humana)

COMO PAGAR A Dívida Externa Brasileira,
ou
Como encher o mundo com BRASILEIROS
ou
como realizar o sonho MEGALOSSEXUAL do machão sul-AMERICANO subdesenvolvido

TUDO DE UMA VEZ SÓ

(Ao preço deste eufemismo exótico – Orgulho Nacional)

Comecemos com o discurso deveras edificante de uma certa mãe brasileira, daquelas que são, efetivamente, modelos universais de amor materno. Trata-se de um fato verídico – felizmente, muito comum – dada a qualidade reconhecidamente superior das mães brasileiras em relação a todas as demais.

A essa heroína anônima, uma favelada, já mãe de quatro famintos, lhe foi proposto, por uma dessas mulheres ricas, egoístas e odiosas, que seu quinto rebento passasse aos seus cuidados e ficasse sob a responsabilidade pessoal e financeira da vilã milionária.

Qual a resposta da gloriosa mãe brasileira?

"Eu ? Dar o MEU filho para outra mulher? Como ousais fazer tão degradante proposta? sou MÃE – sabeis? Meu filho *ficará comigo até a morte* – se necessário for. E morte de fome, pois pouco e nada temos para comer neste lar (barraco) humilde – mas digno".

"Uma mãe JAMAIS abandona um FILHO"

(Cai o pano – ou o barraco – sob os aplausos delirantes da platéia).

Custa-me até continuar o discurso, após momento tão dramático – verdadeiro final infeliz de uma novela da Globo. A qual, aliás, vem trazendo, a público com uma freqüência considerável, episódios assim, nos quais contrabandistas perigosíssimos, mais astutos que o 007, vêm raptando crianças absolutamente miseráveis para – imaginai que infâmia, senhores! – para *exportá-las*, principalmente para a Europa – esse covil de receptadores.

Crianças de poucos dias, ou, no máximo, de poucos meses.

Sabe-se lá que projetos nefandos têm os europeus em relação a esses inocentes. Aceitam *até* negrinhos! Na certa, para os mais horrendos rituais de magia civilizada ou quiçá – monstruosas orgias sexuais... Sabeis, crianças de poucos dias são saborosíssimas... Note BEM leitor: eu NÃO ESTOU falando de tráfico de brancas menores. Estou falando de *nenês* – não esqueça. Depois você vai dizer que a MINHA cabeça é suja... POLÍCIA FEDERAL em cima deles – pelo amor de Deus! Vamos salvar as inocentes crianças brasileiras com toda a urgência, punir esses monstros psicopáticos (os contrabandistas) e logo mostrar outra vez, em dez "Fantásticos" sucessivos, a eficiência desta polícia de elite na repressão ao crime inominável.

E o povo vibra, vibra, vibra de Orgulho Nacional – enfim resgatado.

Palmas estrondosas, intermináveis, de 150 milhões de brasileiros,

TRINTA MILHÕES
DOS QUAIS SÃO CRIANÇAS ABANDONADAS
E MORRENDO DE FOME

Por causa – entre outras – de nosso Orgulho – Nacional

Mas isso é azar – Sabeis! Nossa Senhora Aparecida vai se apiedar deles e logo logo 95% estarão mortos (sem nunca ter vivido) e 5% serão delinqüentes irrecuperáveis. Mas continuarão AQUI – entre NÓS – Brasileiros – até que a morte nos separe. Mas isso é assim mesmo – sabeis. É a vida... Que se há de fazer!

(Soluços sentidos do povo – tão rico de sentimentos...)

A primeira destas estórias, quando vi na tevê, quase me fez cair da cadeira. Antes de mais nada porque eu sei bem (e creio ter mostrado bem para os leitores) – o que significa Orgulho e Glória Nacional – nossa ou de quem for. Comprometeu meu equilíbrio na cadeira, sobretudo o tom de indignação moral do palavrório vazio.

Veio-me em letras de fogo (como os Mandamentos para Moisés) o número monstruoso: Trinta milhões, trinta milhões, trinta milhões de famintos, de abandonados, de brasileiros-gafanhotos, de brasileirinhos-ratos, gerados a beça, sem nenhuma, nenhuma, nenhuma responsabilidade de ninguém, de ninguém, de ninguém. Viva o BRASIL!

Nascem como ratos e gafanhotos, e morrem como ratos e gafanhotos – aos milhões.

E quando os europeus, em vias de auto-esterilização, se dispõem a pagar o que, para nós, são pequenas fortunas, a fim de poder

AMAR, CUIDAR, ALIMENTAR, VESTIR E EDUCAR

um brasileirinho condenado ao inferno da inexistência torturada, nós, em nome desta coisa que ninguém sabe o que é, nos

levantamos unânimes aos gritos heróicos de

DEIXE MORRER DE FOME! DEIXE MORRER DE FOME!

Aquele cara europeu e este brasileiro desnaturado o ("contrabandistas") são dois tarados sem nome, e sem Lei.

POLÍCIA FEDERAL EM CIMA DELES – é isso aí!

Viva o Fantástico, Viva a Globo, disposta a empenhar todos os seus bilhões em campanha tão nobre – e tão desnecessária!

No entanto...

Nossos bilhões de sub-brasileiros poderiam ser espalhados pelo mundo para INFINITA SORTE deles – nossa e do país –, se tivéssemos um mínimo de espírito prático e

NENHUM

Orgulho Nacional.

Era só exportar crianças, esses frutos espúrios da fúria sexual deste Macho Indomável que é o Latino-americano em geral – e o mirabolante brasileiro em particular. A US$ 10 mil a cabeça (preço da praça em 1980), 30.000.000 de ratos e gafanhotos brasileiros famintos renderiam – se ainda sei multiplicar –

300.000.000.000,00

de

DÓLARES!!!

o que é aproximadamente, três vezes o valor de nossa dívida para com os explorados internacionais.

Mas não vamos ser TÃO otimistas. Não sei se o mundo quer tantos brasileiros assim (ou quer tanto assim aos brasileiros). Mas, escolhendo os produtos menos deteriorados e fazendo descontos pelo atacado, talvez conseguíssemos vender um terço do estoque, já suficiente para nossos fins. E com um refinadíssimo prazer adicional de vingança: os famigerados banqueiros iriam pagar, com dinheiro que nos roubam,

o sustento e a educação de NOSSOS filhos!

Com outras vantagens adicionais MUITO importantes.

Toda essa ninhada de ratos começaria a ser bem tratada, como uma criança deveria ser, alimentada, educada, vestida, agasalhada, teria um teto e chegaria até – imaginem! – a ser AMADA...

Mais: seguindo a conversa dos biólogos, estaríamos espalhando pelo Universo nosso preciosíssimo

GENOMA

verde e amarelo.

Tudo, deveras, imensamente azul. ISSO é que é Orgulho Nacional – com MUITO sentido. Enfim, poderíamos viver assim. O recurso é inexaurível – principalmente depois que os primeiros rendimentos acabassem com a fome de tantos. Fácil de produzir, até agradável! O macho brasileiro poderia esbaldar-se – para *benefício de todos!*

Ouço dizer que os franceses estão tão cansados deles mesmos que pouco ou nada se reproduzem.

Seu governo dá licença de trabalho para mãe e pai, ajuda com bastante dinheiro vivo, e se lá, alguém tiver dois filhos ou mais não precisa fazer mais nada na vida.

Na Alemanha Ocidental também. Na Inglaterra há mais velhos do que qualquer outra coisa, e nos EUA, pagar aposentadoria está começando a ficar mais caro do que a "Guerra nas Estrelas".

Bem-feito, bem-feito e mais uma vez bem-feito. Nossos gloriosos conquistadores, civilizadores, "desenvolvidos", "Primeiro Mundo" e sei mais o quê, estão se extinguindo por nenhuma coragem – ou interesse – em viver.

Têm tudo o que levaram de nós e a vida se lhes tornou tão sem sentido que não têm mais tesão para coisa nenhuma. Nem para se reproduzir...

Vou até acabar acreditando que Deus escreve deveras direito por linhas tortas.

Louvado seja ele.

E vamos ver se conseguimos esquecer nosso Orgulho de Miseráveis.

MEU ARTIGO PARA A CONSTITUINTE

Considerandos

– A geração de um ser humano é o ato mais importante para o indivíduo, para a sociedade e para a espécie.

– A geração de um filho é o único aspecto das relações amorosas que interessa *a todos*.

– Um novo ser humano é uma promessa e um encargo para todos.

– Até hoje, a geração de seres humanos foi deixada por inteiro ao arbítrio de cada um, sem a menor restrição; na verdade, este comportamento é tido como uma das liberdades básicas do ser humano.

– Este comportamento gerou seres pseudo-humanos, condenados à morte desde antes de nascer – morte pela fome. São centenas de milhões no mundo, e dezenas de milhões no Brasil.

– É sabido que há fome crescente no mundo – Fome atualmente inevitável. Estão incluídas nas áreas de fome várias regiões brasileiras.

– Alcoólatras crônicos perfazem mais de 50% (cinqüenta por cento) dos pais brasileiros. Deviam ser legalmente "cassado" de sua função paternal.

– O quanto é custoso e difícil criar e educar uma criança, assim como conviver, em poucas pessoas, anos a fio, sob o mesmo teto.

– Tudo quanto ficou escrito neste livro, "Família e Política", a respeito das dificuldades e deficiências sérias da educação familiar e, de outra parte, o valor e a importância social desta mesma educação.

Propomos

Para a nova Constituinte, os seguintes artigos e parágrafos.

Artigo 1º

Institui-se, por esta Carta Magna, o Ministério da Família.

O Ministério cuidará de tudo o que se refere à família, célula mater da sociedade.

Cuidará dos aspectos econômicos, sociais, psicológicos, de saúde, de educação.

§ 1 – O ministro desta pasta deverá ser necessariamente uma mulher.

§ 2 – A primeira tarefa do novo Ministério será mudar a mentalidade coletiva em relação à família, à custa de campanhas intensivas por todos os canais de comunicação disponíveis. (*)

§ 3 – A segunda tarefa prioritária do Ministério será a organização e implantação de Escolas de Educação Familiar.

Espera-se que, em futuro próximo, a passagem pela escola de família se faça obrigatória, condição para que os cidadãos brasileiros possam ter filhos.

Filhos havidos após a passagem pela escola, gozarão de prerrogativas legais especiais, das quais não gozarão os filhos havidos sem a passagem pela escola.

(*) No livro "Polftica e Famflia" estão contidas sugestões útêis para o cumprimento destes objetivos, assim como o arrasoado pelo qual se demonstra a necessidade desta mudança de mentalidade.

Convém dizer que o citado texto está longe de representar a opinião de uma só pessoa. O livro resume estudos, reflexões, crfticas e experiências de milhares de estudiosos da questão. Salienta-se: quase todas as principais correntes de pensamento psicoterápico. Foi a Psicoterapia, a ciência e a arte, que veio demonstrar as gritantes falhas da educação familiar tradicional. A ela vieram juntar-se estudos sociológicos e, surpreendentemente, biológicos, todos falando as mesmas coisas: existe uma famflia à qual, todos se referem como se existisse mas que não passa de Ideologia; e existe uma famflia real cheia de deficiências, responsável por muito sofrimento pessoal e por graves desvios sociais e polfticos.

Se o leitor achou muitas destas idéias por demais sumárias, mal demonstradas, precipitadas ou injustas; mas, apesar disto, o tema prendeu sua atenção e assim você quer fazer melhor justiça para com o autor, recomendamos que leia outros livros nossos, onde tratamos mais longamente da maior parte dos tópicos aqui propostos.

Em particular, nossos dois volumes denominados "O Livro Negro da Família, do Amor e do Sexo".

O primeiro chama-se "A Família de que se Fala e a Família de que se Sofre", o segundo, "Prazer e Poder", ambos da Editora Ágora, S. Paulo, 1986, ambos em segunda edição.

Se o tema importante da reeducação erótica ficou marcado em sua mente, então consulte "Sexo, Reich e Eu", da mesma editora, 1985, também em segunda edição.

O tema será subseqüentemente ampliado por um texto já em final de elaboração, "Fundamentos Biológicos das Funções Não Reprodutoras da Sexualidade".

Impresso na Prol editora gráfica ltda
03043 Rua Martim Burchard, 246
Brás - São Paulo - SP
Fone: (011) 270-4388 (PABX)
com filmes fornecidos pelo Editor.

BOSTON PUBLIC LIBRARY
3 9999 02477 561 9

Boston Public Library

COPLEY SQ
GENERAL L

For.
HQ503
.G35
1988

The Date Due Card in the pocket indicates the date on or before which this book should be returned to the Library.

Please do not remove cards from this pocket.

Família e Política – José Ângelo Gaiarsa

Nesse livro, o psiquiatra e psicoterapeuta José Ângelo Gaiarsa desmistifica os grandes personagens que compõem a ideologia familiar: a mãe perfeita, o pai abnegado, o filho vítima. Um livro exigente, onde todas as decantadas virtudes da família são viradas pelo avesso: em lugar do mito, um fantasma ameaçador. Um a um os males de todos nós vão surgindo pelas inteligentes mãos de Gaiarsa, todos no seio da "sagrada família".

ISBN – 85 274-0054-5

YO-BFL-832

ícone editora